



**ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA:
DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO**
Álbum da 1º edição

ORG. SANDRA M. F. BARELLA

**ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA:
DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO**

Álbum da 1º edição

SANDRA M. F. BARELLA



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CEAA – Centro de Artes e Arquitetura (Campus 8)

IMHC – Instituto de Memória Histórica Cultural (Campus sede)

LABTEC – Laboratório de Tecnologia (Campus 8)

IMC – Instituto de Materiais Cerâmicos (Bom Princípio, RS)

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

Especialização em Conservação Arquitetônica: diagnóstico e intervenção

1ª edição - 2017-2019

Cooperativa São Victor Ltda (1930/1934): diagnóstico e diretrizes conservativas

Carla Todescato Bernardi

O caso Moinho Covolan e sua preservação como patrimônio construído

Clarissa Zanatta

Sede social do círculo operário Ismael Chaves Barcellos: diretrizes para projeto de intervenção

Grasiela Zardin

Casarão linha Tuiuti em São Marcos (RS)

Ismael Canale Gomes

Casa Cammiotto - A materialidade da edificação e o elemento singular

João Pedro Signor

Antiga Cervejaria Continental (1920) - Análise e diagnóstico: diretrizes de conservação e critérios de intervenção

Josiane Siqueira

Diagnóstico Brasdiesel Comercial e Importadora Ltda

Mirangela Rossi

Casa família Basso - Caxias do Sul/RS: diretrizes para conservação e intervenção

Orildes Tres

Casa Camilo Marcantônio: diretrizes para elaboração de projeto de intervenção

Paula Lovatel Soso

Diretrizes para a conservação do patrimônio construído: Centro Cultural de André da Rocha, RS

Tanéia Roncato

ORGANIZAÇÃO

Sandra Maria Favaro Barella

PROJETO GRÁFICO

Carla Todescato Bernardi, Clarissa Zanatta e Josiane Siqueira

COORDENAÇÃO

Sandra Maria Favaro Barella

Arquiteta e Urbanista UNISINOS 1980, Especialista em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Históricos UFBA /VI CECRE/UNESCO 1988, Mestre em Planejamento Urbano e Regional UFRGS/ PROPUR 2010.

ORIENTADORES

Grasiela Tebaldi Toledo - Arqueóloga, Doutora em Arqueologia, IPHAN/RS

Casarão linha Tuiuti em São Marcos (RS) - Ismael Canale Gomes

Casa família Basso - Caxias do Sul/RS: diretrizes para conservação e intervenção - Orildes Tres

Luiz Merino de Feitas Xavier - Arquiteto e urbanista, doutorando em Planejamento Urbano e Regional, professor Universidade de Caxias do Sul

Cooperativa São Victor Ltda (1930/1934): diagnóstico e diretrizes conservativas - Carla Todescato Bernardi

Antiga Cervejaria Continental (1920) - Análise e diagnóstico: diretrizes de conservação e critérios de intervenção - Josiane Siqueira

Casa Camilo Marcantônio: diretrizes para elaboração de projeto de intervenção - Paula Lovatell Soso

Diretrizes para a conservação do patrimônio construído: Centro Cultural de André da Rocha, RS - Taneia Roncato

Henriette Justina Manfredini Baroni - Engenheira Civil, Doutora em Estruturas pela UFRGS, Professora Universidade de Caxias do Sul.

O caso Moinho Covolan e sua conservação como patrimônio construído - Clarissa Zanatta

Sede social do círculo operário Ismael Chaves Barcellos: diretrizes para projeto de intervenção - Grasiela Zardin

Casa Cammiotto - A materialidade da edificação e o elemento singular - João Pedro Signor

Diagnóstico Brasdiesel Comercial e Importadora Ltda - Mirangela Rossi

Robinson Carlos Dudley Cruz - Engenheiro de materiais, Doutor em Engenharia Mecânica, Professor adjunto e Diretor do IMC (Instituto de materiais cerâmicos da Universidade de Caxias do Sul)

Orientação e ensaios laboratoriais no IMC - Instituto de materiais cerâmicos.

CORPO DOCENTE

Prof. Me. Aldo Zat - UCS

Prof. Dra. Ana Elísia Costa - UFRGS

Prof. Ma. Ana Lia Dal Ponte Branchi - UCS

Prof. Dra. Ana Lúcia de Oliveira - UFPel

Prof. Me. Anthony Tessari Beaux - IMHC/UCS

Prof. Dr. Celso Bordignon - MUSCAP

Prof. Dra. Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro

Prof. Dr. Daniel Tregnago Pagnussat - UFRGS

Prof. Dra. Daniele Baltz da Fonseca - UFPel

Prof. Ma. Doris Baldissera - UCS

Prof. Dra. Eliena Jonko Birriel - UCS

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira - UFPel

Prof. Dra. Fernanda Lamego Guerra - NORI/UFRGS

Prof. Me. Givanildo Garlet - UCS

Prof. Ma. Jaqueline V. Caberlon Pedone - UCS

Prof. Dr. José Clemente Pozenato

Esp. Julia Brandt - DFG, Alemanha/IPHAN

Prof. Dra. Juliana Alves de Lima S. Niemczewski - UFRGS

Esp. Isabel Wagner - DFG, Alemanha/IPHAN

Prof. Dr. Luiz Antônio Bolcato Custódio - IPHAN/RS

Prof. Dra. Luisa Gertrudis Durán Rocca - UFRGS

Prof. Dra. Luiza Horn Iotti - UCS

Prof. Dra. Maria Helena Wagner Rossi - UCS

Prof. Dra. Maria Isabel Kanan - IPHAN/SC

Prof. Ma. Maria Matilde Villegas

Prof. Me. Maturino da Luz - PUC/RS

Prof. Dra. Manoela Rossinetti Rufinoni - UFESP

Prof. Ma. Natália Naoumova - UFPel

Prof. Dra. Rosane Piccolo - USP/CECI/UNESCO

Prof. Dra. Silvana Boone - UCS

Prof. Dr. Vladimir F. Stello - IPHAN/Laguna, SC

Revisão: Izabete Polidoro Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

A772 Arqueologia da arquitetura [recurso eletrônico] : diretrizes de intervenção no patrimônio construído / org. Sandra Maria Favaro Barella. — Caxias do Sul, RS : Educs, 2019.
106 p.; 21 cm.

Apresenta bibliografia

ISBN 978-85-7061-991-4

Modo de acesso: World Wide Web

Trabalhos de Conclusão de Curso, de 2017 a 2019, do curso de Especialização em Conservação Arquitetônica: diagnóstico e intervenção, promovido pela Universidade de Caxias do Sul.

1. Arquitetura — Conservação e restauração. I. Barella, Sandra Maria Favaro.

CDU 2. ed.: 72.024

Índice para o catálogo sistemático:

1. Arquitetura — Conservação e restauração 72.025

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira — CRB 10/1460

Direitos reservados à:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-970 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone / Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197
www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



SUMÁRIO

7	PREFÁCIO José Clemente Pozenato
9	APRESENTAÇÃO Luiz Antônio Bolcato Custódio
11	COOPERATIVA SÃO VICTOR LTDA (1930/1934): Diagnóstico e diretrizes conservativas Carla Todescato Bernardi
25	O CASO MOINHO COVOLAN e sua conservação como patrimônio construído Clarissa Zanatta
41	SEDE SOCIAL DO CÍRCULO OPERÁRIO ISMAEL CHAVES BARCELLOS: Diretrizes para o projeto de intervenção Grasiela Zardin
55	CASA COMMIOTTO: A materialidade da edificação e o elemento singular João Pedro Signor
61	ANTIGA CERVEJARIA CONTINENTAL (1920) – Análise e diagnóstico: diretrizes de conservação e critérios de intervenção Josiane Siqueira
81	CASA CAMILO MARCANTÔNIO: Diretrizes para elaboração de projeto de intervenção Paula Lovatel Soso
95	CENTRO CULTURAL DE ANDRÉ DA ROCHA, RS Diretrizes para a conservação do patrimônio construído: Tanéia Roncato

PREFÁCIO

Os textos aqui reunidos ilustram claramente os desafios que terá pela frente quem se dispõe a trabalhar pela preservação de um patrimônio cultural arquitetônico.

O primeiro deles é sem dúvida o diagnóstico do que tenha esse valor patrimonial. A arquitetura não é apenas uma técnica, mas “uma disciplina que inclui uma série de estudos e de conhecimentos”, como ensinou o arquiteto romano Vitrúvio, já no século primeiro antes de Cristo, em seus “dez livros sobre arquitetura”.

Assim, quem quiser atuar na área de preservação deve possuir uma visão histórica, e não apenas isso. Uma visão antropológica que ajude a definir valores culturais é também essencial. Uma visão ética, no sentido de sempre valorizar o que deve ser valorizado, é também decisiva, até mesmo para “educar” os detentores de um patrimônio arquitetônico, que nem sempre têm a devida consciência da obrigação de preservar esses bens.

Cada um destes textos é a pequena história de um trajeto percorrido por esses caminhos. Vale a pena percorrê-los junto.

José Clemente Pozenato
Outubro de 2019

APRESENTAÇÃO

Este e-book denominado “ÁLBUM da 1^a Edição” apresenta os resultados acadêmicos do primeiro Curso de Especialização em Conservação Arquitetônica: Diagnóstico e Intervenção (2017-2019), promovido pela Universidade de Caxias do Sul.

A UCS tem larga tradição na pesquisa, documentação e valorização das paisagens culturais que envolvem o patrimônio material e imaterial da região. Iniciou o estudo, em âmbito regional, em 1974, com o projeto Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas do Nordeste do Rio Grande do Sul - ECIRS. Reconhecido pela excelência, apoiou o trabalho do IPHAN desde os anos 1980, participando decisivamente do processo de preservação de Antônio Prado. E esta linha de atuação continuou com o Instituto Memória Histórica e Cultural.

O Curso de Especialização é dirigido a profissionais de arquitetura e engenharia e aborda aspectos técnicos fundamentais para a formulação dos projetos que envolvem bens considerados de interesse à preservação. Trata de questões éticas que enfrentam os profissionais quando têm de intervir em obras construídas anteriormente, e que muitas vezes não são enfocadas na Graduação.

Dentre elas, por exemplo, o respeito ao princípio do *segundo homem*, proposto por Edmund Bacon, onde as preexistências e seus autores, são os protagonistas. E, como tal, fundamentais para a definição de critérios e limites das intervenções. Porque, sempre será o *segundo homem* quem vai determinar se a criação do primeiro permanecerá ou será destruída...

Nesta 1^a edição, sete trabalhos dos participantes apresentam uma abordagem abrangente de situações e soluções técnicas que exemplificam os conteúdos tratados no Curso cujo mérito é reconhecimento e valorização desses bens como patrimônio cultural regional e brasileiro conservado como tal.

COOPERATIVA VINÍCOLA SÃO VICTOR LTDA (1930-1934)

Diagnóstico e diretrizes conservativas

Carla Todescato Bernardi¹

RESUMO

Este texto trata de um estudo sobre preservação do patrimônio edificado da industrialização – a primeira edificação Cooperativa Vinícola São Victor em Caxias do Sul, RS e tem por objetivo, o embasamento teórico e a consolidação das pesquisas sobre o objeto de estudo, visando um diagnóstico que estruture as diretrizes conservativas propostas, tendo como principal resultado a elaboração de critérios gerais de intervenção.

Palavras-chaves

Patrimônio arquitetônico; Cooperativa Vinícola São Victor; Manifestações patológicas; Critérios de intervenção,

1 INTRODUÇÃO

Um projeto de restauração não pode ocorrer de qualquer forma. Tendo o objetivo de garantir a integridade e a perenidade de determinada cultura, as ações de salvaguarda devem ter critérios específicos e, neste sentido, os princípios do Restauro Crítico e as teorias de Cesare Brandi (2004) guiam por um caminho seguro. Dessa forma, a restauração não tem regras prontas e sim metodologia e conceitos estruturados na História e na Filosofia. Essa postura diante de trabalhos de restauro garante uma abordagem profissional ética e, se estruturada junto com estudos multidisciplinares evitam intervenções com visão individualista ou parciais. Aliado a isso, alguns princípios fundamentais citados por Kühl (2008) e enfatizados por Brandi (2004) são trabalhados de forma concomitante: distinguibilidade, reversibilidade, mínima intervenção e compatibilidade de materiais.

Sob este aspecto, o crescimento das cidades, os novos ciclos econômicos e a evolução tecnológica modificam o cenário e as necessidades industriais levando a um processo de substituição das estruturas, dentre elas os pavilhões industriais, que muitas vezes são simplesmente abandonados. Diante disso, destaca-se a importância da

11

¹ Arquiteta e urbanista. Especialista em Conservação Arquitetônica: diagnóstico e intervenção pela Universidade de Caxias do Sul, RS.

preservação como testemunho da história e de vivências que existiram e que aos poucos são transformadas.

Neste contexto a cidade de Caxias do Sul já teve diversos ciclos econômicos que marcaram a evolução industrial e a sua história. O primeiro deles foi o cultivo da uva e a produção de vinho, que deixaram marcas configurando o traço mais forte da sua identidade atual. A evolução industrial inicia com as atividades de forma artesanal, dando sequência no processo com as atividades industriais desenvolvidas nas próprias casas e, posteriormente, evoluindo para edificações exclusivas para a indústria.

Essa história está presente no patrimônio edificado da cidade, com ênfase no Largo da Estação Férrea, local de implantação do objeto de análise deste estudo. Com o intuito de preservar a identidade da cidade, a história e conservar o patrimônio construído da industrialização, o objetivo desse trabalho não tem caráter conclusivo, mas através do embasamento teórico e da consolidação dos estudos e pesquisas sobre o conhecimento do bem, visa realizar um diagnóstico e propor diretrizes conservativas com vistas a intervenção na primeira edificação do complexo da Cooperativa São Victor Ltda, localizada na cidade de Caxias do Sul, RS.

2 COOPERATIVA VÍNICOLA SÃO VICTOR LTDA

2.1 História e cronologia das edificações

12

A cidade de Caxias do Sul, inicialmente denominada de Colônia de Caxias, tem seus pilares estruturados na cultura trazida pelos imigrantes italianos cujo processo migratório teve início em meados de 1875. Contudo, somente, em 1910, foi finalmente emancipada a município, passando a ser chamada de Caxias. (COSTA, 2001). Nesse mesmo ano, foi contemplada com a inauguração da estrada de ferro, que ligava o município até a capital do Estado. Fato este que gerou uma importante alteração na sua configuração territorial. A oferta de uma nova forma de transporte dinamizou a economia, estimulou o desenvolvimento e o progresso naquela região, já que permitiu o escoamento de produtos agropecuários, madeira e vinho para os mercados das regiões Sul e Sudeste do país. (HEREDIA, 2017; BISOL, 2017).

Com isso, muitas edificações foram erguidas no entorno da Estação Férrea, devido à sua nova dinâmica e facilidades. Dentre essas edificações destaca-se o complexo da Cooperativa Vinícola São Victor, cuja fundação aconteceu em 21 de novembro de 1929. Em 1930 a Cooperativa São Victor se instala em prédio alugado, de madeira, sítio à Rua Sinimbu, nº 1107. Já em 1932, adquire a área defronte à Estação Férrea para ser seu novo endereço, com a clara estratégia de facilitar o escoamento dos seus produtos, caracterizando este momento como a fase de construção (RIBEIRO, 2011).

A Primeira fase de expansão abrange o período de construção da primeira edificação na Rua Augusto Pestana, concluída em 1933, considerada a mais importante do conjunto. Na Figura 1, observa-se a presença da Tanoaria Frezza & Cia situada na esquina com a Rua Coronel Flores. (RIBEIRO, 2011). A Segunda fase de expansão, sintetizada na Figura 1, destaca a construção de três pavilhões no entorno da edificação principal. A construção da segunda edificação, a oeste da principal, datada de 1935, apresenta um único pavimento com pé direito alto e abriga pipas de abastecimento de vinho e seus derivados. A terceira e a quarta edificação, também foram construídas na década de 30.

A Figura 2, foto da Cooperativa Vinícola São Victor na década de 50, contempla o cenário narrado na segunda fase de expansão e a Tanoaria à direita da foto.

Figura 2 – Cooperativa Vinícola São Victor na década de 50



Fonte: Coleção Cooperativa Vinícola São Victor

Figura 1 – Cronologia do conjunto arquitetônico



Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira fase de alteração e reforma das edificações (Figura 3) contempla quatro intervenções. Iniciando com a construção de um pavilhão novo, a quinta e última edificação do conjunto, com projeto datado de 1968, a obra era destinada para depósitos de garrafões. No final da década de 70 início da década de 80, foi alterado o pavimento superior e a cobertura da terceira edificação, recebendo uma proposta retangular, sem telhado aparente, para solucionar um problema de desabamento.

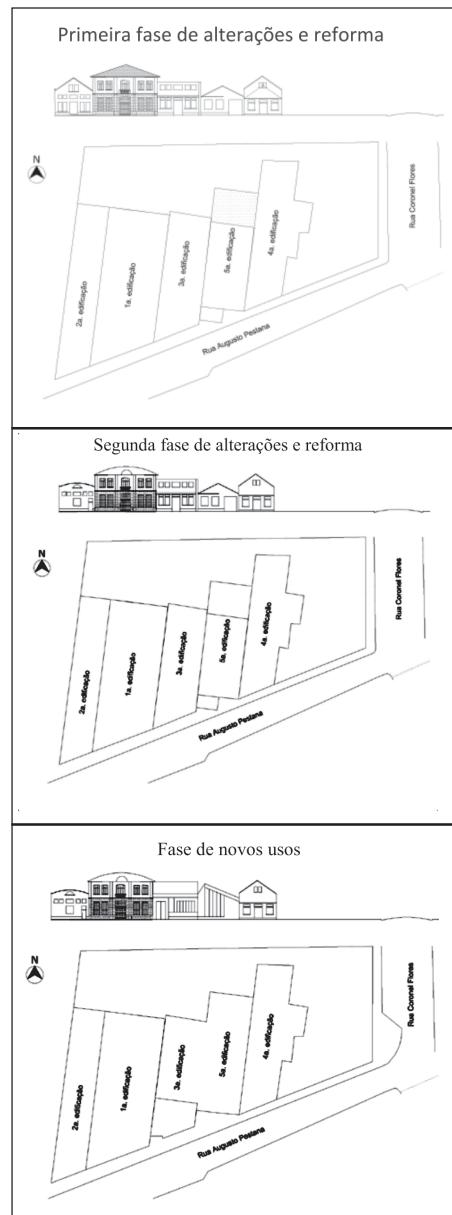
Em 1970 foi aprovado um projeto de reforma do pavilhão mais a leste do conjunto, aumentando a altura da edificação com o objetivo de receber pipas maiores e armazenar maior quantidade de vinhos e derivados. No ano de 1973 foi aprovada uma ampliação aos fundos do pavilhão construído em 1968 com 207 m². O projeto apenas atende à necessidade de ampliação sem características importantes a serem citadas.

A Segunda fase de alteração e reforma das edificações é marcada pelas modificações realizadas nas coberturas dos dois pavilhões tombados. As intervenções em semiarco nos oitões são características que permanecem até os dias de hoje, conforme pode ser visualizado na Figura 3. Em 2011 é registrada a criação da Cooperativa Nova Aliança Ltda, formada pelas Cooperativas: Santo Antônio e São Pedro, de Flores da Cunha; Linha Jacinto, de Farroupilha; e as caxienses Aliança e São Victor, a qual transferiu toda a operação para outros estabelecimentos.

As antigas edificações passaram a ser destinadas à locação. Assim, a fase de novos usos (Figura 3) contempla três momentos. A reforma respeitosa realizada em 2012 na quinta edificação onde as características das fachadas foram preservadas e foram realizadas alterações internas adaptando o pavilhão ao uso de casa noturna. Essa intervenção, permanece até os dias atuais assim como o uso.

Em 2014, novo uso foi dado aos dois primeiros edifícios a leste da edificação principal (casa noturna e restaurante), porém o projeto de reforma não teve o mesmo zelo pela história das edificações, desaparecendo por completo com características marcantes do conjunto, como os telhados em duas águas da edificação de 1968, relação de cheios e vazios, materiais entre outros. Nesse momento na edificação principal (objeto desse estudo) também foram realizadas obras de reforma no pavimento térreo.

Figura 3 - Cronologia do conjunto arquitetônico



Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro momento dessa fase de novos usos, contempla o Projeto de Restauro, aprovado em 23 de Janeiro de 2018 pelo escritório Bernardi e Todescato Arquitetura, da edificação principal e do pavilhão a oeste, (os dois edifícios tombados deste conjunto). A etapa de Levantamento Cadastral serviu de base para esse trabalho, e quanto ao uso proposto pelo projeto é de Museu das Cooperativas/ Vinho na edificação principal e loja de vinhos e afins na edificação à esquerda.

Quanto à valoração da edificação em estudo a mesma foi declarada de forma oficial e lançada no Livro do Tombo em 20 de Março de 2015, da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul contemplando a Edificação com área de 372,86m² (a primeira edificação do conjunto) e parte da Edificação com área de 523,60m² (a esquerda da principal). Também são declaradas tombadas como patrimônio móvel, quatro pipas situadas no interior dessa edificação (CAXIAS DO SUL, 2015).

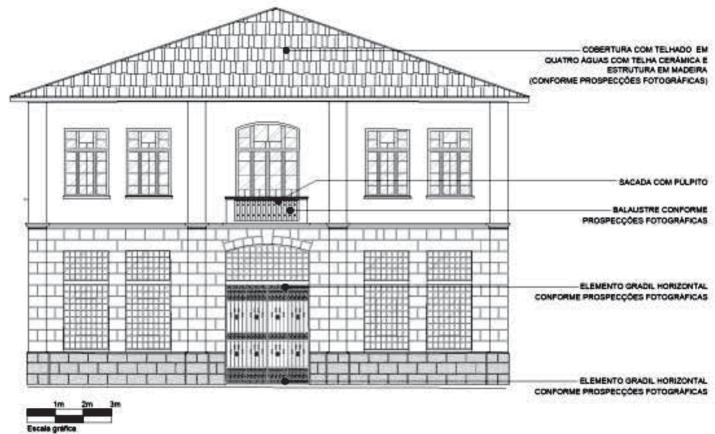
No âmbito estadual, considerando a necessidade de proteção do entorno do bem tombado, neste caso o “Sítio Ferroviário de Caxias do Sul” a Cooperativa Vinícola São Victor é inventariada como parte fundamental para a ambiência local e manutenção das evidências de contexto histórico na qual está inserida (RIO GRANDE DO SUL, 2005).

2.2 Análise evolutiva e originais autênticos

A escolha do primeiro prédio da Cooperativa Vinícola São Victor como objeto de estudo seguiu critérios que consideraram sua valoração oficial, através do tombamento municipal, seus elementos arquitetônicos e seu destaque no conjunto das edificações. Por isso, realizou-se uma análise evolutiva desta edificação e a identificação da sua condição original por meio de prospecções fotográficas. Estas análises permitiram constatar que apesar de terem sido feitas algumas modificações no prédio ao longo dos anos, apenas uma intervenção foi de grande escala na fachada, a cobertura.

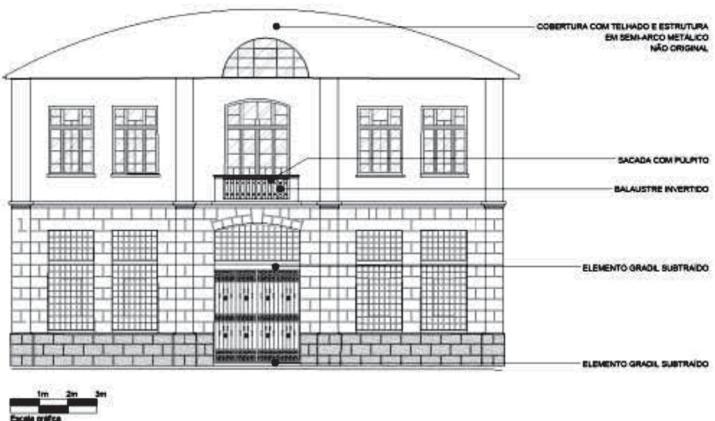
A fachada sudoeste, originalmente conforme Figura 4, apresentava telhado com quatro águas, telha de barro e provavelmente estrutura de madeira. A substituição por telhado de uma água, em semiarco com telhas e estrutura metálicas fazem o coroamento sem beiral frontal, resultando em um oitão em semiarco, conforme Figura 5.

Figura 4 – Fachada Sudeste original



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 5 – Fachada Sudeste atual



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à análise tipológica, a edificação é construída sem afastamento frontal, sendo a inclinação da rua definidor para sua implantação longitudinal e angulação na fachada. Apresenta princípio de organização linear e composição aditiva, por fazer parte do conjunto de edificações da Cooperativa Vinícola São Victor.

A ordenação da fachada principal é de característica unitária, apesar de apresentar base de pedra basáltica regular no térreo e o segundo pavimento em alvenaria de tijolos rebocados. É composta por elementos que acompanham a linha reta, presente nas esquadrias verticalizadas, nos frisos e nas pilastras na fachada. Apresenta simetria de eixo, ritmo na composição dos elementos cheios e vazios, marcados por eixo central através das esquadrias em arco superior abatido no acesso ao pavimento térreo e na sacada de púlpito do segundo pavimento.

Referente à análise técnico-construtiva, a edificação apresenta pavimento térreo estruturado em pedras de basalto retangulares com espessura maior que a alvenaria de tijolos rebocados no segundo pavimento (Figura 6). As paredes externas do pavimento térreo apoiam juntamente com pilares de madeira ordenados em dois eixos paralelos ao longo do pavimento, as vigas de madeira que por sua vez estruturam o assoalho de madeira (Figura 6).

3 LEVANTAMENTO CADASTRAL

O levantamento cadastral teve como base o levantamento topográfico realizado com o equipamento Estação total, com prisma refletor e leitura direta por *laser*. Foi realizada com a metodologia tradicional de cadastro por irradiação, com caminhamento de poligonal aberta através de pontos de estação implantados no entorno dos pontos cadastrados. Os pontos cadastrados foram definidos sobre foto da edificação (Figura 6), após visitas ao local e análise inicial da composição formal da edificação.

Os dados de campo foram manipulados em coordenadas planas XYZ, conforme Figura 6. O resultado foi uma modulação tridimensional formal dos elementos. Esse levantamento forneceu exatidão nas medidas básicas do edifício, vãos das aberturas, volumetria externa, espessura das paredes, relação do edifício com o passeio público e meio-fio. Internamente foram confirmados posicionamento das quinas das paredes, principais triangulações, prumadas e cotas de níveis.

Figura 6 – Foto da fachada sudeste, em 2018



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 7 – Foto do conjunto arquitetônico



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 8 – Análise técnico-construtiva

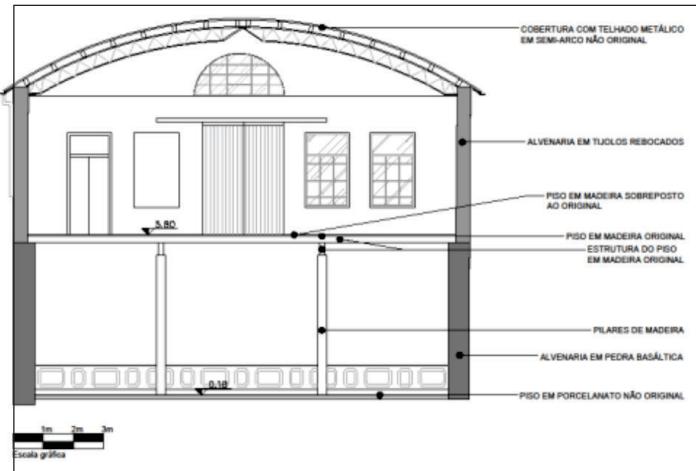
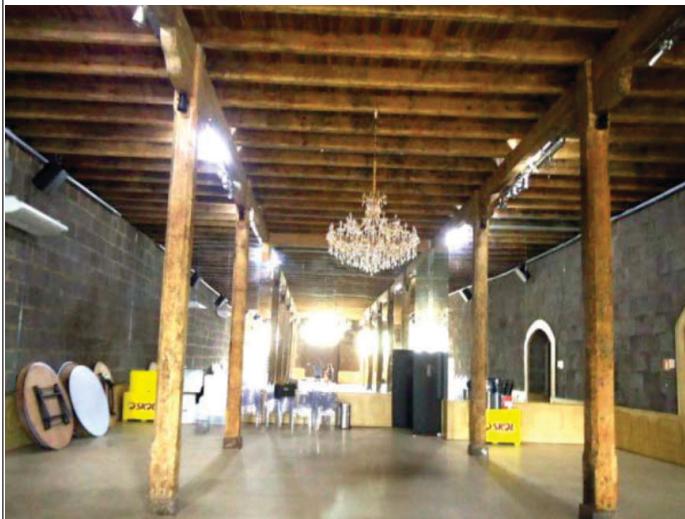


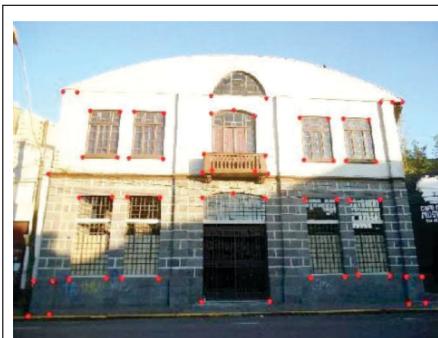
Foto da estrutura interna em madeira



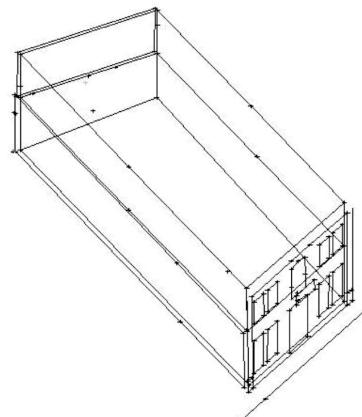
Fonte: Elaborado pela autora.

18

Figura 9 – Levantamento topográfico



Coordenadas X Y Z do levantamento topográfico

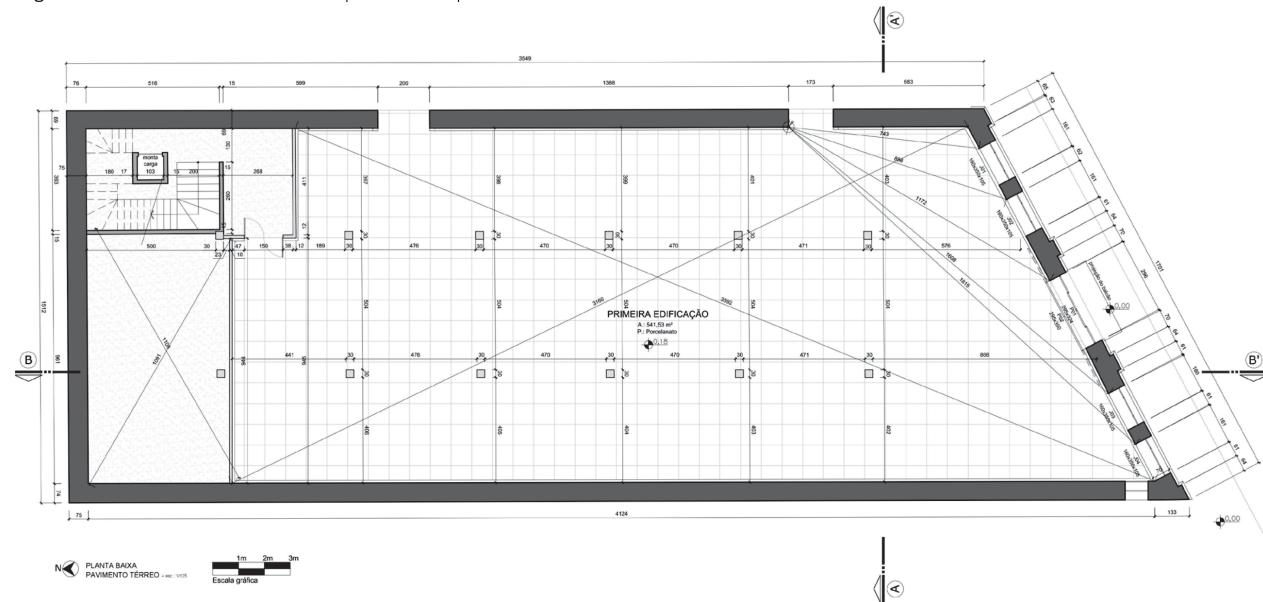


Fonte: Bernardi e Todescato Arquitetura.

Para a realização do cadastro completo foi realizado levantamento plani-altimetrico utilizando o levantamento topográfico como base e seguidos os seguintes procedimentos: medição direta e indireta no local, com lançamento imediato em prancheta de mão, levantamento fotográfico dos elementos levantados e informações para o meio digital. O levantamento das cotas horizontais foi realizado em trena única, e na mesma altura, confirmando as diagonais internas e as aberturas a partir de ponto único definido no local. As deformações e desaprumos das paredes foram definidos com o auxílio dos trabalhos de topografia.

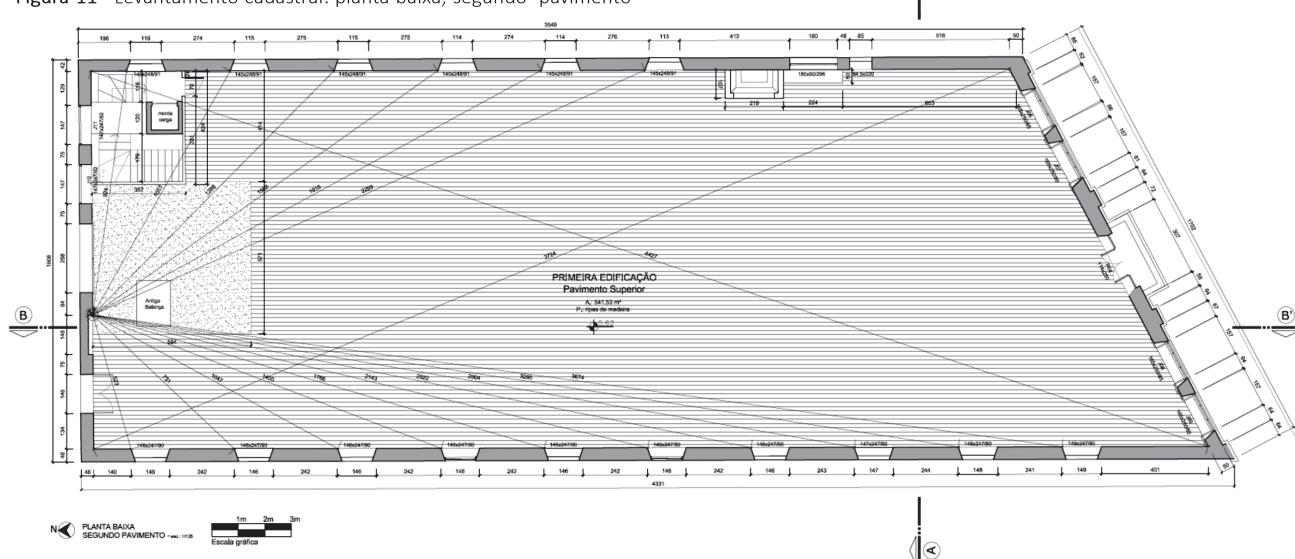
Na sequência, a Figura 8 e 9 apresentam a Planta Baixa do Pavimento Térreo e Superior.

Figura 10 – Levantamento cadastral: planta baixa pavimento térreo



Fonte: Bernardi e Todescato Arquitetura.

Figura 11– Levantamento cadastral: planta baixa, segundo pavimento



Fonte: Bernardi e Todescato Arquitetura.

4 MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS

O mapeamento das manifestações patológicas foi feito por meio do mapeamento de degradações e fichas por prospecções. O mapeamento de degradações juntamente com as demais análises, oferece um embasamento, para a elaboração das diretrizes conservativas adequadas, além de ser um instrumento de preservação da memória, pois é um testemunho das condições apresentadas pela edificação no momento do seu mapeamento.

O levantamento das degradações existentes na fachada sudeste e nas paredes internas do segundo pavimento da edificação principal do conjunto da Cooperativa São Victor foi realizado através da identificação *in loco* de cada patologia, registro métrico e fotográfico e transferência para o meio digital sobre o cadastro. Na fachada sudeste as degradações mapeadas estão classificadas em: ação da água; lesões; degradação dos materiais, biodeterioração e antrópicas. As patologias relacionadas no grupo ação da água que abrangem umidade descendente, umidade ascendente e umidade concentrada, são as mais recorrentes nesse mapeamento.

O grupo das **lesões** contempla as fissuras presentes no reboco e as rachaduras nas alvenarias enquanto o conjunto de *degradação dos materiais* compreende corrosão, craquelamento de pintura, reboco e alvenaria degradados e reboco descolado com eflorescências.

As degradações convencionadas no grupo de *biodeterioração* que conceitualmente é “qualquer mudança indesejável nas propriedades de um material causada pelas atividades vitais dos organismos” (HUECK, 1965) contemplam a presença de fungos, sujidade e vegetação de pequeno porte. As degradações mapeadas pertencentes ao grupo *antrópicas* estão diretamente relacionadas às ações do homem e contemplam modificação de elementos, vandalismo, elementos quebrados ou faltantes. Assim, as degradações existentes e identificadas no levantamento estão relacionadas com seus agentes e causas, conforme rigoroso mapeamento.

Além disso, complementando as análises das manifestações patológicas, foram realizadas fichas de prospecções que contribuíram com informações complementares à pesquisa histórica e ao levantamento cadastral, oferecendo condições para diagnosticar e definir critérios gerais de intervenção.

Figura 12 – Mapeamento de degradações: fachada sudeste

MAPEAMENTO DE DEGRADAÇÕES - FACHADA SUDESTE

CONVENÇÕES

ACÇÃO DA ÁGUA

- Umidade concentrada
- Umidade ascendente
- Umidade descendente

LESÕES

- Fissura - reboço
- Rachadura - alvenaria

DEGRADAÇÃO DOS MATERIAIS

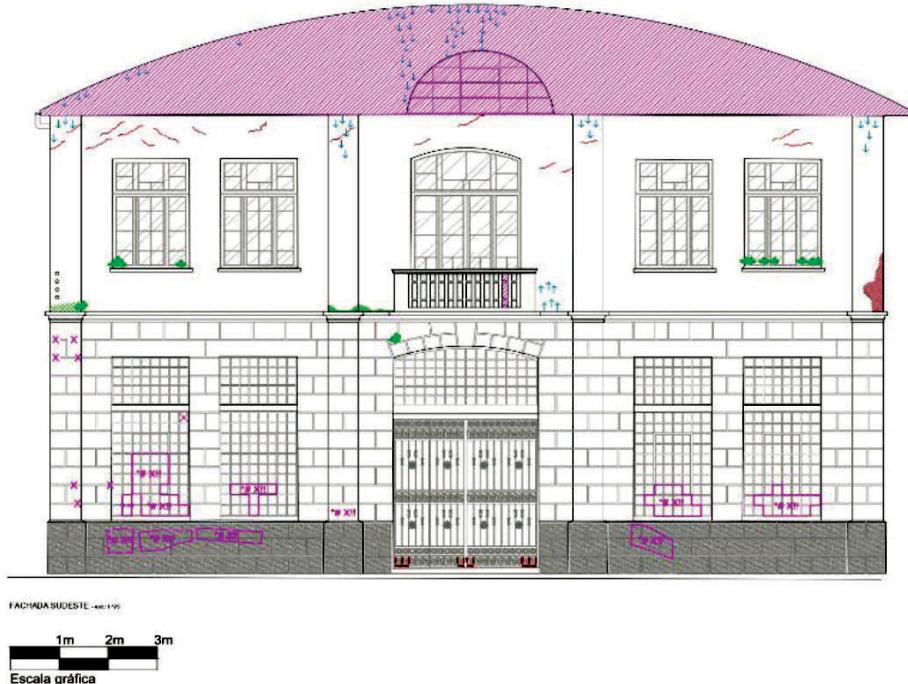
- Madeira rachada
- Reboço descolado e efflorescências
- Reboço e alvenaria degradados
- Craquelamento pintura
- Corrosão
- Crostas / manchas

BIODETERIORAÇÃO

- Líquens
- Vegetação de pequeno porte
- Musgos
- Excrementos e sujeira acumulada

ANTRÓPICAS

- Elemento modificado
- Elemento quebrado
- Vandalismo e pintagens



Fonte: Elaborada pela autora.

5 CRITÉRIOS GERAIS DE INTERVENÇÃO

Após a realização do levantamento de patologias da edificação e da análise do estado de conservação através de fichas e prospecções, para melhor conhecer o objeto de estudo e os agentes causadores das degradações, foi possível definir alguns critérios gerais de intervenção. Assim, inicialmente definiram-se os aspectos relacionados ao novo uso da edificação, onde foi enfatizado que a nova atividade recebida pelo edifício da Cooperativa Vinícola São Victor deverá contribuir para a longevidade da edificação. De forma clara, se o novo uso pretendido para a edificação exigir alterações significativas, irreversíveis, que comprometam sua estrutura ou gerem descaracterização, esta não deve ser atribuída à edificação.

Com esse discernimento quanto aos usos adequados ao edifício, os critérios gerais de intervenção são organizados em três grupos: *a conservar, a demolir e a construir* formando assim o conjunto de ações que norteiam uma possível intervenção.

Quanto ao critério *a conservar*, a carta de Veneza esclarece que antes de tudo conservar é fazer manutenção permanente. As ações de manutenção devem ser constantes e aplicadas antes da patologia se instalar na edificação, evitando assim intervenções maiores. A conservação não deve alterar a edificação e para isso é de suma importância seguir os critérios específicos para cada componente, sempre com um olhar multidisciplinar, de forma metodológica e afastando-se ao máximo do empirismo.

Quanto ao critério *a demolir*, os critérios gerais não permitem a remoção total ou parcial da edificação, em estudo, exceto se, após diagnóstico completo a supressão de determinada parte contribuir para a conservação do edifício. Neste sentido, após análise pormenorizada de diversos aspectos da edificação principal da Cooperativa, fica a demolição como critério de intervenção da cobertura, sendo que a situação atual compromete a leitura da composição arquitetônica gerando conflito de tipologia e morfologia.

Quanto ao critério *à construir*, deve-se observar que os mesmos respeitem a composição do edifício e do conjunto formado por todos os edifícios da Cooperativa Vinícola São Victor e a sua relação com o entorno. Os princípios de distinguibilidade e compatibilidade devem ser respeitados para escolha dos materiais que serão usados.

Em relação à cobertura, a forma poderá ser retomada através dos estudos de prospecção realizados neste trabalho. Quanto ao material a ser empregado, deverá representar o momento da intervenção sem obter

mais destaque que a leitura total da composição, restabelecendo a continuidade da forma.

Em relação à cobertura, a forma poderá ser retomada através dos estudos de prospecção realizados neste trabalho. Quanto ao material a ser empregado, deverá representar o momento da intervenção, sem obter mais destaque que a leitura total da composição, reestabelecendo a continuidade da forma.

Para concluir, ressalta-se que todo esse processo de preservação da histórica através da arquitetura se valida somente se a comunidade se apropriar do processo e da valoração do bem. Neste sentido, ações voltadas a educação patrimonial devem estar presentes durante todo o processo e democraticamente chegar a toda a comunidade, gerando conhecimento e contribuindo para o respeito a história e da cultura local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo realizou um diagnóstico e propôs diretrizes conservativas com vistas à intervenção na primeira edificação do complexo da Cooperativa São Victor Ltda, localizada na cidade de Caxias do Sul, RS. Assim, os resultados permitem destacar a importância de se intervir de forma correta na primeira Edificação da Cooperativa, seguindo os critérios do restauro crítico: conservando as características originais ainda presentes; suprimindo a descaracterização da cobertura; construindo o novo telhado respeitando a composição do edifício com as informações coletadas nas prospecções fotográficas; respeitando sua relação com o entorno e; utilizando materiais que garantam a distinguibilidade, compatibilidade e a reversibilidade da intervenção.

Tais ações possibilitam, além da manutenção da edificação em si, a sua permanência futura, bem como, a conservação da história da Cooperativa e do entorno da Estação Férrea, que contribuem para a preservação da identidade cultural da cidade.

Conclui-se com este estudo que todo o patrimônio arquitetônico deveria receber um diagnóstico rigoroso antes de qualquer projeto de intervenção, oferecendo dessa maneira critérios e metodologia de restauro que garantam a salvaguarda da cultura, através da arquitetura. A importância de um diagnóstico não é apenas para orientação das intervenções atuais, mas também como pesquisa e registro histórico do momento presente. Neste sentido, a educação patrimonial se apresenta como um caminho seguro no reconhecimento e valorização da cultura que pode estar estruturada com outras ações de cunho prático e de incentivo pelo poder público.

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. E. *O Patrimônio Urbano-Arquitetônico de Caxias do Sul (RS): Resgate Memorial das Edificações para Possível Utilização Turística.* 206f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade). Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade. Universidade de Caxias do Sul, 2017.
- BRANDI, C. *Teoria da restauração.* Ateliê editorial, 2004.
- CAXIAS DO SUL. Processo administrativo nº 2011037410. *Livro Tombo.* Caxias do Sul, 20 mar. 2015.
- COSTA, A. E. *A Evolução do Edifício Industrial em Caxias do Sul: De 1880 a 1950.* 2001. 192 f. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura) Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura- Departamento de Arquitetura. Caxias do Sul. 2001.
- HERÉDIA, V. B. M. *Processo de industrialização da zona colonial italiana.* 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2017. 292 P.
- HUECK, H. J. The biodeterioration of materials as a part of hylobiology. *Material und Organismen*, 1, 1, 5-34, 1965.
- HUECK, H. J. The biodeterioration of materials-an appraisal. In: *Biodeterioration of materials. Microbiological and allied aspects. Proceedings of the 1st international symposium.* Southampton, 9th-14th September, 1968. 1968. p. 6-12.
- KUHL, B. M. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos do restauro.* Ateliê Editorial, 2008.
- RIBEIRO, V. T. *Instrução de Processo de Tombamento Municipal.* Cooperativa Nova Aliança. Caxias do Sul, 2011.
- RIO GRANDE DO SUL. Portaria nº 011/05/SEDAC. *Diário Oficial do RS.* Secretaria da Cultura. Porto Alegre, 23 ago. 2005.

O CASO MOINHO COVOLAN

e sua preservação como patrimônio construído

Clarissa Zanatta¹

RESUMO

Este texto sintetiza o diagnóstico do estado de conservação do edifício que abrigou o antigo Moinho Covolan, na cidade de Farroupilha, RS. Esse edifício configura um palco para futuras intervenções arquitetônicas, por isso a importância de um estudo tipológico e morfológico que possa dar sustentação. Foram elaborados critérios e indicações do como preservar, que darão suporte para a elaboração de uma proposta eficiente de intervenção futura.

Palavras-chaves

Arquitetura industrial. Conservação. Critérios de intervenção.

1 INTRODUÇÃO

Com a evolução das cidades de economia industrial, tornou-se comum a transferência das indústrias, inicialmente localizadas nas áreas centrais, para áreas maiores nas periferias, mais baratas e com melhor facilidade de acesso. Com isso, muitos edifícios industriais tornaram-se obsoletos. Estes edifícios, além do valor arquitetônico que possuem, também foram locais de intensas vivências urbanas e eventos sociais, transformando-se, ao longo do tempo, em espaços de significativo valor social e histórico.

Contudo, esse reconhecimento de valor nos edifícios industriais não é suficiente para atuar de maneira criteriosa nos projetos de intervenção. A conservação do patrimônio exige levantamentos e diagnósticos críticos, para se chegar a melhor metodologia e interferir nestes monumentos, respeitando, sobretudo, sua história e sua trajetória no tempo.

A presença dos edifícios industriais no espaço urbano foi intensificada na região de imigração italiana a partir de 1910, pela inauguração da estrada de ferro em 1910 e pela instalação de energia elétrica em 1913, conforme observado por Costa (2001, p. 109). Vários edifícios industriais são implantados nas imediações das Estações Férreas, obtendo benefício com sua proximidade.

¹ Arquiteta e urbanista. Especialista em Conservação Arquitetônica: diagnóstico e intervenção, pela Universidade de Caxias do Sul, RS.

No âmbito industrial, sempre foi mantida a simplicidade compositiva dos edifícios, ou seja, rústicos galpões com fechamento e estrutura em madeira. Os prédios dos moinhos normalmente eram semelhantes às residências mais despretensiosas de madeira, onde o espaço equivalente ao porão abrigava o maquinismo de transmissão. Conforme Posenato (1983, p. 371): Fruto do senso prático dos imigrantes, quando a instalação industrial se localiza em prédio próprio, há um contraste notório entre o esmero, a precisão e o acabamento dos equipamentos destinados ao trabalho, e a despretensão e até descaso da própria arquitetura destas instalações [...]

A autora Kühl (2009, p. 40-42.) indica que, apesar do aumento significativo de estudos sobre a arquitetura industrial e as experiências práticas de intervenção, ainda não ocorre uma reflexão aprofundada sobre os conceitos e princípios de preservação para os projetos de intervenção. Conforme observado por Costa (2001, p. 26), somente um levantamento crítico é capaz de definir critérios de intervenção e de destinação de uso dos imóveis. Sem esse levantamento, é possível questionar se o ímpeto especulativo não tem levado abaixo importantes exemplares da arquitetura industrial e se as propostas de revitalização não têm prejudicado o desempenho original dos edifícios. A historiografia relata a arquitetura industrial brasileira como uma arquitetura sem expressão para atender à demanda daquele momento, ignorando estes edifícios como bens dignos de preservação.

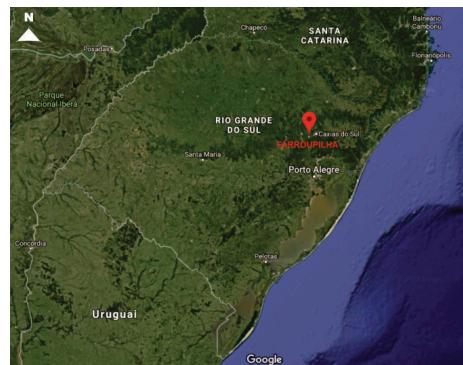
O edifício objeto de estudo foi construído para abrigar o antigo Moinho Covolan, no Município de Farroupilha, Rio Grande do Sul (Figuras 1 e 2). O local sempre pertenceu à família Covolan, desde o momento da sua construção até os dias de hoje. A edificação não possui nenhum grau de proteção patrimonial.

2 PESQUISA HISTÓRICA

Giovanni Covolan veio da Itália em 1876 estabelecendo-se em Caxias do Sul. Trouxe a experiência na moagem de trigo, e construiu primeiramente um moinho movido à roda dágua, em outra localidade. Por volta de 1920, um dos filhos de Giovanni, Antônio Covolan, viu uma oportunidade de negócio com a vinda do trem e mudou-se para Farroupilha. Adquiriu um terreno e iniciou as atividades do Moinho Covolan, em uma construção de madeira, com energia gerada por uma máquina a vapor, construída aproximadamente em 1926.

Logo após, a construção de madeira deu lugar a prédios de alvenaria, construídos em três etapas, por mão de obra local. As duas primeiras etapas foram finalizadas em 1937 e contemplam o prédio central mais alto e a edificação da esquina. A terceira etapa foi construída em 1942.

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização de Farroupilha



Fonte: *Google maps* 2019² - adaptado.

Figura 2 – Edifício objeto de estudo



Fonte: Acervo da autora (março de 2017).

Figura 3 – Em 1940, com apenas duas etapas do conjunto construídas



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Farroupilha

² GOOGLE MAPS. Disponível em: <http://www.googlemaps.com.br>. Acesso em: fev./mar. 2019.

Naquela época, o Moinho Covolan adquiriu um motor movido a gasogênio. A partir desta aquisição, conseguia produzir sua própria energia, vindo a fornecer energia para a cidade de Farroupilha do início da década de 40 até 1947. (BENVENUTI, 2017). A partir do final da década de 50, o moinho sofreu uma reestruturação e um processo de automatização, e os motores passaram a ser elétricos. Com o intuito de entender os usos industriais de cada parte da edificação e todo o processo fabril do moinho, a família Covolan desenvolveu, a partir de relatos orais de antigos trabalhadores do local e análise das estruturas e do maquinário remanescente no prédio, um esquema denominado “fluxograma industrial”, definindo a planta de fábrica e seu funcionamento (Figuras 3 e 4).

A edificação por várias décadas também serviu de residência para a família. Antônio Covolan faleceu em 1962, e a administração do moinho foi assumida pelos filhos. No início da década de 70, as ações do Moinho Covolan foram vendidas para a Tondo S/A, operando até 1986. Após o encerramento de suas atividades, a edificação passou a ser utilizada por uma empresa de produtos derivados do vidro, que esteve em funcionamento no local até 1995. Deste ano até 1998, o edifício foi apenas moradia de Gustavo Covolan.³ Entre 1998 e 2000, o imóvel ficou abandonado, tempo em que era lugar de abrigo para moradores de rua. A partir de 2000, Gustavo Covolan iniciou a reforma do local e o transformou no bar e danceteria *Muinho Club*,⁴ negócio que permanece

³ Gustavo Covolan, filho de Álvaro Wilson Covolan, único filho vivo de Antônio Covolan, responsável pela manutenção atual da edificação.

⁴ O *Muinho Club*, denominação que configura o uso atual do prédio e abriu suas portas como casa de eventos no dia 27.9.2008. “A escolha do local para o projeto surgiu a partir da necessidade de manter vivo um dos prédios mais antigos da cidade”, cita o proprietário Gustavo Covolan.

Figura 4 – Corte longitudinal

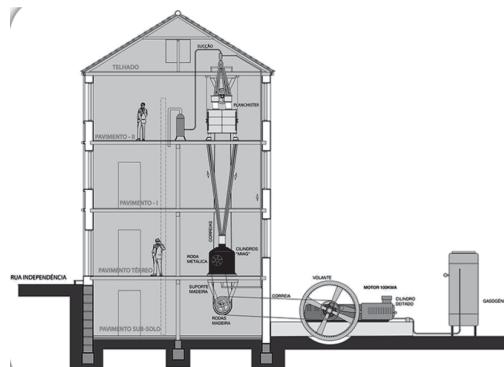
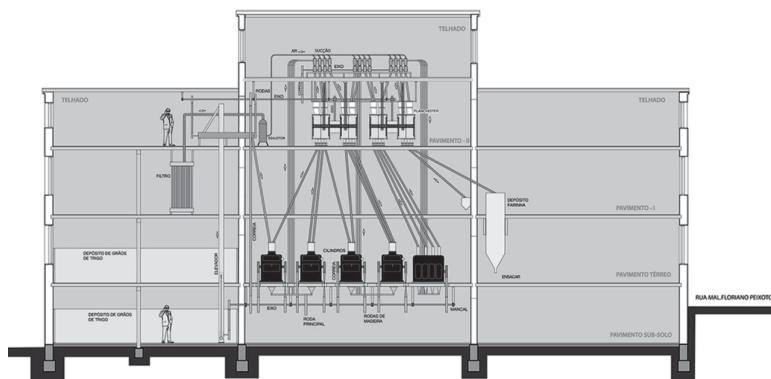


Figura 5 – Corte transversal



Fonte: Acervo pessoal da família Covolan. Desenho: Milton Casarin e Marcelo Covolan

até hoje, junto com o *Muinho Café*, aberto no final de 2018. O local ainda guarda elementos remanescentes da atividade industrial do moinho, como objetos, máquinas e ferramentas. Por iniciativa dos proprietários, um espaço foi reservado na edificação para expor à comunidade estes objetos, como um memorial à história do antigo Moinho Covolan. Em outubro de 2018, este memorial recebeu o Registro no Ibram⁵.

O edifício também é palco de muitos eventos voltados para a comunidade. O espaço cultural do *Muinho Club* organiza eventos culturais e sociais desde 2013: shows e exposições de artistas locais, encontro de alunos, exibição de curtas, oficinas e eventos gastronômicos.

3 ANÁLISE EVOLUTIVA, TIPOLOGÍCA E TÉCNICO-CONSTRUTIVA

Analizando a edificação e a sua implantação no terreno, foi observado que os prédios foram todos construídos no alinhamento do terreno, em ambas as testadas, o que resultou em um grande pátio de fundos. Na época em que o moinho operava, esse pátio era o espaço em que colocavam os motores do maquinário e por onde os cilindros eram abastecidos. Atualmente, esta parte possui anexos de intervenções posteriores, mas segue configurando um espaço vazio.

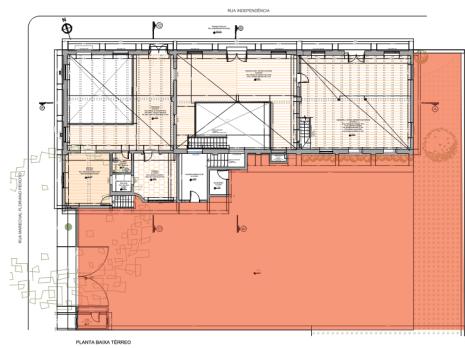
Dentro dos princípios de organização, os módulos da edificação possuem plantas livres conectadas, permitindo a circulação e o percurso. As janelas são simetricamente posicionadas e se repetem nas fachadas. As relações espaciais se repetem, já que todos os pavimentos são praticamente iguais na proporção de dimensões e altura, exceto pelo mezanino existente em toda a extensão vertical do edifício central, onde se localizavam os cilindros do moinho. Como características compostivas do edifício, ficava em destaque a simplificação na ornamentação, o ritmo das fachadas com o jogo de cheios e vazios, a marcação dos elementos verticais e horizontais nas fachadas, as coberturas com pontos elevados e pequeno beiral, e a volumetria simples e robusta.

Apesar da horizontalidade do volume, a fachada nos traz elementos verticais representados nas pilastras estruturais e nas esquadrias. Os pavimentos são destacados por frisos horizontais. Já no módulo ao leste, construído posteriormente, não foi executado este detalhe horizontal na divisão dos pavimentos. O ritmo dos vãos de portas e janelas é bem demarcado, apesar das intervenções que aconteceram nos três módulos, percebe-se o jogo de cheios e vazios.

Na análise técnico-construtiva, verifica-se que o edifício não possuía nenhuma excepcionalidade formal. A estrutura da edificação é de

⁵ O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) foi criado em janeiro de 2009, com a assinatura da Lei nº 11.906. A nova autarquia vinculada ao Ministério da Cultura (MinC) sucedeu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) nos direitos, deveres e nas obrigações relacionados aos museus federais.

Figura 6 – A configuração do pátio na implantação do terreno

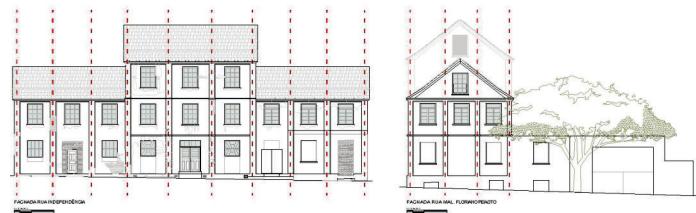


Fonte: autora - março de 2019.

alvenaria portante de tijolos cerâmicos maciços de olaria. As paredes do subsolo são em alvenaria de pedras, com aproximadamente 40 a 50 centímetros de espessura, enquanto as paredes dos pavimentos superiores aumentam a esbelteza à medida que o prédio se verticaliza, dada a diminuição da carga estrutural, iniciando no térreo com paredes de 30 a 35 centímetros e terminando com aproximadamente 20 centímetros.

Essa diferença na espessura das paredes é percebida apenas internamente e resolve o apoio dos entrepisos e assoalhos de madeira, adotados pelo conceito de que esse material era mais eficiente para a secagem do trigo. A face externa é contínua, sem demonstrar essa diferença de espessura. Pilares de tijolos marcam verticalmente a fachada, e servem de apoio para as vigas de madeira. Toda esta estrutura foi assentada sobre uma fundação de pedra basalto.

Figura 7 – Eixos verticais nas fachadas principais

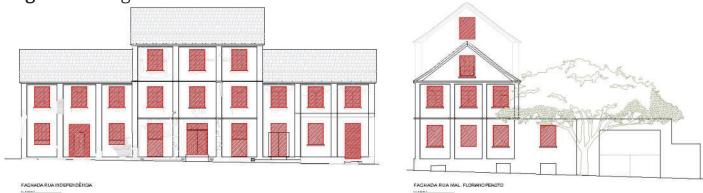


29

Figura 8 – Eixos horizontais



Figura 9 – Jogos de cheios e vazios



Fonte: autora - fevereiro de 2019.

4 DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

O diagnóstico da edificação tem como objetivo analisar o estado de conservação e indicar os critérios para uma futura intervenção acertada. É elaborado com base em um levantamento cadastral completo, nos resultados da análise do estado de conservação, incluindo o grau de originalidade, mapeamento de danos e a análise das manifestações patológicas, com indicação de causas de deterioração. Foram identificados e mapeados os principais danos da fachada norte (Figuras 5 e 6).

O edifício, em seu estado atual, é produto de transformações e ampliações. A edificação passou por diversas intervenções ao longo do tempo, mais recentemente pela troca de uso. Algumas dessas intervenções resultaram na descaracterização da edificação, como janelas, portas, abertura e fechamento de vãos originais, bem como reforma no reboco da edificação da esquina. Outras alterações foram necessárias para assegurar a estanqueidade e conservação do local.

A análise da origem da manifestação patológica, isto é, a causa, é essencial para que haja uma conduta de intervenção adequada para cada problema encontrado. Dessa forma, é possível realizar um restauro na edificação, que garanta que esses problemas não retornem brevemente, aumentando a vida útil do objeto, permanecendo, assim, por mais tempo para as próximas gerações.

Neste sentido, a elaboração das fichas iniciou com a identificação dos danos, foi feita a análise do estado de conservação, para chegar aos resultados com as indicações de critérios para futuras intervenções.

De origem física, a umidade é a manifestação mais presente em toda a base da edificação. O contato com a água desencadeia uma série de processos patológicos, que pode levar a perdas irreversíveis, especialmente em estruturas de madeira, ou revestimentos porosos. A água também prejudica bastante a estética das edificações históricas, fazendo parecer ainda mais deterioradas e à mercê de interpretações equivocadas de leigos ou profissionais não especializados, podendo condenar um edifício para a sua demolição. Superficialmente, a água manifesta-se pelo manchamento de superfícies, presença de áreas erosionadas, desplacamento de revestimentos, presença de micro-organismos, vegetação e eflorescências.

Figura 10 – Ficha 01: Identificação de danos principais na fachada norte

FICHA DE DIAGNÓSTICO - FACHADA NORTE

01

MATERIAL DO REVESTIMENTO

- argamassa
- pintura
- cerâmico
- pedra

MANIFEST. PATOL. MECÂNICAS

- retração / fissuras
- movimentação térmica / estrutural
- recalque
- descolamento da argamassa

MANIFEST. PATOL. ANTRÓPICAS

- pichação
- poluição / sujeidade
- falta de manutenção
- quebra/retirada de materiais

MANIFEST. PATOL. BIOLÓGICAS

- umidade
- pátina
- presença de microorganismos
- efflorescência

MAPEAMENTO DE DANOS

- 1 Desplacamento do reboco. Alvenaria exposta.
- 2 Alteração no vão existente (um de vários nessa situação).
- 3 Fechamento do vão existente (um de vários nessa situação).
- 4 Fissuras na vertical posicionadas sobre os vãos das janelas do 2º pavimento, existentes apenas no módulo da esquina.

Fonte: Acervo da autora (abril de 2019).⁶

⁶ Todas as fichas produzidas neste trabalho foram baseadas no modelo desenvolvido pela acadêmica ORTIGARA, J., na disciplina de técnicas retrospectivas (UCS), e adaptadas pela autora.

Figura 11 – Mapa de danos na fachada norte e B: Mapa de danos da fachada leste



32



Fonte: Acervo da autora -abril de 2019.

A principal causa do aparecimento da água no objeto de estudo foi o terreno e a condensação nas coberturas. No momento da construção do edifício, as ruas eram totalmente permeáveis e o nível do pátio ao sul era mais baixo, permitindo assim maior evaporação na base. No momento em que se reduziu a taxa de permeabilidade do solo, com a construção de calçadas, asfalto e aterro do pátio sul com revestimento em pedra basalto, não foi previsto um sistema de drenagem. Por essa razão, foram identificadas manchas de umidade ascendente em todo o perímetro da edificação, e, em alguns casos, com manchamento maiores. Indica-se, então, a execução de um eficiente sistema de drenagem na base da edificação, e impermeabilização das paredes em contato direto com o solo no subsolo.

As fachadas apresentam muitas manchas de sujidades, que não apresentam outro dano a não ser estético. Pela localização no centro da cidade e pelo tráfego intenso de veículos, a edificação está suscetível à fuligem e poluição em tempo integral. Devem ser realizadas manutenções periódicas com limpeza superficial.

A fachada norte é a que se encontra em melhor estado de conservação, em consequência da sua orientação solar. Em contrapartida, é a fachada que demonstrou um problema estrutural maior, identificado pela presença de fissuras sobre as janelas do 2º pavimento do módulo da esquina, consequência de uma intervenção realizada, onde foi retirada a estrutura de entrepiso do 2º pavimento e do sótão. Sem este travamento, as paredes iniciaram um movimento de translação vertical. Este dano foi estabilizado momentaneamente com a adoção de parafusos, que funcionam como tirantes travando novamente a estrutura. Este é o ponto da edificação que necessita de maiores prospecções. Indica-se a contratação de um topógrafo para monitoramento do desaprumo nas fachadas e, posteriormente, contar com o trabalho de uma equipe multidisciplinar para o correto atirantamento⁷ dessa estrutura.

As lesões de origem química encontradas na edificação estão relacionadas a processos patológicos, cujas causas estão associadas à presença de água e sais, organismos vivos ou produtos agressivos. Foram encontradas lesões por oxidação na fachada norte, na estrutura que apoiou o transformador que gerava energia para o antigo Moinho e para a cidade. (Figura 8). Essa estrutura é de ferro, sem proteção anticorrosiva, fixada

Figura 12 – A e B: Alvenaria exposta após o desplacamento do reboco e a presença de eflorescências



⁷ Atirantamento: do verbo atirantar, significa estender cabos de aço (tirantes) numa ponte suspensa, ponte estaiada (Brasil) ou estrutura atirantada, segundo o Dicionário da Engenharia Civil. Disponível em www.engenhariacivil.com/dicionario/atirantar. Acesso em: out. 2019.

diretamente na parede do prédio. A corrosão provocou, ao longo do tempo, a degradação da superfície do material: a causa é a exposição do material metálico com os agentes atmosféricos, o qual em contato com o oxigênio transformou as moléculas da superfície do metal em óxido. Neste caso, deve ser feito o tratamento da estrutura metálica, para evitar a exposição, e o tratamento no encontro da peça metálica com a edificação.

A edificação da esquina (fachadas norte e oeste) recebeu um novo reboco e aplicação de pintura na cor branca, apenas no pavimento térreo. Para amenizar a descaracterização, foi pintada recentemente com a cor amarelo ocre. Foram testadas algumas técnicas para remoção desse reboco e recuperação do revestimento original, mas sem sucesso, uma vez que o novo revestimento ficou aderido ao reboco original. Em algumas tentativas, o próprio suporte foi arrancado.

As fachadas onde o tijolo encontra-se aparente, especialmente a fachada leste, apresentam erosão ou perda de material superficial. Além dos inconvenientes estéticos, a perda da argamassa entre os tijolos e da camada superficial do material pode ser a causa de outros danos, pois propicia a penetração de água e o acúmulo de materiais ou micro-organismos.

Foi observada alta concentração de limo e micro-organismos na área de sombreamento da árvore de grande porte existente no passeio público, que não permite a insolação nesta fachada. Além disso, existe a presença de umidade ascendente em toda a base deste trecho sombreado pela árvore, uma água que nunca seca (Figura 9). A causa, neste caso, é a existência da árvore, que não pode ser removida. Assim sendo, essa fachada necessita maior manutenção, com uma periodicidade maior, devendo ser tratada como se fosse uma fachada sul. Limpeza imediata deve ser providenciada para a retirada dos micro-organismos, que já estão atacando os materiais.

A análise do estado de conservação da fachada sul é um pouco mais extensa que a análise das demais fachadas, em função dos danos ocasionados pela pouca incidência de sol. Neste caso, a umidade se torna mais presente, trazendo consigo uma série de outros danos. Como agravante, a fachada possui anexos construídos em momentos diferentes, e que agredem de alguma forma a preexistência. Um novo anexo que abriga atualmente o acesso ao *Muinho Club* foi construído colado ao prédio, alterando muitas características de vãos e fechamentos. Apresenta também acúmulo de umidade e sujidades no encontro da cobertura do novo anexo com a edificação. Indica-se a demolição deste anexo, uma vez que foi construído recentemente, sem nenhum critério em relação ao existente, e não possui valor histórico ou arquitetônico que justifique a sua permanência.

Na fachada sul, foram instalados exaustores para atender à demanda atual. É preciso verificar a eficácia deste sistema de exaustão e, caso necessário, substituir

Figura 8 – Estrutura de apoio do antigo transformador



Fonte: Acervo da autora - abril de 2018.

por outro, que utilize a cobertura da edificação como ponto de saída da ventilação forçada, de maneira que interfira o mínimo possível na fachada. Além disso e, principalmente, considerar que os vãos fechados devem ser recuperados, permitindo assim que essa ventilação necessária aconteça naturalmente, da maneira como a edificação foi concebida. Se o que se busca é o total isolamento acústico em função da demanda atual, talvez este uso deva ser repensado para respeitar a edificação histórica.

Foi realizada em 2014 uma pintura com *graffiti*⁸ durante uma oficina com alunos da Universidade de Caxias do Sul, para a Semana Acadêmica Integrada na Cidade das Artes. Apesar de boa parte da pintura já estar desaparecendo pela exposição às intempéries, um grande percentual de tinta já foi absorvido pelo material cerâmico poroso. O tijolo é um material poroso de alta absorção e deve receber proteção e manutenção periódica, nos casos em que permanece aparente, com a aplicação de materiais hidrofugantes. Este tipo de evento, que utiliza o próprio prédio como tela de trabalho, deve ser evitado, preconizando sempre a conservação da edificação. Toda a intervenção realizada deve seguir os princípios apresentados por Kühl (2005):

- Distinguibilidade: pois a restauração não propõe o tempo como reversível e não pode induzir o observador ao engano de confundir a intervenção ou eventuais acréscimos com o que existia anteriormente, além de dever documentar a si própria.
- Reversibilidade: pois a restauração não deve impedir, tem, antes, de facilitar qualquer intervenção futura; portanto, não pode alterar a obra em sua substância, devendo-se inserir com propriedade e de modo respeitoso em relação ao preexistente.
- Mínima intervenção: pois a restauração não pode desnaturar o documento histórico nem a obra como imagem figurada.

O nível de preservação das esquadrias, o nível de preservação é heterogêneo: percebem-se muitos elementos originais, mas também muitas substituições e reformas. Alguns vãos de janelas foram fechados e/ou substituídos para a adaptação do novo uso. Esse fechamento dos vãos acabou comprometendo a ventilação cruzada da edificação, que é essencial para um ambiente salubre. Na fachada oeste, todos os vãos das gateiras⁹ do subsolo foram fechados, bloqueando totalmente a ventilação. A função das gateiras é permitir a ventilação do subsolo. Essa função deve ser recuperada para melhorar a qualidade do ar nestes ambientes e garantir a troca de ar interior/exterior.

Das intervenções realizadas pela família proprietária do imóvel, o telhado foi o primeiro elemento a receber tratamento, no qual grande

⁸ Graffiti é uma escrita ou desenhos feitos em uma parede ou outra superfície [...] varia de simples palavras escritas para elaborar pinturas murais, e existe desde os tempos antigos. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Graffiti> e <https://pt.wikipedia.org/>. Acesso em: mar. 2019.

⁹ Definição de gateira, segundo Dicionário Online de Português: abertura para arejamento de um porão. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gateira/>. Acesso em: abr. 2019.

Figura 15 – A e B: Registro dos alunos durante a realização de oficina Graffiti



Fonte: Acervo Gustavo Covolan - out. 2014.

parte das telhas foi substituída, e outra parte foi restaurada. Na substituição, manteve-se o padrão original. É necessária manutenção periódica com limpeza das telhas para evitar o acúmulo de micro-organismos e sujidades.

Nas coberturas foram identificados danos relacionados à umidade de condensação, causados pela falta de isolamento térmico, que ocasiona alterações bruscas de temperatura. Uma vez que a ventilação no interior da edificação está deficiente e sem controle adequado, a água acaba se condensando no sótão. A estrutura de madeira apresenta deformações e deterioração. As ripas onde estão apoiadas as telhas estão comprometidas, seja por carga extra concentrada devido aos trechos que já romperam, seja por deterioração da madeira e estão sendo remendadas à medida que sofrem ruptura (Figura 10). É indicada a desmontagem do telhado para substituição das ripas comprometidas, que deve ser realizada por trechos.

A madeira é um material suscetível à degradação por uma série de agentes. Os danos variam desde descolorações causadas por fungos manchadores ou substâncias químicas, até deteriorações mais graves por ataques de insetos e/ou fungos apodrecedores¹⁰. Do ponto de vista biológico, a degradação da madeira é uma ação natural, porém do ponto de vista da engenharia, torna-se prejudicial quando um material em deterioração faz parte de um elemento estrutural. (BRITO, 2014, p. 32). Em geral, as causas destes processos nas estruturas de madeira de entrepiso são intrínsecas (inerentes às estruturas), por causas naturais, como a presença de umidade e temperatura adequada para a proliferação dos agentes. Por isso, a importância de recuperar o ambiente nos locais onde os vãos foram fechados.

36

O piso do subsolo na edificação da esquina já recebeu um tratamento com impermeabilização, porém segue com problemas de umidade ascendente. Uma vez que encontra-se abaixo do nível da rua e possui escassa ventilação, recebe forte deterioração pela umidade.

Em um dos forros da edificação, localizado sob o telhado do módulo da esquina, foi feita uma intervenção com um material que, em teoria, é altamente inflamável (Figura 11). A descrição que consta em memorial é: “O forro foi feito com garrafas PET, agrupadas e acondicionadas com serragem dentro do forro. Por baixo do forro foi colocada uma camada de 2 a 3cm de papel *machê*.” Indica-se a retirada deste material e substituição por material adequado, com certificação de resistência a fogo para locais de reunião de público, e que respeite as características da edificação.

Figura 16 – A e B: Deformação nas ripas que sustentam as telhas



Fonte: Acervo da autora - abril de 2018 e março de 2019

Figura 17 – Forro revestido com papel machê



Fonte: Acervi da autora - março de 2017

¹⁰ Dos vários tipos de fungos existentes na natureza, os principais responsáveis pela deterioração de madeira são os fungos apodrecedores, fungo manchadores e os fungos emboloradores. Estes fungos necessitam de determinadas condições favoráveis para poderem desenvolver o ataque na madeira. *Revista da madeira*. Edição 134 de março de 2013. Disponível em www.remade.com.br/revistadamadeira. Acesso em: out. 2019.

Quanto às estruturas de madeira, algumas apresentam perda de seção nas peças, com danos superficiais. As causas principais são a presença de umidade, ataque de insetos e a intervenção do homem. Indica-se a prospecção com o uso de técnicas não destrutivas em alguns trechos mais comprometidos,¹¹ utilizando-se brocas finas, para investigar os danos mais profundos.

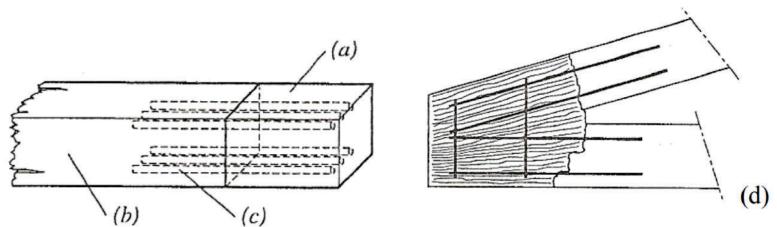
Além disso, os barrotes dos entrepisos do subsolo estão em contato constante com a umidade, em função do seu sistema construtivo (Figura 12). Após a drenagem no perímetro da edificação, é importante realizar a substituição de parte destas madeiras, ou seja, as pontas mais deterioradas, que pode ser por meio de próteses nas extremidades das vigas e dos barrotes. Geralmente, nestes casos a aparência estética e a autenticidade dos materiais podem ser perdidos, porém é uma técnica eficiente, pois os segmentos de extremidades de vigas deteriorados, ou seriamente danificados, são substituídos por próteses de madeira, madeira laminada colada, argamassa epóxi, etc., geralmente interligadas com barras de aço ou fibra de vidro, coladas com adesivos especiais (Figura 13). (UZIELLI, 1995 *apud* BRITO, 2014, p. 247). Este tipo de procedimento deve ter projeto específico e acompanhamento por profissional habilitado, especialmente no momento do corte e escoramento do trecho danificado, para não interferir nos esforços da estrutura como um todo.

Figura 18 – Estrutura de madeira apoiada diretamente na alvenaria, com lesões nas pontas



Fonte: Acervo da autora - março de 2017

Figura 19 – Ilustração de sistemas de próteses para substituição de partes deterioradas:
(a) Prótese de madeira armada para reconstituição total da extremidade de viga de madeira em região de apoio; (b) viga de madeira original; (c) barras de aço galvanizado ou fibra de vidro colocadas com adesivo epoxi.; (d) prótese de argamassa epóxi armada com barras de aço galvanizado ou fibra de vidro; para reconstituição total do nó de extremidadde entre banzos de treliças.



Fonte: UZIELLI, (1995, *apud* BRITO, 2014, p. 248)

¹¹Técnicas de inspeção *in loco*, segundo Brito (2014, p. 118): percussão: interpretação sonora com martelo; sondagem superficial com picoteamento; perfuração com análise tátil/visual; perfuração com trado de amostragem. Todas são técnicas não destrutivas para se detectar a deterioração interna na madeira.

De maneira geral, é possível afirmar que a edificação objeto de estudo não necessita de nenhuma intervenção emergencial. Não apresenta risco estrutural no âmbito geral da edificação nem em pontos específicos que possam gerar riscos à vida, em consequência, é desnecessário um plano de ação emergencial. Os danos apresentados são, em sua maioria, provenientes de intervenções posteriores à data de construção, incluindo as intervenções feitas de maneira pontual, como as alterações de vãos de janelas, e também as intervenções feitas para a adaptação da edificação em uma proposta mais urbana, exigência do desenvolvimento das cidades, como o asfaltamento da rua e pavimentação do passeio público.

Finalizando a interpretação dos resultados, foram selecionados alguns itens essenciais a serem observados na elaboração de propostas de intervenção e na execução de obras específicas neste tipo de edificação. São eles, de maneira resumida:

- Ao realizar qualquer intervenção nas estruturas de madeira, deve-se iniciar com o escoramento adequado, depois a retirada dos trechos danificados e em seguida a substituição por novas peças ou próteses. Todas as peças, independentemente se novas ou existentes, devem estar sempre imunizadas. A pertinência do reaproveitamento da madeira deve ser avaliada caso a caso, e as novas peças devem estar livres de defeitos inerentes ao próprio material, como nós e fendilhamentos;
- Deve-se cuidar a utilização de elementos metálicos para união das peças, uma vez que o contato com o ar ou água pode causar um processo de oxidação;
- Nunca se deve retirar revestimentos de paredes antes de saber a real causa da patologia. Antes de qualquer intervenção, a causa deve estar totalmente sanada;
- Ao inserir novos elementos para a recuperação do edifício, deve-se levar em conta a compatibilidade dos materiais, e ter conhecimento do sistema construtivo empregado, evitando assim danos futuros e para a preservação do saber fazer tradicional da técnica;
- Ainda sobre a compatibilização de materiais, cuidar com o emprego do cimento (e/ou concreto) que, para a maioria, é considerado um material de alta resistência, porém pode ser incompatível com as argamassas de cal e areia;
- Para todos os trabalhos de reintegração de rebocos e argamassas, o suporte deve estar sempre limpo, livre de poeiras e partículas soltas, sem a presença de limo ou micro-organismos, o que irá evitar desagregação e desprendimentos;
- A pintura é um elemento importante para o aumento da durabilidade das paredes. Mas é importante salientar que a pintura deve ser feita com material compatível, ser impermeável a águas externas, mas permeável ao vapor d'água, pois os edifícios históricos precisam respirar.
- No geral, não devem ser utilizar produtos não testados ou com eficiência ainda não comprovada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que o ato de preservação de um bem histórico só é relevante após o reconhecimento de seu valor, o diagnóstico desenvolvido destacou a identificação e o conhecimento do edifício como bem cultural, tendo como premissa o fato de que só se pode realmente preservar após, o conhecimento do bem.

Para este entendimento do porquê preservar, procurou-se mostrar a importância do antigo Moinho Covolan na história da cidade de Farroupilha, RS, sua importância para o desenvolvimento econômico do município, tendo sido um dos exemplares arquitetônicos no período da industrialização, e um dos poucos remanescentes.

Cabe salientar que as intervenções devem ser sempre excepcionais, e prevalecer as ações preventivas de conservação, e não corretivas. O objeto que foi estudado é uma preexistência de caráter patrimonial como foi demonstrado, devendo ser respeitados seus valores arquitetônicos e históricos acima de tudo.

Por fim, foram elaborados critérios e indicações do como preservar, que darão suporte para a elaboração de uma proposta pertinente de intervenção futura.

REFERÊNCIAS

BENVENUTI, C. C. *A importância cultural, histórica e arquitetônica do Moinho Covolan para a cidade de Farroupilha e região.* 2017. Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2017.

BRITO, L. D. *Patologia em estruturas de madeira: metodologia de inspeção e técnicas de reabilitação.* São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2014.

COSTA, A. E. *A evolução do edifício industrial em Caxias do Sul: de 1880 a 1950.* 2001. 192 f. Dissertação (Mestrado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Caxias do Sul, 2001.

KÜHL, B. M. História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos. *Revista CPC,* São Paulo, 2005.

KÜHL, B. M. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos do restauro.* Cotia, SP: Ateliê/Fasesp, 2009.

POSENATO, J. *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

UZIELLI, L. *Restoring timber structures: Repair and strengthening.* Università degli Studi di Firenze. In: Timber Engineering STEP 2 lecture D4, Design - Details and structural systems, Eurofortech. ISBN 90-5645-002-6. The Netherlands, 1995.

SEDE SOCIAL DO CIRCULO OPERÁRIO ISMAEL CHAVES BARCELLOS

Diretrizes para projeto de intervenção

Grasiela Zardin¹

RESUMO

O presente artigo foi elaborado com base no trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Conservação Arquitetônica: Diagnóstico e Intervenção da Universidade de Caxias do Sul. O trabalho trata de um diagnóstico para futuro projeto de intervenção, conservação e restauração, realizado na antiga Sede Social do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, englobando, também, o processo de reconhecimento de valor do edifício como bem cultural.

A conjugação dos dados recolhidos tem por objetivo estabelecer a evolução arquitetônica do edifício, conhecer a configuração e funcionalidade dos seus diversos espaços, identificar as técnicas e materiais empregados em sua construção. Há também um objetivo mais prático: o da conservação dos elementos detentores de informação histórico-arqueológica ainda presentes, seja fisicamente ou apenas através do seu registro pormenorizado. Como procedimento metodológico foi realizado, primeiramente, um estudo do contexto histórico, relacionando o surgimento da vila operária e sua ligação com o lanifício. Também foram realizados estudos históricos e evolutivos da edificação e análises tipológicas, compostivas e construtivas, a fim de embasar o diagnóstico. O diagnóstico também traz o levantamento do estado de conservação da edificação e a caracterização dos materiais utilizados. Como resultado, foram apresentadas as principais causas de degradações e propostas diretrizes e critérios a serem seguidos na elaboração do projeto de intervenção, conservação e restauração da edificação.

Palavras-chave

Patrimônio Industrial, Galópolis, Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos

¹ Arquiteta e urbanista. Especialista em Conservação Arquitetônica: diagnóstico e intervenção pela Universidade de Caxias do Sul, RS.

1 INTRODUÇÃO

Galópolis é um bairro de Caxias do Sul conhecido por abrigar uma das primeiras e mais relevantes indústrias têxteis do nordeste gaúcho, tendo seu desenvolvimento inteiramente ligado à evolução desta indústria.

A história dessa localidade, que na época chamava-se Vale del Profundo, iniciou-se em 1898, com a instalação de uma Cooperativa Têxtil chamada Societá Tevere e Novitá, por imigrantes italianos, que perceberam o potencial de produção energética do Arroio Pinhal. (TREGANSIN, 2009).

Em 1904, a cooperativa passou por dificuldades financeiras e foi adquirida por Hércules Galló, industriário de origem italiana que, em 2 de fevereiro de 1914, seria homenageado com a criação do 5º Distrito de Caxias do Sul, Galópolis, devido à sua colaboração com o desenvolvimento da localidade. Galló administrou a cooperativa sozinho até 1912, quando se uniu com os Chaves Barcellos. (HERÉDIA, 2017).

Com a morte de Galló em 1921, o Grupo Chaves Barcellos comprou a parte que pertencia à família Galló, tornando-se a única proprietária do lanifício, que passou a se chamar Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro. (TREGANSIN, 2009).

Entre as décadas de 30 e 60 do século XX, o Lanifício passou por um período de grande desenvolvimento. Naquela época, foram criados diversos equipamentos urbanos para os operários da fábrica e, consequentemente, para os habitantes da localidade.

Em 1929, foi fundado o Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos (Figura 1), que proporcionava aos associados assistência médica, farmacêutica, assistencial e jurídica. Em 1934, foram criados o Colégio Irmãos Chaves (atual Escola Estadual Ismael Chaves Barcellos) e o Colégio Manoela Chaves (totalmente destruído em um incêndio em 1937). Em 1947, foi inaugurada a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Na época, Galópolis já contava também com o Cine Operário e o Sindicato de Tecelagem. (HERÉDIA, 2017).

Porém, a Sede Social do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos (Figura 2), objeto de estudo deste trabalho, construída entre 1953 e 1955, foi inaugurada apenas em 1964, oferecendo à população de Galópolis: salão de festas, restaurante, barbearia, sala de jogos, biblioteca e cancha de bochas. (HERÉDIA, 2017).

Figura 1 – Sede Institucional do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos



Fonte: Milano (2010, p. 119).

Figura 2 – Antiga Sede Social do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos



Fonte: Comerlato (2010, p. 36).

Apesar da evolução em equipamentos urbanos, Galópolis não cresceu economicamente, pois os lucros obtidos pelo lanifício não foram repassados à indústria para atualizar seu maquinário e ampliar seu mercado. O resultado disso foi a perda do contrato que a indústria mantinha com o Exército brasileiro, para o fornecimento de cobertores. (TREGANSIN, 2009).

No início da década de 80, o Grupo Sehbe comprou o lanifício, que passou a se chamar Lanifício Sehbe S.A. Contudo, a perda do principal cliente, a contínua falta de investimentos nos modos de produção e a crise que atingiu a indústria têxtil, no início dos anos 90, levou o lanifício à falência. (TREGANSIN, 2009).

Um grupo de antigos funcionários do lanifício se uniu e fundou a Cooperativa Têxtil Galópolis; porém, para quitar as dívidas deixadas pela administração anterior, vários bens do lanifício foram a leilão e, atualmente, o patrimônio do Lanifício se restringe à área industrial.

O objeto de estudo deste trabalho é parte deste patrimônio arquitetônico construído durante o desenvolvimento desta localidade, e, que, juntamente com diversos outros edifícios, como o sindicato têxtil, o antigo cinema, as residências de Hércules Galló e a vila operária, formam um verdadeiro sítio patrimonial oriundo da industrialização na região.

O prédio da antiga sede social do círculo operário, hoje pertence ao município de Caxias do Sul e encontra-se sem um uso digno de seu importante significado para a localidade, serviu de sede para a presidência do bairro e clube de mães.

Como a edificação é muito grande para o uso que lhe foi atribuído, atualmente somente o pavimento térreo está sendo utilizado. Os demais pavimentos estão em total desuso, ocasionando um agravamento na degradação do mesmo.

Já o antigo ginásio foi adquirido por terceiros em leilão e, hoje, sedia uma empresa metalúrgica que trabalha com usinagem de metais.

A preservação destes dois edifícios justifica-se pela importância do bem cultural para esta comunidade, o qual representou um marco do desenvolvimento desta vila operária, ressaltando a relevância que os objetos de estudo têm para a sociedade local, garantindo sua preservação.

Desta forma, a conservação destes dois exemplares de valor social relevante à memória dos habitantes de Galópolis representa a preservação da história e da identidade do povo que ali reside.

As intervenções realizadas no pavimento térreo do edifício da antiga sede social do círculo operário, para acolher os novos usos, também justificam a conservação destes edifícios, pois foram realizadas sem nenhum tipo de método ou critério, colocando em risco a originalidade e integridade do mesmo.

Nenhum dos exemplares do objeto de estudo deste trabalho sofre risco de desaparecimento; porém, o uso inapropriado e manutenções e intervenções inadequadas podem levar à perda significante da originalidade e à descaracterização do bem.

2 A SEDE SOCIAL

O valor patrimonial não está presente apenas nos grandes monumentos, conhecidos como conjuntos arquitetônicos, mas também nas obras modestas, que, pela cultura e pelos processos históricos, passam a ter valor de patrimônio. Todas as edificações teriam o direito de permanecer a gerações futuras, sejam monumentais ou modestas, na medida em que documentavam a história. (NASCIMENTO, 2016).

Segundo Pozenato (2003), costuma-se dizer que *bens* são coisas materiais, e *valores* são coisas não materiais. Na realidade, o que se chama de bens da produção material, que é onde estão os sinais da cultura, são eles próprios reveladores dos valores. É nos próprios bens produzidos pela cultura que vão se verificar os valores.

No caso de Galópolis, a noção de patrimônio está vinculada à visão que os moradores têm em relação às suas origens. Dessa forma, a proteção do bem é garantida pela comunidade, que define seu próprio patrimônio cultural. Como a fábrica se mistura com a vila operária, a memória coletiva torna-se um meio de identificar esse patrimônio, ao unir uma série de memórias individuais que constituem o quadro social dessa localidade.

A Vila Operária, bem como as demais estruturas e infraestruturas ligadas ao desenvolvimento do lanifício, é compreendida como patrimônio industrial.

É importante mencionar que o patrimônio industrial construído em Galópolis representa uma trajetória de êxito na economia do Rio Grande do Sul. Esse patrimônio é entendido como um bem cultural que demonstra o processo de transformação que a localidade passou à medida que o Lanifício crescia.

Galópolis, por sua posição geográfica, pela história da imigração, pelas tipologias e paisagens preservadas, reflete a valorização e preservação do espaço como patrimônio:

O ineditismo de um núcleo operário em uma localidade semi rural com forte cultura da imigração italiana, que absorveu as inovações da habitação industrial europeia e ainda manteve os costumes e tradições da região em perfeita harmonia, faz de Galópolis um lugar atípico e diferencial, com todos os atributos para se tornar um bem de patrimônio histórico que merece ser preservado. (MILANO, 2010, p. 167).

Desta forma, “o patrimônio industrial reveste-se de um valor social como parte do registro de vida de homens e mulheres comuns e, como tal, proporciona-lhes um importante sentimento de identidade”. (TAGIL, 2003, p. 4).

A carta de Tagil define o patrimônio industrial como o que:

[...] comprehende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação. (2003, p.1).

45

As localidades que foram marcadas pela presença de grandes indústrias tiveram processos simultâneos de urbanização, havendo, junto com a indústria, uma expansão dessas localidades.

No caso de Galópolis, a preocupação com o crescimento da vila era manifestada pelo Lanifício, que, com o intuito de atender às necessidades básicas de seus operários e fortalecer o vínculo entre operário e fábrica, ofereceu amparo educativo, religioso, sanitário, social e recreativo.

Pode-se afirmar que a Vila Operária cresceu a partir das condições oferecidas pelo Lanifício, e essas construções refletiam a prosperidade econômica daquela época. O Lanifício forneceu, além de casas, edificações complementares, que deram suporte à vida social dos operários, todas construídas nos arredores do parque.

Com o passar do tempo, a configuração que se formou inicialmente ao redor da praça foi sendo modificada, para melhor atender às necessidades da vila.

A configuração atual entorno da praça e os demais equipamentos de infraestrutura oferecidos pelo Lanifício, ainda preservados, podem ser analisados na Figura 3.

Observa-se, em vermelho, a posição de destaque das edificações do Círculo Operário, em relação ao entorno da praça, evidenciando sua importância perante a comunidade.

O Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, fundado em 16 de novembro de 1929, desempenhou uma função social edificante na comunidade de Galópolis. A história da instituição está vinculada ao Lanifício São Pedro, cujo nome homenageia um dos diretores que comandou a economia gaúcha no passado.

O Círculo Operário fortaleceu o convívio de seus associados, que eram todos colaboradores do Lanifício. As atividades esportivas, recreativas, bem como o auxílio jurídico e assistencial, sustentavam uma relação voltada à qualidade de vida.

Dentre os princípios e objetivos do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, evidenciava-se prestar ao associado; benefícios voltados à cultura intelectual, moral, social e física, através da fundação de escolas; orientação e assistência jurídica, médica e material na forma de mútuo socorro; promoção da paz no trabalho, pelo respeito aos direitos recíprocos e pelas relações harmoniosas entre operários e patrões, incentivando a sindicalização das classes operárias.

Figura 3 – Mapa de equipamentos urbanos atuais



- | | |
|--|----------------------|
| ■ | Círculo Operário |
| ■ | Igreja Matriz |
| ■ | Vila Operária |
| ■ | Escola |
| ■ | Sindicato |
| ■ | Cine Operário |
| ■ | Complexo Fabril |
| ■ | Casas Hércules Galló |

Fonte: Suporte aerofotogramétrico adaptado pela autora.

Na década de 50, foi elaborado um projeto para a renovação do complexo predial do Círculo Operário. O edifício de três pavimentos foi dimensionado para oferecer três salões de festas, um restaurante, barbearia, salas de jogos, aposentos para a família do econômetro e quartos destinados a atender estagiários do Lanifício (Figura 4).

Levando em consideração o projeto, aprovado em 1953, e sua execução, concluída em 1964, e as atitudes tomadas para a materialização do mesmo, nota-se claramente a transição entre os estilos *art déco* e o modernismo expresso no edifício.

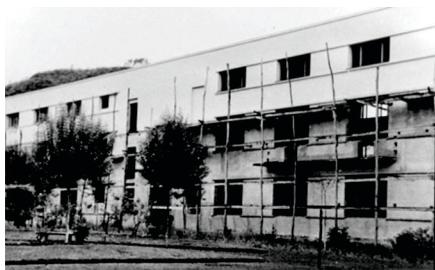
O edifício passou por dois períodos distintos: o primeiro, compreendendo desde a sua inauguração até a venda do Lanifício São Pedro ao Grupo Sehbe, quando as instalações eram usadas pelos funcionários e população, como sede social; o segundo, até a falência do Lanifício Sehbe em 1999. Nesta segunda etapa, o Ginásio foi alugado para uma indústria, devido a problemas financeiros do Lanifício, e o edifício da sede passou a ser usado pelo setor administrativo do Lanifício Sehbe. Após a falência do Lanifício, o edifício foi adquirido pelo Moinho Galópolis, também servindo de depósito. Nesse período, sofreu muito com as ações do tempo e com a falta de manutenção básica. Em 2011, foi adquirido pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, e passou a ser utilizado pela subprefeitura de Galópolis, associação de moradores, clube de mães e demais instituições locais.

Em fevereiro de 2019, a prefeitura municipal notificou às entidades que faziam uso do prédio quanto à desocupação do mesmo, em função dos riscos estruturais. Em seguida, a energia elétrica foi cortada, devido a problemas na fiação.

Desde então, as entidades entraram com uma ação judicial contra a prefeitura para permanecer no local. Enquanto isso, as entidades continuaram utilizando o local, porém, de forma limitada, devido à falta de energia elétrica.

No início de abril de 2019, entre vistorias judiciais da defesa civil e dos bombeiros e perante laudos, que apontavam problemas estruturais, o Corpo de Bombeiros interditou o local.

Figura 4 – Sede Social do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, durante a construção



Fonte: Jornal Pioneiro, 2015.

3 ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS FACHADAS

Em projetos para obras de restauro, a mais importante e polêmica questão que surge é a especificação dos materiais quanto à natureza e ao desempenho. O fato é que um material atual nunca poderá reproduzir as características do original, e, mesmo que fosse possível, não conseguiria reproduzir o efeito do tempo sobre este material.

A dificuldade da cal em resistir à ação da umidade, comprometendo muito sua durabilidade, fez com que se buscassem aglomerantes com os quais fosse possível produzir argamassas resistentes à água, dando origem ao cimento Portland. (RECENA, 2014). O uso do cimento Portland fez com que, no final do século XIX até os anos 50 do século XX, fosse largamente utilizada uma argamassa de revestimento produzida apenas com cimento Portland e areia, que incorporava uma certa quantidade de mica² (malacacheta), para dar brilho ao material. (RECENA, 2014).

Essa argamassa, também conhecida como argamassa raspada, argamassa penteada, pedra reconstituída, pedra fingida, simili-granito ou até mesmo reboco de malacacheta, era tida como nobre e empregada em revestimentos de residências com padrão mais elevado e prédios públicos.

Como havia uma empresa que produzia essa mistura pronta, inclusive em diferentes cores, a partir da aplicação de pigmentos, essa argamassa passou a ser conhecida também pela marca comercial: CIREX.

48

Essas argamassas, após sua aplicação, recebiam um tratamento superficial, que poderia ser uma simples lavagem com água, ainda antes do início da pega do cimento, ou após, com ácido muriático, para remoção da pasta do aglomerante da superfície argamassada, para expor o agregado e a mica², responsável pelo brilho. (RECENA, 2014).

Essas argamassas poderiam ainda ser rapadas ou penteadas, deixando-as com uma textura decorativa que assemelhava-se à pedra natural.

²Mica, do latim *micare* (brilho), é um termo genérico aplicado ao grupo dos minerais constituído por silicatos hidratados de alumínio, potássio, sódio, ferro, magnésio e, por vezes, lítio, cristalizado no sistema monoclinico, com diferentes composições químicas e propriedades físicas. Dentre outras, podem ser citadas: clivagem fácil, que permite a separação em lâminas muito finas; flexibilidade; baixa condutividade térmica e elétrica; resistência a mudanças abruptas de temperatura. Tais características conferem a esse mineral múltiplas aplicações industriais. (CAVALCANTE; BALTAZAR; SAMPAIO, 2005, p. 531).

Desta forma, trata-se de um material não somente com características diferentes, mas com uma técnica de aplicação própria.

Ao analisarmos uma pequena amostra do revestimento externo do prédio da antiga sede social do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos na lupa, onde a imagem foi aumentada em 40 vezes, pode-se notar os veios ocasionados por lixiviação (Figura 6), provavelmente causada pela umidade descendente oriunda do mau funcionamento das calhas (Figura 5).

Porém, ao submeter o mesmo material à microscopia eletrônica (MEV), obtivemos um mapa de composição (Figura 7), apresentando a composição de cada grão da amostra.

Dessa forma, conforme podemos verificar na Figura 8, a presença de silício, alumínio e potássio, composição química da “mica” é bastante frequente, confirmando-se, portanto, a presença deste nobre material no revestimento externo do objeto aqui estudado.

A fachada sul (Figura 9) possui uma grande quantidade de manchas e sujidades no revestimento, devido a pequena exposição ao sol e a prolongada permanência de umidade.

Os elementos horizontais acima e abaixo das esquadrias evitam a formação de manchas, pois não deixam que a água escorra por essas áreas, porém, são bastante danificados pela percolação da água e, por consequência, as esquadrias também.

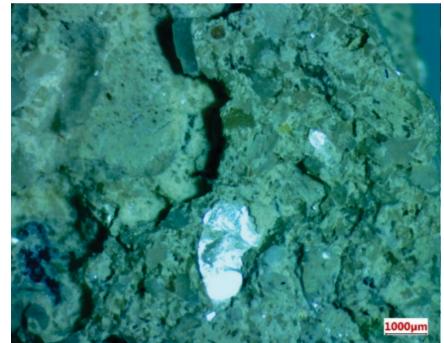
Essas manchas, também conhecidas como “crosta negra”, são ocasionadas pela interação dos compostos de enxofre com hidróxido de cálcio, antes que ocorra o processo clássico de carbonatação. Essa formação ocorre com o passar do tempo, o que não pode deixar de caracterizá-la como decorrente de um processo de envelhecimento. (RECENA, 2014).

Figura 5 – Local onde foi extraída a amostra do revestimento externo



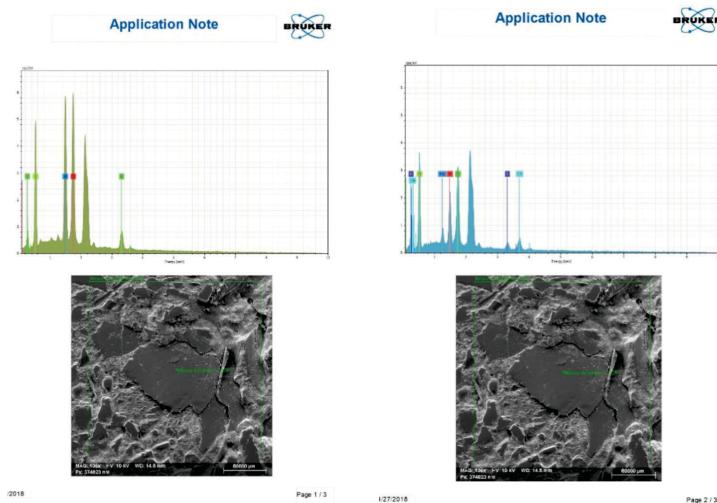
Fonte: Acervo da autora.

Figura 6 – Imagem com lupa



Fonte: Laboratório de Materiais Cerâmicos da Universidade de Caxias do Sul.

Figura 7 – Mapa de composição química (MEV)



Fonte: Laboratório de Materiais Cerâmicos da Universidade de Caxias do Sul.

Figura 8 – Análise química (MEV)

Reboco Amostra 1 1027

Element	At. No.	Netto	Mass [%]	Mass Norm. [%]	Atom [%]	abs. error [%] (1 sigma)	rel. error [%] (1 sigma)
Oxygen	8	8812	9.54	42.78	58.48	1.39	14.52
Magnesium	12	1898	0.71	3.19	2.87	0.07	9.61
Aluminium	13	6579	2.45	10.97	8.89	0.14	5.84
Silicon	14	11685	5.92	26.56	20.69	0.28	4.69
Potassium	19	1366	1.02	4.58	2.56	0.07	7.11
Calcium	20	2534	2.66	11.92	6.50	0.13	5.06
			Sum 22.30	100.00	100.00		

Reboco Amostra 1 1028

Element	At. No.	Netto	Mass [%]	Mass Norm. [%]	Atom [%]	abs. error [%] (1 sigma)	rel. error [%] (1 sigma)
Oxygen	8	18052	9.72	35.69	50.15	1.29	13.23
Aluminium	13	29537	5.51	20.22	16.84	0.28	5.01
Silicon	14	33908	9.25	33.95	27.18	0.41	4.40
Potassium	19	5831	2.76	10.14	5.83	0.13	4.60
			Sum 27.24	100.00	100.00		

Fonte: Laboratório de Materiais Cerâmicos da Universidade de Caxias do Sul.

Intervenções sem o mínimo embasamento, como a pintura acima da base de pedra do edifício, já em processo de descolamento, como percebe-se na Figura 10, mascaram o revestimento original nas quatro fachadas do edifício.

Observa-se também muitas ações de depredação e vandalismo em toda a edificação. O tipo mais comum de vandalismo é a pichação, que se torna particularmente danosa em revestimentos de argamassa, sem a proteção do tipo CIREX, que é o caso do revestimento em questão.

Nas fachadas leste e oeste (Figura 11), a proximidade da vegetação de grande porte acaba impossibilitando a exposição solar da mesma, tornando as paredes úmidas e suscetíveis à degradação e sujidade.

Nesta fachada leste, também percebe-se a adição de elementos passíveis de reversão.

Na fachada norte (Figura 12), o manchamento e asujidade diminuem, porém, devido ao acesso principal da edificação ser pela fachada sul, esta fachada teve maior incidência de vandalismo.

Nesta fachada, também houve a adição de elementos que comprometem a estética e a reversibilidade do edifício (Figura 13).

Figura 9 – Fachada sul



Fonte: Acervo da autora.

Figura 10 – Pintura sobre revestimento de Cirex



Fonte: Acervo da autora.

Figura 11 – Fachadas leste e oeste



Fonte: Acervo da autora.

Figura 12 – Pintura sobre revestimento de Cirex



Fonte: Acervo da autora.

Intervenções posteriores, para a resolução do sistema de escoamento de água da cobertura, interrompem os elementos compositivos das fachadas sul e norte (Figura 14).

A ausência de manutenção nos vidros possibilita a entrada de animais e torna a edificação mais suscetível às ações do tempo.

CONCLUSÕES

Os valores desse conjunto edificado refletem as relações de imigração, da apropriação da nova terra, da vontade dos imigrantes em empreenderem e trabalharem e da dependência em função do Lanifício.

A comunidade de Galópolis tem consciência de que o patrimônio industrial é importante para a conservação de sua história. Os valores que essa comunidade ainda mantém são fundamentais para a preservação e garantia de manutenção da identidade coletiva dessa comunidade.

Galópolis apresenta a conservação da paisagem local, das características fabris e do ambiente da antiga Vila Operária; porém, esse patrimônio ainda não está legalmente valorizado, não sendo reconhecido como bem tombado material ou de paisagem, muito menos como patrimônio industrial.

Esse fato, aliado à especulação imobiliária, impede a preservação do conjunto e dos vestígios industriais nele contido.

No entanto, a verdade é que, atualmente, o papel dos monumentos para nossa sociedade não é nítido e não temos definidos os critérios para sua preservação, transparecendo na falta de clareza conceitual de muitas de nossas ações, em relação aos bens culturais. (KÜHL, 2005).

Para que as ações nesses edifícios, de tão importante valor, sejam motivadas pelos princípios básicos da conservação e restauração, é necessário que, primeiramente, sejam identificadas as principais causas de degradação do bem.

Desta forma, após as análises realizadas no edifício da Sede Social do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, percebe-se que uma das causas de degradação mais relevantes é proveniente da ação das águas. O mau funcionamento e a falta de manutenção no sistema de escoamento de água da cobertura, aliado à umidade descendente, causa patologias externas e internas, provenientes da percolação das águas.

Outra principal causa de degradação é a ação humana sobre o edifício, fazendo alterações dos usos originais e adequações embasadas em reestruturações sem nenhum reconhecimento de valor. Além disso, a falta de manutenção, devido ao não uso, aliada à depredação e ao vandalismo, agrava a situação.

Figura 13 – Elementos adicionados à fachada



Fonte: Acervo da autora.

Figura 14 – Elementos adicionados à fachada



Fonte: Acervo da autora.

Até os anos 60, o cimento produzido não possuía adições e era considerado um produto grosso, com baixa demanda de água, gerando argamassas e concretos com menor tendência à retração e, por consequência, à fissuração. Hoje em dia, os cimentos são produzidos com diferentes adições e em proporções variáveis, alterando seu comportamento em relação aos cimentos de antigamente; pode apresentar melhor resistência mecânica, porém, alterações na coloração tornam-se bastante comuns. (RECENA, 2014).

Desta forma, no caso de uma possível reprodução do revestimento da fachada da antiga Sede Social do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, para solução das intervenções inadequadas, foi empregado exclusivamente um cimento produzido atualmente, sem qualquer adaptação, o revestimento novo apresentará uma probabilidade muito grande de fissurar diante da retração esperada pela quantidade de água demandada, para a obtenção da trabalhabilidade requerida para sua aplicação.

Além das diferenças nas características dos materiais atuais, há também diferenças causadas pelo tempo nos materiais originais. O tempo é o grande agente de transformações nos materiais e na degradação espontânea. Mesmo que fosse possível trabalhar com os mesmos materiais originais, empregados na edificação, seu comportamento jamais seria o mesmo, em função, única e exclusivamente, da ação do tempo.

No caso das pichações, quando são usadas tintas de grande viscosidade, como tintas à base de óleo, a película formada é superficial, podendo ser removida com facilidade, utilizando-se solventes eficazes. No entanto, a prática comum atualmente tem sido a utilização de tintas spray, de baixa viscosidade e, consequentemente, com alto poder de penetração, sendo absorvida pelo revestimento até grandes profundidades. (RECENA, 2014). Infelizmente, pichações executadas sobre materiais porosos deixam danos praticamente irrecuperáveis, pois todas as experiências realizadas, com diferentes tipos de solventes, embora permitam a remoção da maior parte da tinta, não conseguem eliminá-las completamente, permanecendo sempre um resquício. (RECENA, 2014).

A conservação dos monumentos é sempre favorecida por sua destinação a uma função útil à sociedade; tal destinação é, portanto, desejável, mas não pode nem deve alterar a disposição ou a decoração dos edifícios. É somente dentro destes limites que se deve conceber e se pode autorizar as modificações exigidas pela evolução dos usos e costumes. (CARTA DE VENEZA, 1964, p. 2).

Desta forma, devem ser realizadas ações para conservação e intervenção no edifício, promovendo a limpeza e a remoção dos elementos não originais.

Obras emergenciais devem ser realizadas, para que sejam sanados os problemas com o escoamento de água na cobertura.

REFERÊNCIAS

- CARTA DE NIZHNY TAGIL. Carta Internacional sobre o Patrimônio Industrial, 2003.
- CARTA DE VENEZA. Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios. Veneza, 1964.
- CAVALCANTE, Patrícia Maria Tenório; BALTAZAR, Carlos Adolpho Magalhães; SAMPAIO, João Alves. *Rochas Minerais Industriais* – Rio de Janeiro, RJ: Cetem, 2005. Disponível em: <http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/cetem/1082/1/25.MICA%20ok.pdf>. Acesso em: 29/04/2019.
- COMERLATO, Miguel. *Centro Comunitário de Galópolis*. 2010. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso I) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UCS, Caxias do Sul, 2010.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Processo de industrialização da Zona Colonial Italiana*. 2ed. ampl. Caxias do Sul, RS: Educs, 2017.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos. *Revista CPC*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 16-40, 2005.
- MILANO, Daniela Ketzer. *Uma vila operária na colônia italiana: o caso Galópolis (1906 – 1941)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2010.
- PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: RBS Zero Hora, 2015. Memória. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/02/18/contribuicao-social-do-circulo-operario/?topo=87>. Acesso em: 13/04/2018.
- POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Educs, 2003.
- RECENA, Fernando Antonio Piazza. *Técnicas aplicáveis a trabalhos de restauração de edificações de interesse histórico e cultural*. Porto Alegre, RS: IPSDP, 2014.
- TREGANSIN, Teresinha Isabel Rihl. *Galópolis : el profundo Vale Verde*. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2009.

CASA COMMIOTTO

A materialidade da edificação e o elemento singular

João Pedro Signor¹

RESUMO

Este trabalho visa proceder uma análise quanto à materialidade em uma edificação histórica na cidade de Bento Gonçalves, RS, e uma característica compositiva singular dentro do contexto regional para a época. A partir do diagnóstico elaborado na Casa Commiotto e da necessidade de valorar o patrimônio edificado da época da imigração italiana, na Serra gaúcha foi possível estudar um representante original, característico das edificações da época, que são os elementos construtivos e sua técnica. Para tanto, elencaram-se os padrões estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, através do método das prospecções, elaborando ensaios laboratoriais e comparativos, juntamente com as principais recomendações sobre a redação para trabalhos científicos. Assim, este trabalho tem como objetivo final dar o suporte técnico sobre causas de deterioração, manifestações de fragilidade dos materiais e verificação de originais autênticos, em projetos de restauro e conservação arquitetônica.

55

Palavras-chave

Arquitetura; Patrimônio histórico; Conservação; Diagnóstico.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz a discussão, por meio de uma análise laboratorial e comparativa, de um elemento histórico singular verificado no diagnóstico da Casa Commiotto, que é a presença de uma varanda, ou seja, algo incomum à época. Cria-se assim uma série de questionamentos relativos à sua função, materialidade e o porquê de ela ter sido construída em tal período. A investigação científica apresentada visa à argumentação da importância de tal elemento e de sua caracterização, como um original autêntico, com fundamental preservação.

¹ Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Conservação Arquitetônica: diagnóstico e intervenção, pela Universidade de Caxias do Sul.

2 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NA SERRA GAUCHA

A região da Serra gaúcha se constitui em decorrência de uma migração de europeus oriundos, principalmente, da Itália e em menor quantidade da Alemanha no final do século XIX. Os imigrantes chegaram à região de Nova Milano, que é onde se encontra Farroupilha, hoje, por volta de 1875. A partir desse local, as famílias se distribuíram nas Colônias Caxias (Caxias do Sul), Princesa Isabel (Bento Gonçalves) como demonstra a imagem 1 e Conde d'Eu (Garibaldi).(HERÉDIA: RADÜNZ, 2015)

2.1 Bento Gonçalves – Caminhos de Pedra:

Os caminhos de pedra nascem no barracão, atual bairro da cidade de Bento Gonçalves, RS, e local de instalação dos primeiros que chegaram à região, antes denominada Colônia Dona Isabel. A partir desse ponto, a principal ligação com a Colônia Caxias se dava por meio da linha Palmeiro, em decorrência disso, existiam muitos equipamentos ao longo dessa estrada: moinhos, ferrarias, serrarias, entre outros. Contudo, com o estabelecimento de outras rodovias, essas estradas acabaram ficaram ao abandono. (DE BONI; LUIS, 1985)

No início dos anos 90, surge um novo olhar para essa região. O projeto foi pensado pelo Eng. Tarcísio Vasco Michelon e pelo Arq. Júlio Posenato, o mesmo teria como objetivo a preservação e valorização da cultura da imigração na cidade de Bento Gonçalves, RS. Após investigação do interior da cidade, percebeu-se que, principalmente a Linha Palmeiro, possuía grande quantidade de edificações históricas e que se não fosse feito algo, todo aquele acervo poderia ser perdido. A proposta também contemplou mais tarde o resgate de todo o patrimônio cultural, não só o arquitetônico, envolvendo língua, folclore, arte, entre outros, até ser declarado patrimônio histórico e cultural do RS em 2009.

Localização



Centro de Bento Gonçalves



Fonte:http://www.caminhosdepedra.org.br/?page_id=14, acesso em outubro de 2018

Casa Commiotto



Fonte: levantamento cadastral

Esse é um projeto que, além do resgate da história e da memória na cidade, também cria um novo ponto de atração cultural na Serra gaucha. Hoje, Caminhos de Pedra recebe cerca de 100.000 pessoas por ano em média, segundo informações disponibilizadas pela associação local. A partir de um projeto idealizado por pessoas sensíveis à História e ao patrimônio, aliado a um apoio político, tem-se um novo vetor que além de gerar renda à economia local, traz um resgate da cultura e a valorização da mesma aos visitantes que por ali passam.

2.2 A Casa Commiotto Bento Gonçalves, RS

São dois os períodos que possuem importância maior dentro da evolução compositiva da casa e que serão revistos nesta análise. O primeiro remonta à construção da mesma, que ocorre por volta de 1935, até 1938.

Esta foi a terceira residência da família Commiotto, sendo a primeira uma casa de pedra e outra de madeira. Posteriormente foram desmanchadas. De acordo com relato da atual proprietária da casa, Sirlel Madalena Commiotto, a construção dos muros do porão foi feita por Camilo Bart, Mario Bart, Vergilio Dall’Onder e Lécio de Barba, todos residentes em São Pedro, utilizando pedras ali da região. A alvenaria de tijolos foi feita pela família de Vitorio Valenti, com tijolos de sua própria oficina. O barro para assentar os blocos vinha de um potreiro do local, era colocado numa caixa de madeira e ‘pisoteado’, até dar liga. Essa função era exercida por Vitorio Longhi.

Quanto a parte interna, a estrutura de madeira foi construída por João Batista, sendo ela cortada a mão. As tábuas foram fornecidas pelo Garavaglia, todas de pinheiro oriundos dessa mesma colônia. As esquadrias foram produzidas pelo Sandrin e as telhas de barro foram trazidas de Campo Bom. Nesse período ainda não temos a varanda como elemento da casa, nem o reboco que posteriormente foi aplicado na fachada principal. Não foi achado nenhum registro fotográfico dessa época, que mostre como era a fachada original da casa.

A partir da finalização da casa, temos um período de 10 anos, onde foi incorporado esse novo elemento a edificação, não se tendo uma data exata ou uma justificativa única para a construção da varanda, faz-se necessária ampliar o campo de análise e o contexto em que esse elemento surge.

Casa Commiotto - anos 90



Casa Commiotto - anos 90



Casa Commiotto - 2018



Fonte: acervo pessoal

3 O ELEMENTO SINGULAR E A MATERIALIDADE DO MONUMENTO

A varanda pode ser considerada, dentro do espectro arquitetônico, como um elemento de transição entre o ambiente interno e externo, são mais comuns dentro da arquitetura rural, nos climas tropicais e subtropicais. Aparecem em diversos exemplares da arquitetura colonial brasileira, entretanto, pouco percebe-se na região de análise e na sua época de concepção, devido a questão cultural de onde ela está inserida.

Para fazer um comparativo, foram buscadas outras residências, imagem abaixo, da mesma época para traçar esse comparativo da forma e dos elementos característicos relativos à arquitetura da imigração. Abaixo segue um exemplar da mesma época, final dos anos 30 e início dos 40, do século XX. Fica localizado no bairro São Roque, zona norte da cidade de Bento Gonçalves, pertencente à família Mascherin.

Possui as mesmas características formais como a divisão em dois elementos, junta postos, ambos com cobertura em duas águas, corpo em alvenaria de tijolo e base em pedras, estando afastada da rua em frente. Fachada frontal com duas janelas, porta centralizada e mais uma janela e porta no elemento menor. Entretanto, o elemento varanda, aqui não aparece, na fase inicial e nem na posterior.

Diversos outros exemplares são encontrados na cidade e também no interior. Todos com as mesmas características, que remetem a essa arquitetura praticada no período histórico e que não incorporaram a varanda como elemento comum à época.

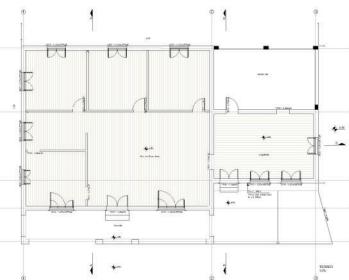
Logo busca-se aprofundar a história do objeto de estudo e sua evolução, para buscar elementos históricos que indiquem a incorporação dessa característica à casa.

Casa Commiotto - 2018



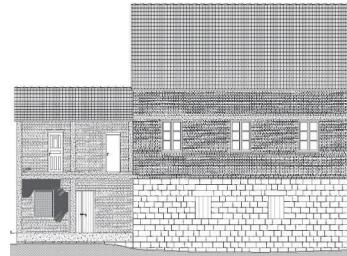
Fonte: acervo pessoal

Casa Commiotto - planta do térreo



Fonte: levantamento cadastral

Casa Commiotto - fachada norte



Fonte: levantamento cadastral

Dentro do processo de análise, foi decidido em verificar as características do fragmento, quando o mesmo deveria corresponder às características condizentes a época da sua construção, ou seja, diminuindo assim a possibilidade daquele elemento ter sido construído num espaço-tempo diferente do relatado pela proprietária da residência. Dessa forma, cria-se um argumento a mais a favor da singularidade da varanda.

A partir dos resultados obtidos, percebe-se que a composição do tijolo possui alguns fragmentos maiores e também uma diversidade deles, algo comum em blocos de olarias mais antigas que trabalhavam com um barro não tão puro e por vezes locais, ou seja, com características regionais.

Conclui-se assim, a partir desta breve investigação, que, em relação à materialidade da varanda, como elemento singular, trata-se de um representante único dentro do contexto de inserção, tanto na composição arquitetônica, como no material de sua estrutura. Corroborando o fato de ser um original autêntico e de preservação necessária.

CONCLUSÃO

A partir do diagnóstico da Casa Commiotto e de sua importância histórica, buscou-se com este artigo, manter o foco em um dos pontos mais relevantes dentro do trabalho, que é a investigação do elemento singular inserido na composição arquitetônica da residência.

A presença da varanda, elemento comum dentro da arquitetura brasileira, mas que não se verifica nas casas investigadas, no período histórico regional, em que o objeto de estudo encontra-se, ou seja, a arquitetura da imigração italiana, na Serra gaúcha, traz à luz questionamentos que são importantes na discussão de valor dentro do campo patrimonial.

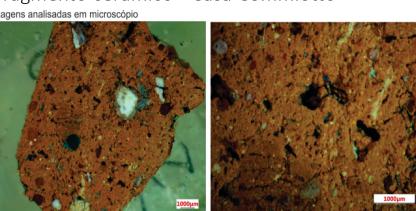
Fica evidente que a mesma foi incorporada em um período incomum para tal. Dessa forma, a sua materialidade, indica que seus elementos construtivos, os blocos cerâmicos, têm características comuns à da residência construída alguns anos antes com modo de fabricação comum à época, porém gera o fato de que a sua construção foi realizada num período e com materiais diferentes da residência.

Ficha de diagnóstico - Casa Commiotto



Fonte: acervo pessoal

Fragmento cerâmico - Casa Commiotto



Fonte: acervo pessoal

Casa Commiotto - 2018



Fonte: acervo pessoal

Assim, fica claro que a prática de investigações por meio de análises em laboratório, é uma ferramenta fundamental na elaboração de diagnósticos de arquitetura, seja no campo estrutural, de deterioração de materiais, quanto este, que buscou um resultado mais comparativo e de relações compostivas da materialidade. Abriu-se assim um campo de investigação por meio de análise científica, que pode gerar uma série de respostas a perguntas criadas nos diagnósticos de patrimônio.

Casa Commiotto - 2018



Fonte: acervo pessoal

Casa Mascherin - 2018



Fonte: acervo pessoal

Casa Commiotto - 2018



Fonte: acervo pessoal

REFERÊNCIAS

- DE BONI, Luís. Bento Gonçalves era assim. FERVI (Implape) – Correio Riograndense, 1985.
- HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti, RADÜNS, Roberto. 140 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, EDUCS, 2015.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos. *Revista CPC*, São Paulo, v.1, p.16-40, 2005.

Consultas a site:

http://www.caminhosdepedra.org.br/?page_id=14 Acesso em: nov. 2018

ANTIGA CERVEJARIA CONTINENTAL (1920)

Análise e diagnóstico: diretrizes de conservação e critérios de intervenção

Josiane da Silva Siqueira¹

RESUMO

Este artigo foi realizado a partir do relatório da monografia do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização Arquitetônica: diagnóstico e intervenção, pela Universidade de Caxias do Sul. Apresenta uma proposta de diretrizes de conservação e critérios de intervenção para a edificação da Antiga Cervejaria Continental, de 1920, localizada na Rua Os 18 do Forte, número 2283 do Bairro São Pelegrino, na cidade de Caxias do Sul, RS, com o intuito de garantir a conservação desse patrimônio, preservando os valores estético, estilísticos e técnico-construtivo. A partir da pesquisa histórica, pesquisa bibliográfica, levantamento cadastral, relatório fotográfico e análises evolutiva, tipológica e técnico-construtiva e ensaios de laboratório, foram elaboradas fichas de diagnóstico por amostragem, identificando as principais manifestações patológicas e as soluções para possíveis intervenções, com base nos princípios da conservação e restauro.

Palavras-chave

Diretrizes de Conservação. Restauro. Diagnóstico. Intervenção. Patrimônio Cultural.

61

¹ Conservadora e Restauradora formada pela Faculdade de Tecnologia da Serra Gaúcha. Especialista em Conservação Arquitetônica: diagnóstico e intervenção, pela Universidade de Caxias do Sul.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Caixas do Sul, localizada na famosa Serra gaúcha, no norte do Estado do Rio Grande do Sul, era chamada anteriormente de Campo dos Bugres, porque ocupada por índios e servia de rota para os tropeiros. Em 1875, começaram a chegar os primeiros imigrantes italianos, e a cidade recebeu o nome de Colônia de Caxias. Já em 1890, foi desmembrada do Município de São Sebastião do Caí, e o município passou a ser Caxias do Sul, em homenagem ao Duque de Caxias. Em 1º de junho de 1910, Caxias recebeu o primeiro trem que ligava a cidade à capital do estado. A partir da chegada do trem, iniciou-se o desenvolvimento da região, através do cultivo da uva e da produção do vinho, depois houve o seguimento da área metal mecânica, como grande polo industrial, além do comércio e de serviços. Assim se tornou-se uma referência na economia do Brasil. (Prefeitura de Caxias, 2019).

Neste artigo, apresento como intenção a preservação de um casarão construído no período estimado do final dos anos 1920, que contém estrutura e técnicas construtivas de grande valor, tendo como finalidade garantir a conservação dos originais autênticos (Figura 1). Além dos valores arquitetônico, estilístico e técnico-construtivo, com grande relevância o valor histórico, o casarão fez parte da história de uma das primeiras companhias cervejeiras, a “Bopp, Sassem Ritter e Companhia Limitada”, durante o processo de industrialização da região. Essa indústria teve grande expansão em todo o Rio Grande do Sul e, posteriormente, o imóvel foi adquirido por “Sehbe S. A Hotéis e Turismo”. O entorno da edificação é uma das regiões mais valorizadas, do bairro São Pelegrino, juntamente com Complexo da Estação Férrea e ao lado da Praça da Bandeira, hoje Praça Dante Marcucci. Faculdades, centros comerciais, mercados, postos de combustíveis e redes bancárias compõem esse entorno.

Figura 1 – Casarão e entorno



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 2 – Representação gráfica do casarão



Fonte: Elaborada pela autora.

2 ARQUITETURA COMO FONTE DOCUMENTAL

Como fontes históricas são considerados: documentos oficiais, inventários, listas, publicações, achados arqueológicos e, atualmente, a história oral e as imagens. Bloch (2001) afirma que o historiador aprofunda seus conhecimentos a partir de vestígios, documentos incompletos de fenômenos e que só se tem acesso ao passado, através dos fragmentos encontrados no presente. Toda a produção humana é fonte de informação. Desse modo, não há como existir um único documento para um único problema. A história quantitativa deve ser tratada como um documento/monumento capaz de transferi-lo do campo da memória para o campo da história. (LE GOFF, 1924, p. 437) A arquitetura, como fonte documental, é expressada na Carta de Veneza, como valor patrimonial, sendo considerado o conjunto arquitetônico sem desmerecer as obras modestas que, também, passaram por processos culturais e históricos. (NASCIMENTO, 2016, p. 125).

A noção de monumento comprehende não só a criação arquitetônica isolada, mas também a moldura em que ela é inserida. O monumento é inseparável do meio onde se encontra situado e, bem assim, *da história da qual é testemunho*. Reconhece-se, consequentemente, um valor monumental tanto aos grandes conjuntos arquitetônicos, quanto às obras modestas que adquiriram, no decorrer do tempo, significação cultural e humana.(CARTA DE VENEZA, 1964)

Já através da história oral, pode-se recuperar não somente a história em si, mas dar significado a ela; tem-se a rica experiência de pesquisar uma fonte viva, com vínculos emocionais que agregam valores ao objeto de estudo. A opção por este método de pesquisa possibilita o estudo da vida social das pessoas e seu cotidiano, evidenciando os passos trilhados pelo cidadão comum, inserido na coletividade de sua comunidade. Ao se voltar para o campo das representações, do imaginário, da experiência e identidade, a pesquisa histórica passou a contar com a memória, uma fonte importante não mais para dar sentido ao passado, mas para entender o presente. Dentro dessa nova perspectiva, a história oral constitui-se um novo campo de reflexão, uma metodologia que tem a análise de processos de seleção e registro da experiência vivida, bem como a discussão de questões relacionadas à memória e ao esquecimento. (PIERONI ; DENIPONTI, 2004, p. 77).

Em relação à memória, a intenção é reforçar “os sentimentos de pertencimento” e representações de coletividade; é referenciar o passado para manter a harmonia entre as comunidades distintas. No momento da seleção da memória, automaticamente, ocorre o esquecimento de informações do passado, por conta das relações de memória e poder. Quanto ao registro, este é “o fundamento do fato histórico”, pois depende da escolha e decisão do historiador, segundo Lefebvre (1971, p. 17 *apud* LE GOFF, 1990, p. 465): “Não há notícia histórica sem documento” e precisava, “Pois, se dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se”.

2.1 Arqueologia da arquitetura

A arqueologia que se aproxima do estudo histórico, sociológico e antropológico, estuda os achados de caráter material relacionados com os de caráter imaterial, com foco no passado. Sua metodologia na área surge com a descoberta da cidade de Pompéia no século XVIII e, a partir daí, começa-se a pensar no desenvolvimento tecnológico dos processos de investigação. Classificar e descrever os objetos é a principal atividade, porém, nos anos 80 surgiu a necessidade de interpretar o funcionamento da sociedade adaptada ao meio ambiente, sem levar em conta suas necessidades como sociedade. Como forma inteligente de delimitar os processos arqueológicos realizados atualmente, a arqueologia está dividida em dois tipos mais usuais: a arqueologia de contrato, que serve para a atuação de empresas em sítios arqueológicos, como forma de reconhecer através de licenciamento ambiental e a arqueologia acadêmica, que tem por finalidade a pesquisa institucional realizada, a fim de estudos científicos. Arqueologia da Arquitetura ou Arqueologia do Edificado é a maneira de elaborar a história de um edifício através da metodologia arqueológica, considerando suas remodelações e transformações ao longo do tempo, para que funcione como documento histórico e simbólico. Traçando a história evolutiva do edifício e conhecendo os materiais e as técnicas construtivas, além do contexto histórico, é possível compreender a cultura e os processos que deram origem a esse edifício. (SANTOS, 2013). Na prática, para aplicar os processos é imprescindível uma equipe multidisciplinar para decidir coletivamente. É através do diálogo com profissionais de diferentes áreas do conhecimento que se define qual unidade deve ser preservada para estudo intensivo, porque não há como caracterizar um achado como mais importante, pois, na visão da História, não há civilização mais importante, independentemente do tempo.

2.2 Reconhecimento e autenticidade

Pozenato (2003), através do seu conhecimento da experiência sobre os processos de cultura e a influência na sociedade, explica que a principal preocupação é saber exatamente o que é essa cultura e o que a compõe, como se organiza e como pode ser definida, considerando os elementos de que essa cultura é constituída e desprezando elementos estranhos. De acordo com Bosi (1979), a cultura é “o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores” que devem ser repassados às novas gerações, de maneira a garantir sua perpetuação. Um elemento, bastante importe na relação de cultura é a interferência tecnológica. Há algum tempo, podia-se medir essa interferência, mas hoje em dia é quase impossível. (POZENATO, 2003). A tendência do pensamento sobre a *cultura* em si é de que ela se mantém estática, sem que nada interfira em seus elementos. Mas é preciso entender a *cultura* como um acontecimento, que sofre transformações dentro do processo histórico. Também é necessário conhecer os fatores que podem causar as transformações culturais e entender os fatores que, ao introduzirem-se mudanças interferem na identidade cultural e os fatores que não interferem.

Para dar início ao processo de reconhecimento da autenticidade de um bem, devem ser levados em conta os valores patrimoniais e as alterações sofridas ao longo do tempo, considerando seus materiais construtivos, a memória da comunidade, suas culturas e tradições mantidas desde a época da sua construção. (PONTUAL, 2008, p.11-12). A memória coletiva refere-se aos fatos ocorridos no local onde o indivíduo está inserido, na sociedade a que pertence. É essa memória que o indivíduo acessa, quando precisa recorrer a fatos que não presenciou, mas fazem parte do seu passado e de sua comunidade. Essa memória é externa e não intrínseca ao sujeito que lembra. (BARRETO, 2000, p. 45).

Riegl (2014), ao abordar os valores dos monumentos, aponta os valores históricos e de uso, entre outros, podendo relacioná-los como um “processo gradual de desenvolvimento individual de atividade humana” de sua “existência física”, para que haja uma “existência psíquica”, isto é, a construção de sentimentos relacionados ao bem. Considerando os diversos valores que um monumento pode apresentar e a busca por novas atribuições de valores para além do estético, seja através da cultura, seja da memória, é preciso reconhecer o que é um monumento e qual sua importância para aquela sociedade. É, a partir do conceito de monumento, que tem como função relembrar o passado através da emoção de uma memória viva e contribuir para preservar a identidade de uma comunidade, que este se torna um monumento histórico. O monumento histórico por sua vez é o que relaciona a memória viva de uma comunidade com o valor atribuído a ela, durante tanto tempo.(CHOAY, 2006, p. 18-26).

2.3 Patrimônio edificado *versus* período da industrialização

A preservação do patrimônio industrial é recente, comparando-a com outras manifestações culturais. O interesse específico pelos edifícios resultantes do processo de industrialização consolidou-se ao longo das décadas, e vários países iniciaram um esforço para elaborar inventários sistemáticos, além de proteger sítios industriais. Mesmo que o interesse pelos edifícios industriais tenha sido consolidado há algum tempo, o patrimônio industrial, propriamente dito, ainda não tem seu valor efetivamente reconhecido. (KÜHL, 2008).

Parte relevante do legado da industrialização é patrimônio cultural e seu tratamento envolve um complexo de problemas. Na maioria das cidades, grande parte desse patrimônio está localizado em áreas centrais, sofrendo a pressão da especulação imobiliária e podendo ser comparado ao contexto europeu, com a situação do período de industrialização em Caxias do Sul, no início do século XX. Porém, devido ao valor afetivo e simbólico estar diretamente vinculado às atividades produtivas e ao trabalho realizado no passado, pelos membros das comunidades e dentro de um contexto de potencial político-econômico, é que sua preservação tem grande relevância.(KÜHL, 2008). A ideia da cidade como documento de um dado processo social e histórico será muito diferente daquela da cidade que representa a nação e emana seus valores de unidade e identidade, constitutiva do Iphan desde os anos 1930. (NASCIMENTO, 2016, p. 132).

65

2.4 Conservação do patrimônio edificado

No que diz respeito às Teorias da Restauração, que também estão relacionadas aos processos de gestão do patrimônio, independentemente do estado de conservação do bem propriamente dito ou da situação em que ele se encontra perante a legislação, toda e qualquer intervenção deve ser realizada através dos procedimentos básicos. Para Brandi (2004), o restauro crítico é considerado um ato histórico-crítico, pois o processo é relativo aos parâmetros culturais de cada época. Dessa forma, poderiam ser mantidas as partes existentes e para a reconstituição utilizar-se diferentes materiais, a fim de identificar as alterações, sem correr o risco de produzir uma cópia ou até mesmo uma falsificação. Nessa mesma linha de pensamento, Braga (2003, p. 13) afirma que o bem cultural imóvel e arquitetônico pode ser considerado o mais complexo na criação de um projeto de intervenção, cuja conservação física deve ser levada em conta, juntamente com os fatores que nela interferem, pois, como na condição de patrimônio cultural, com seus significados e representações, precisa passar por adequação ou atualização. Para que se possa garantir a segurança de um uso atual, esse projeto deve contemplar os materiais e as técnicas atuais adequadas e compatíveis, “considerando os fatores históricos e teóricos”.

3 RECONHECIMENTO

3.1 A história da antiga Cervejaria Continental

Casarão construído no final dos anos 20 do século XX, abrigou uma das primeiras cervejarias em Caxias do Sul, durante o processo de industrialização na região, adquirido em 30 de maio de 1938 pela empresa "Bopp, Sassem Ritter e Companhia Limitada", que operava com a fábrica de gelo e distribuição de bebidas, incluindo as da marca "Brahma" (Figura 2). Anteriormente, pertenceu a Raimundo e Maria Baldisserotto; Artur e Nair Baldisserotto; Onelio e Edilia Muratore Baldisserotto. (IPHAE, s/data). Em 11 de julho de 1945, a razão social da referida empresa passou a ser "Cervejaria Continental S.A.", incorporada pela "Companhia Cervejaria Brahma", para a qual o imóvel foi transferido em 1946 (Figura 3). Em 1969, o imóvel foi adquirido por "Sehbe S.A Hotéis e Turismo", para servir de escritório de apoio logístico ao "Alfred Hotel e Alfred Palace Hotel", situados na mesma rua. A propriedade pertence atualmente à "Furniture Assessorias Internacionais Ltda.". (DIPPAHC). Em 2010, a Furniture solicitou alvará de demolição, que foi negado pelo conselho de patrimônio histórico e cultural (COMPAHC), conforme Processo nº 2010034776. Em 2013, foi elaborado um laudo e diretrizes para restauro, cujo projeto foi apresentado em 2015, incluído em um projeto de nova construção no amplo terreno remanescente. A edificação foi incluída como área construída, garantindo sua preservação, no âmbito do imóvel como um todo. (IPHAE, s/data).

Figura 3 – Anúncios da cervejaria em jornais da época

1 **Fábrica de gelo e depósito de bebidas**
Conforme estava definitivamente, marcada para o dia 29 do mês passado, a inauguração do «depósito de bebidas e fábrica de gelo» da cervejaria Continental, foi inaugurada às, 4 e meia horas da tarde de 29 do p. p. més.
Ao ato inaugural compareceu o mundo oficial e representantes da imprensa, para esse fim veio de Porto Alegre um representante dessa conceituada, firma.
Aos convidados foi oferecido bebidas geladas e sanduíches.
Os srs. depositários Fritsch & Soares, do alto comércio desta praça foram incansáveis em servir os presentes, tendo os convidados, após a festa se retirado satisfeitos.

O depósito de bebidas e gelo da Continental está aparelhado para o fornecimento de toda cidade.

2 **Aos senhores plantadores de Cevada Cervejeira**
A CERVEJARIA CONTINENTAL avisa que só adquirirá na próxima safra:
CEVADA BEM SECA, BEM MADURA E DE ALTO PODER GERMINATIVO,
fatores essenciais ao processo da matagem.
aconselha, por conseguinte, que sejam seguidas as instruções contidas em folheto que lhes remeteu junto com a semente, para o plantio deste ano.
Sendo a época de compra, sómente a partir de
JANEIRO DE 1943
recomenda que guardem A CEVADA NA ESPIGA, NO MÍNIMO SEIS SEMANAS, após a celas, para o seu completo amadurecimento e secagem.
Chama a atenção também que toda a cevada que for trilhada antes do prazo acima citado, contém ainda excesso de humidade, carrechão facilmente e perde grande parte do seu poder germinativo, tornando-a imprópria para o fabrico do malte.
BOPP, SASSEN, RITTER & CIA. LTDA.

3 **COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA Filial Caxias**
Pedimos aos nossos distintos Freguezes para fazerem os seus pedidos de bebidas para as «FESTAS DE NATALE ANO NOVO» com uma **antecedência de 7 dias**, afim de podermos garantir uma entrega satisfatória.
(Não assumimos responsabilidade pela entrega de encomendas feitas à última hora).
ENCOMENDAS: ARY SOARES & CIA. LTDA
Rua 18 do Forte, 2283 — Telefone 271

4 **Declaração**
AFONSO FRITSCH, abaixo assinado, declara para os devidos fins e a quem interessar possa, que, em data de 30 de Junho próximo passado, retirou-se da sociedade que mantinha, nesta cidade com o Sr. Ary Pereira Soares, — sob a razão social de FRITSCH & SOARES.
Retira-se na maior e perfeita harmonia pago e satisfeito do seu capital e lucros, assumindo o ativo e passivo o socio Sr. Ary Pereira Soares.
Coxias do Sul, 7 de Julho de 1945.
Afonso Fritsch
DE ACORDO: **Ary Pereira Soares.**
(As firmas estavam devidamente reconhecidas).

5 **AVISO**
A COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA
comunica aos seus fregueses que no intuito de melhor servir a todos que a houram com a sua preferência, resoluve concentrar a produção de suas mercadorias nas fábricas de Porto Alegre e Passo Fundo, cujas instalações foram, para esse efeito, grandemente melhoradas e modernizadas.
Em consequência serão encerradas as atividades das fábricas de Pelotas e Caxias do Sul, daí, portanto, não decorrendo qualquer prejuízo para a frequência destas cidades, enquanto aquelas duas fábricas, em franca e crescente atividade, estão em perfeitas condições de atender com a costumeira solicitude a todos os pedidos que lhes forem encaminhados os quais desde já agradece.

Fontes: 1, 3, 4 e 5. Jornal O Momento, jan. 1938, jan. 1945, jul. 1945 dez. 1947 e 2. Jornal Correio Riograndense, jan. 1943.

3.2 Localização – espaço urbano e lugar de memória

A condição dos espaços urbanos centrais, é consequência do processo de industrialização capitalista, em que as alterações nas estruturas das cidades medievais modificaram completamente o quotidiano da cidade moderna. Essa estrutura, também presente na cidade de Caxias do Sul, representa bem as transformações ocorridas no bairro São Pelegrino, em especial, onde está localizado o casarão da Antiga Cervejaria Continental (Figuras 3 e 4). O casarão localiza-se em uma região dotada de carga simbólica, Estação Férrea e Praça da Bandeira, onde muitas culturas se encontram e rememoram fatos do passado. Essa região mudou muito desde a chegada do trem em 1910, pois havia apenas moradias de madeira; hoje, deparamo-nos com uma grande transformação urbana e modificação da paisagem. O bairro São Pelegrino, atualmente é um dos maiores pontos comerciais de Caixas do Sul. Isso se deu através das mudanças tecnológicas e culturais, durante o processo de industrialização da cidade.

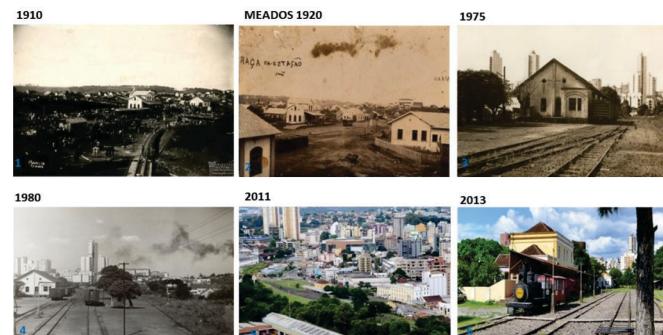
O acelerado processo de urbanização que, associado à primeira revolução industrial, exprimia este desenvolvimento acelerado das forças produtivas e o reforço da mobilidade do capital, determinou uma nova relação com o espaço e determinou, também, uma nova estruturação da vida social e quotidiana. De facto, a organização social industrial capitalista origina e exige uma progressiva separação das atividades sociais: as atividades produtivas desenvolvem-se em tempos e espaços fixos distintos dos tempos e espaços afetos a outras atividades sociais, no quadro de uma progressiva separação e divisão funcional do espaço urbano indústria. (ZILHÃO, 2013, p. 57).

Figura 4 – Transformação do espaço urbano – Praça da Bandeira / Dante Marcucci



Fontes: 1 e 2. Arquivo Histórico João Spadari Adamí, 1930; 3 e 4. Jornal Pioneiro, 2013 e 2014; 5. Facebook Praça Dante Marcci, 2017; 6. Guia de Caxias do Sul, 2018.

Figura 5 – Transformação do espaço urbano – Complexo Estação Férrea



Fontes: 1, 2, 3 e 4. Arquivo Histórico João Spadari Adamí, 1910, 1920, 1975, 1980; 5. Jornal Pioneiro, 2011; 6. Guia de Caxias do Sul, 2018.

67

Figura 6 – Rua Os 18 do Forte em 1950



Fontes: Arquivo Histórico João Spadari Adamí (1950).

Analizando os mapas da região, é possível perceber que a malha urbana não se alterou significativamente desde a época da construção aproximada da edificação, nas décadas de 20 e 30 (Figuras 5, 6 e 7). Porém, as construções existentes no seu entorno não são mais as mesmas, algumas ainda permanecem, mas com grandes alterações e descaracterizadas. Na fotografia dos anos 50, nessa região prevaleciam residências de dois e três pavimentos. Atualmente, predominam prédios em média de dez pavimentos. No entanto, a antiga Vínicola Companhia Rio Grandense, em frente, e a Praça da Bandeira, ao lado, permanecem com as características preservadas. Através de fotografias encontradas, a partir da década de 80, é possível constatar que o casarão não sofreu muitas alterações, sendo assim um exemplar de originalidade naquela região, exprimido em meio aos novos prédios da Rua Os 18 do Forte (Figuras 8 e 9). Pela história oral, conversando com algumas figuras que viram a transformação da edificação, é possível perceber a sua importância. Diversas histórias contadas por pessoas que viveram sua infância naquele lugar, que moraram no casarão e que participaram de eventos na Antiga Cervejaria Continental, fazem com que ele se torne um lugar de memória.

3.3 Análise evolutiva

Através dos registros de aerofotogrametria da prefeitura de Caxias do Sul (Figura 10), é possível identificar a evolução dos volumes da edificação, a partir de 1964. Nota-se que foi removido um volume nos fundos da edificação, caracterizando um ambiente interno e uma sacada, onde atualmente existe marca de uma laje engastada na edificação. Atrás da edificação existiu um anexo em dobro de proporção do casarão, possivelmente, onde situava-se a fábrica de gelo, nos fundos da cervejaria. Esse anexo, posteriormente, foi substituído por um pavilhão para servir de área de serviços do Alfred Hotel. Também é possível identificar a substituição do telhado original de telhas cerâmicas por telha metálica. Além das características da edificação, é possível reconhecer a “Rua da Brahma”, assim conhecida na região do bairro São Pelegrino.

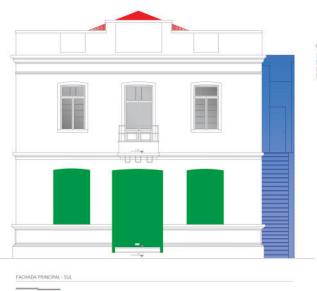
Na fachada principal, tudo indica que a escada ao lado direito não fez parte do projeto original, pois não “conversa” com a simetria original. O telhado é modificado, de telha de barro para telha metálica. As esquadrias de acesso principal foram fechadas com alvenaria por fora da fachada, mas ainda fazem parte da edificação. Essas três alterações podem ser vistas através de fotografia antiga (Figuras 11 e 12).

Figura 7 – Foto aérogamétrica 1964



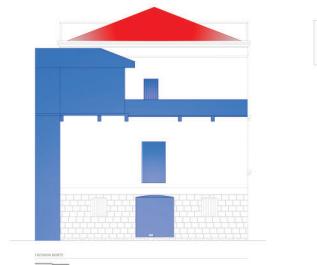
Fonte: GEOCAXIAS, 2019.

Figura 8 – Análise evolutiva da fachada principal



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 9 – Análise evolutiva da fachada norte

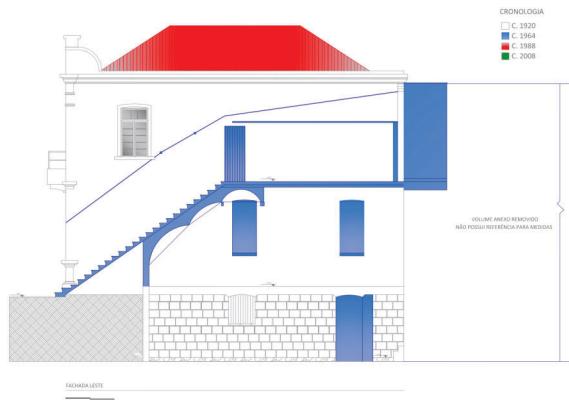


Fonte: Elaborada pela autora.

A fachada norte apresenta duas portas, que acessavam uma laje de uma sacada e um anexo, já removidos, no segundo pavimento, onde se interligava a edificação ao outro volume não mais existente. No pavimento térreo, há somente uma abertura com vidro fixo modificado. O pavimento de subsolo apresenta duas janelas laterais e um vidro fixo, com fechamento ao redor, caracterizando uma porta-janela removida, com adaptações de grades de proteção, adotadas como uma necessidade de segurança patrimonial. Essa fachada tem difícil acesso, pois há um prédio em construção nos fundos do casarão, permitindo apenas fotos parciais. (Figura 13 e 14).

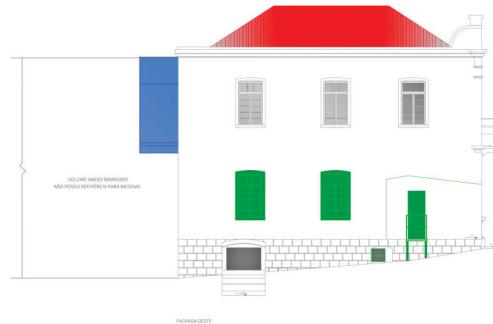
A fachada oeste, pouco descaracterizada, apresenta um portão, possivelmente substituído e uma gateira com basculante, no pavimento de subsolo. No pavimento térreo apresenta duas janelas e uma porta, onde, através de levantamento *in loco*, levanta-se a hipótese de que uma porta foi instalada onde havia outra janela, sendo mantido o mesmo ritmo da fachada. Elementos adicionados à fachada, como tubulações, fiação, máquinas de ar-condicionado e proteção de madeira, na entrada do subsolo, evidenciam a passagem do tempo e a troca de uso da edificação, interferindo na visualização desta lateral. Através da aerofotogrametria, consegue-se identificar dois anexos que foram removidos da cervejaria. (Figura 13 e 14).

Figura 9 – Análise evolutiva da fachada leste



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 10 – Análise evolutiva da fachada oeste



Fonte: Elaborada pela autora.

A fachada leste encontra-se completamente descaracterizada, sem a parede externa e apenas parte da empena junto à fachada norte. Apresenta demarcação do anexo da cobertura removido, uma escada possivelmente não original ao projeto inicial e uma janela no segundo pavimento. No pavimento térreo, apresenta dois vãos de janelas que foram fechadas com alvenaria. No pavimento de subsolo, identifica-se uma janela menor e um vão de porta fechado com alvenaria (Figura 13 e 14).

3.4 Análise tipológica

A partir da identificação da tipologia do objeto em estudo, é possível relacionar os elementos da edificação, formais e compostivos, inclusive os que foram descaracterizados e comprometem a unidade estética do prédio. A edificação contempla três pavimentos, subsolo, térreo e segundo pavimento. Há acesso principal no pavimento térreo, não tem ao subsolo por dentro do casarão, somente pela área externa. As esquadrias são de madeira em arco batido. No pavimento térreo, apresenta duas janelas laterais e uma porta-janela no centro; no segundo pavimento igualmente, a disposição das aberturas junto ao balcão (tipo púlpito) identifica a simetria da fachada. No lado direito, a edificação apresenta uma escada de alvenaria armada. Nas demais fachadas, não é possível garantir simetria original, porém, possui os mesmos traços formais. No segundo pavimento, há evidência de escada interna removida, caracterizando o uso residencial e comercial com acesso interno inicialmente e, posteriormente, usos separados através de escada de acesso lateral. Apresenta telhado de quatro águas, mantendo-se com volumetria praticamente original, em relação à evolução de prédio (Figura 15). Há registro oral de que houve moradia no segundo pavimento do casarão, juntamente com o comércio nos demais pavimentos e nos fundos da edificação.

Figura 12 – Análise tipológica da fachada principal



3.5 Análise técnico - construtiva

O sistema construtivo é composto de alvenaria portante de tijolo maciço cerâmico, no térreo e no segundo pavimento. No pavimento de subsolo, a alvenaria portante é de pedra basáltica e os pilares e vigas que sustentam a edificação são de madeira maciça. A fundação é toda em pedra basáltica, e a cobertura atual possui telhas e estrutura metálica. O revestimento externo e interno tem reboco fino de argamassa; nas fachadas existe uma camada de salpique aplicada sobre o revestimento original. As vergas de portas e janelas são retas. O entrepiso é de madeira e a estrutura é metálica e aparente em todos os pavimentos; os três pavimentos não contemplam forro. As esquadrias são de madeira em sua maioria, e as que foram substituídas são metálicas. Não existem paredes internas, apenas marca de possíveis divisórias de madeira. Há somente vestígios de escada de madeira suprimida entre os pavimentos térreo e segundo, o que leva a acreditar que a escada externa foi construída em anexo posteriormente. A edificação encontra-se bastante descaracterizada em duas de suas fachadas, a norte e a leste. A fachada principal sul permanece original, porém, as esquadrias do pavimento térreo estão escondidas atrás de fechamentos em alvenaria, e a fachada oeste possui alguma descaracterização, uma janela substituída por porta com alteração do acesso principal. Para esse acesso foi criada sacada em laje de concreto (Figura 16).

Figura 13 – Planta baixa subsolo

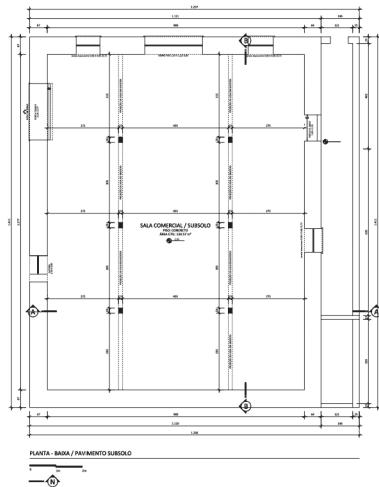
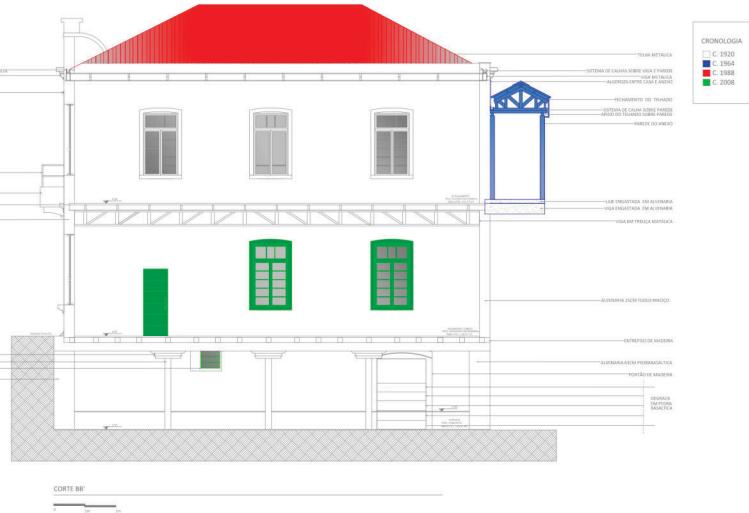


Figura 14 – Planta baixa subsolo



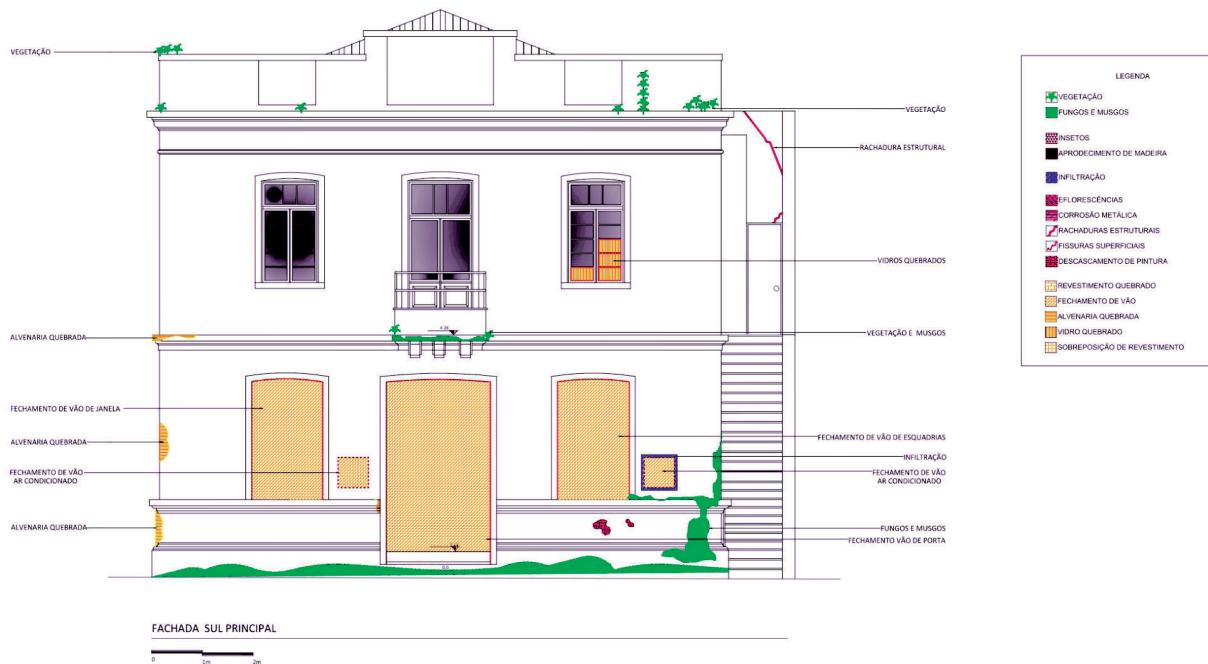
Fonte: Elaborada pela autora.

4 DIAGNÓSTICO E MAPEAMENTO DE DEGRADAÇÕES

Como metodologia para o diagnóstico, primeiramente realizou-se o levantamento cadastral da edificação, que não possui projetos originais e registros históricos. Elaborou-se os croquis, levantamento métrico, desenhos do que foi encontrado in loco, desenho final, produção de dados de deteriorações e cadastro fotográfico com a utilização da câmera Fuji Film Finepix S4800 30x.

O mapeamento de degradações foi realizado somente nas fachadas da edificação, por ter difícil acesso. Contudo, a análise foi bastante criteriosa, possibilitando identificar diversas manifestações patológicas e ações antrópicas. A partir desses resultados foram apresentadas as fichas de diagnósticos individuais. Como exemplo, a fachada principal apresenta diversas intervenções sem critérios, fechamentos de vão, vidros quebrados, alvenaria e revestimento externo em desagregação, descascamento de pintura, além de fungos e vegetações em diversos pontos (Figura 15).

Figura 15 – Mapeamento de degradações da fachada principal



Fonte: Elaborada pela autora.

4.1 Mapeamento de degradações

O mapeamento de degradações foi realizado somente nas fachadas da edificação, por ter difícil acesso e pessoas trabalhando no interior do prédio. Contudo, a análise foi bastante criteriosa, possibilitando identificar diversas manifestações patológicas e ações antrópicas. A partir desses resultados, foram apresentadas as fichas de diagnósticos individuais. A fachada principal apresenta diversas intervenções sem critérios, fechamentos de vão, vidros quebrados, alvenaria e revestimento externo em desagregação, descascamento de pintura, além de fungos e vegetações em diversos pontos (Figura 17). A fachada norte encontra-se muito deteriorada, apresentando alvenaria e revestimento em desagregação, sobreposição de revestimentos, intervenções em esquadrias e fechamentos de vãos e paredes removidas, além de rachaduras e fissuras, que podem comprometer a estrutura da edificação. Na fachada leste, foram identificados pontos de infiltração por derramamento de tubo de queda em local inadequado, presença de fungos e vegetação em diversos pontos. Fechamentos de vãos que interferem na leitura da fachada também são significativos. Rachaduras com mais de 5cm de espessura são vistas de longe e podem comprometer a estrutura do casarão. A fachada oeste foi a menos afetada. Apresenta vegetação em poucos pontos, desagregação de alvenaria e revestimento no canto esquerdo do prédio e próximo à porta de acesso. Identificou-se supressão de janela original, substituída por porta de madeira. No segundo pavimento, é possível contar os vidros quebrados, além das janelas com peças de madeira em estado de deterioração.

4.2 Fichas de Diagnóstico e Prospecção de cores

Nesta seção são apresentadas as fichas de diagnóstico, com as principais manifestações patológicas encontradas no casarão (Figura 18). Foram elaboradas dezesseis fichas através de levantamento fotográfico e estudo da bibliografia específica para detectar as degradações na edificação e também as interferências por ações antrópicas. Neste caso, os maiores problemas do prédio são intervenções sem critérios e falta de conservação preventiva. Em específico, os principais danos encontrados são: fissuras, rachaduras, infiltrações, umidade e vazamentos, além da presença de agentes biológicos e corrosão metálica. Esses danos estão presentes em praticamente todo o casarão, alguns mais graves, em estado de comprometimento de estruturas e outros mais brandos e de fácil intervenção. As fichas compõem fotografias das degradações, breve descrição do problema, estado de conservação e recomendação de intervenção, bem como substituição e preservação, a fim de garantir o máximo de originalidade na edificação.

A prospecção de cores no casarão se deu através de decapagem e comparação de cores, conforme prospecções estudadas por Naoumova (2009), nas cidades do sul do Rio Grande do Sul, confirmando a tendência de cores das pinturas aplicadas em edificações de linguagem eclética e as alterações em outros períodos históricos. Com a inexistência de projetos originais e fotos antigas para a comparação de claro-escuro, foi realizada a decapagem com bisturi, para identificar as camadas da parede e moldura

74

Figura 17 – Prospecção de cores da fachada principal



REFERÊNCIA – CATÁLOGO DE CORES TINTAS SVINIL

Fonte: Elaborada pela autora.

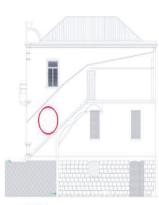
Figura 16 – Modelo de ficha - Manifestações patológicas

**+ ANTIGA CERVEJARIA CONTINENTAL | MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS +
RACHADURAS, UMIDADE E BIODETERIORAÇÃO**

FICHA 02





LOCALIZAÇÃO - Parede externa fachada leste

ORIGINALIDADE - Original

MATERIAL - Alvenaria de tijolo maciço e reboco de argamassa

ESTADO DE CONSERVAÇÃO - DEGRADADO

CAUSA - Danos causados por infiltração em pontos de rachaduras e deslizamento de revestimento, devido ao despejo irregular de tubo de queda, ocasionando a proliferação dos agentes biológicos. A parede apresenta manchas de cores verde e amarela e umidade, possivelmente fungo manchadores. Neste caso, o odor forte é considerável no ambiente interno e não há presença de iluminação, além do acúmulo de pó.

RECOMENDAÇÃO - Indica-se a retirada de amostras para análise biológica, para identificar os tipos de microorganismos encontrados na fachada leste, através de um dos dois métodos de coleta eficientes, a utilização de fita adesiva ou escova de dente estéril, indicados para materiais de construção. Posteriormente, propor a intervenção mais adequada no tratamento das superfícies, entre elas estão: limpeza, descontaminação biológica, proteção contra umidade e consolidação do revestimento de argamassa.

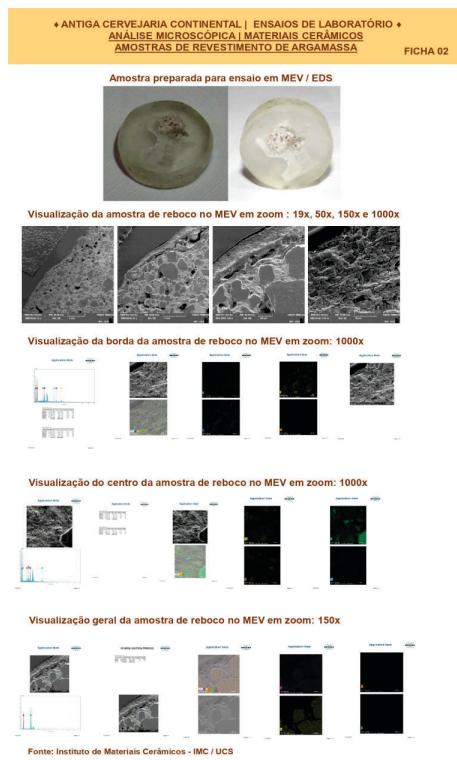
Fonte: Elaborada pela autora.

da fachada sul. Foram encontradas de 2 a 3 camadas de cores em cada elemento. Nas camadas superficiais de revestimento de argamassa, também foram detectados micro-organismos de cor escura, que interferem na comprovação da cor. Na esquadria, localizada na fachada oeste e no guarda corpo do balcão, localizado na fachada sul, o reconhecimento se deu visualmente, através das camadas de tintas descascadas. Para o reconhecimento aproximado das cores de cada camada, não foi possível utilizar escala de controle cromático KODAK profissional; porém, foi realizado um comparativo através do catálogo de cores das Tintas Suvinil e identificação das cores em fichas de prospecção, a fim de determinar as possíveis combinações de cores aplicadas ao longo do tempo. As camadas apresentam desbotamento dos pigmentos, o que dificulta a precisão da cor, mas indica um norte para uma possível intervenção (Figura 19).

4.3 Ensaios de laboratório

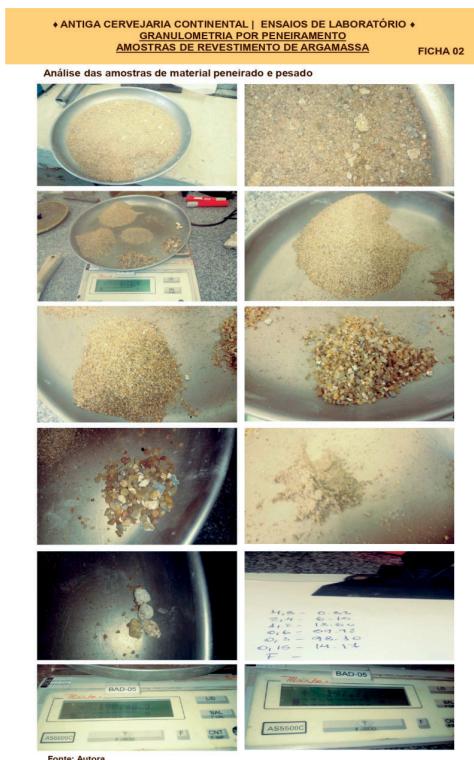
A Universidade de Caxias do Sul possibilitou a realização de ensaios nos laboratórios de aulas práticas, durante curso de especialização, com o intuito de garantir melhores resultados para esta pesquisa. Dessa forma, foram realizados dois ensaios tecnológicos para revestimentos externo de argamassa. O primeiro ensaio foi praticado no Instituto de Materiais Cerâmicos – (IMC), na unidade da UCS, na cidade de Bom Princípio/RS, sob orientação do Prof. Dr. Robinson Carlos Dudley Cruz. A análise

Figura 18 – Modelo de ficha - Ensaio de laboratório



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 19 – Modelo de ficha - Ensaio de laboratório



Fonte: Elaborada pela autora.

microscópica foi realizada em MEV / EDS (Microscópio Eletrônico a Vácuo / *Electronic Data Systems*), com a finalidade de estimar a idade do revestimento e sua composição e propriedades mecânicas. O segundo ensaio foi realizado no Laboratório de Tecnologia Construtiva –(Labtec) da UCS, no Campus 8, na cidade de Caxias do Sul/RS, sob a orientação do Prof. Me. Givanildo Garlet. Neste, praticou-se o ensaio de granulometria por peneiramento, com a finalidade de adquirir informações suficientes para posteriormente propor, de forma adequada, a reconstituição de traço em possível intervenção.

4.3.1 Ensaio de microscopia em MEV / EDS

Para o ensaio de microscopia no MEV /EDS, primeiramente realizou-se a extração, separação e identificação da amostra conforme orientação. Após, a amostra foi levada para o IMC e preparada pelos auxiliares de laboratório do instituto. A preparação se deu em:a) envolver a amostra em resina acrílica, formando um círculo de 3cm;b) esperar secagem da amostra;c) polir a amostra com água;d) inserir no MEV / EDS (a amostra ficou sob o vácuo).Após inserção no MEV / EDS, realizou-se a análise das imagens e dos gráficos gerados através de *software* específico. Esse equipamento não mostra a cor do objeto na fotografia, pois cada mineral transmite luz diferente, somente identifica cor através do uso de elétrons, gerando imagens coloridas. Nessas imagens, foi possível identificar diversas características do revestimento de argamassa como: a) granulometria sem industrialização, sendo aparência de pedra de leito de rio; b) diversos tipos de rocha, envolvidos com massa contínua; tons de cores de rochas; c) geometria de grãos mais arredondados, sem britagem; d) partículas de diversos tamanhos; e) presença de fungos; f) presença de tinta, por identificação de titânio, maior quantidade de tinta nova do que antiga; g) identificação de barro na mistura (Figura 20).

4.3.2 Ensaio de granulometria por peneiramento

O ensaio de granulometria tem a função de medir a proporção relativa dos grãos de diversos tamanhos que compõem o agregado. A composição granulométrica é determinada por meio de peneiramento, através da utilização de conjunto de peneiras, com aberturas específicas conforme norma **NBR NM 248**, podendo ser de série normal ou intermediária. Neste caso, foi utilizado o conjunto de peneiras da série normal. Incialmente, extraiu-se a amostra do material localizado na fachada norte do edifício. Posteriormente, no laboratório do Labtec, pesou-se a amostra em balança aferida e preparou-se a redução das frações para separar a areia do material fino, cimento e cal. Após, realizou-se a secagem em estufa e novamente a pesagem. Nesse caso, utilizaram 200g de amostra da areia, que, após a secagem, resultou em 198,98g. Posteriormente, colocou-se a mostra do agregado no conjunto de peneiras e logo no agitador mecânico. A cada retenção de material por peneira, colocou-se em bandeja, limpando bem com pincel as telas metálicas para não perder material. Por último, pesou-se cada uma das quantidades obtidas (Ficha 2). No final, a amostra resultou em 197,77g. Não foi possível finalizar todos os processos do ensaio. Porém, foi realizado o cálculo do módulo de finura da areia utilizada no revestimento. Com esse dado é possível iniciar uma composição de traço para a reconstituição, mas deve-se realizar estudos mais aprofundados.

5 DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO

Considerando a ética nos processos de conservação e restauração, é imprescindível apoiar-se nos princípios básicos da intervenção, como legibilidade e reversibilidade, garantindo total transparência na leitura estética do edifício e reconhecendo as características de cada época, preservando a materialidade do monumento. O bem cultural imóvel arquitetônico é, talvez, o que apresenta maior complexidade no momento da elaboração do projeto de intervenção.

Neste caso, à conservação física soma-se uma gama de fatores que nela interferem e que determinam suas diretrizes. (BRAGA, 2003, p. 13).

Os fatores que determinam que um projeto de intervenção garanta a conservação do patrimônio edificado são definidos a partir das análises e dos levantamentos realizados durante a pesquisa. Dessa forma, tomar partido e apontar o que será preservado, consolidado, suprimido e anexado deve ser a premissa para propor as diretrizes de conservação. Considerando o casarão da Antiga Cervejaria Continental, um dos poucos exemplares de sua época, na região da Praça da Bandeira, resistente em meio à transformação urbana, deve-se levar em conta os valores atribuídos para tomar partido e nortear a tendência de intervenção. Neste caso, o edifício conservará o uso comercial, e sua estrutura prevalece em bom estado de conservação, com algumas interferências que não comprometem o uso; porém, há necessidade de projetos específicos de instalações elétricas, hidráulicas, saneamento e prevenção contra incêndios. Como tendência de intervenção sugere-se a *Conservação* do edifício, com eventuais ajustes e adequações funcionais e consolidações estruturais necessárias, a fim de garantir a vida útil, material e funcional da edificação. A *Conservação/Consolidação* é caracterizada pela intervenção direta na matéria, na qual, se constituem as edificações, a fim de garantir a integridade física, estrutural e estética do bem. (BRAGA, 2003).

5.1 Diretrizes e critérios gerais:

- a) entende-se como criação arquitetônica, por evolução significativa ou acontecimento histórico, compreendendo não só as grandes edificações, mas também as obras modestas que adquiriram significado cultural com o tempo;
- b) a conservação e a restauração constituem-se das técnicas e ciências que possam contribuir para o estudo da salvaguarda do patrimônio;
- c) a conservação de monumentos deve exigir manutenção constante;
- d) a restauração deve ter caráter excepcional e ostentar a marca do nosso tempo;
- e) a consolidação com técnicas modernas será opção quando não for possível aplicar as técnicas tradicionais;
- f) documentar todo e qualquer procedimento de intervenção;
- g) garantir a legibilidade e reversibilidade em intervenções de qualquer natureza;
- h) o objetivo do restauro deve sempre permitir a leitura dos aspectos relativos à arquitetura do edifício;
- i) valores estéticos deverão ser desobstruídos, quando interferirem na leitura contínua do edifício;
- j) elementos acrescentados não deverão competir com os elementos originais;
- k) elementos faltantes podem ser substituídos, porém, distinguidos dos originais, integrando-se harmoniosamente;
- l) considerar elementos arquitetônicos como obras de arte: não intervindo com remoções e demolições que prejudiquem a trajetória do objeto através do tempo, somente em caso de debilitação do monumento;
- m) em caso de partes fragmentadas, pode-se optar por realizar a reconstituição por anastiloses, documentando e fotografando o processo;
- n) acréscimos devem respeitar as partes importantes do edifício, garantindo o equilíbrio da sua composição com o meio ambiente;

- o) sempre que possível, as lesões mapeadas na edificação deverão ser tratadas de forma específica, aplicando a correção adequada, conforme orientação do diagnóstico;
- p) documentar processos de intervenção de natureza física, química e microbiológica e monitorar possíveis reações adversas ao resultado esperado;
- q) realizar, sempre que possível, ensaios de laboratório em novos materiais e testes específicos, antes de aplicações de caráter invasivo;
- r) para processos de limpeza não utilizar produtos corrosivos e abrasivos, garantindo o desempenho correto dos materiais;
- s) a proposta de intervenção deve garantir a compatibilização entre o edifício e as atividades agregadas, a fim de uniformizar o conjunto, sem constituir um falso histórico;
- t) a intervenção externa deve levar em conta, além das originalidades do prédio, o seu entorno, jamais contemplar o restauro isoladamente;
- u) em relação à possível transformação de uso, a dinâmica do entorno da edificação também deverá ser contemplada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo possibilitou atingir os objetivos desejados, identificando os fatores que determinam os critérios de intervenção a serem adotados como referência para projetos de restauro, garantindo uma proposta de diretrizes de conservação para a edificação, destacando os originais autênticos. A pesquisa qualitativa se deu através de análises, levantamentos, pesquisa bibliográfica, pesquisa histórica, relatório fotográfico e realização de ensaios de laboratório, possibilitando conhecer as necessidades de intervenção do casarão que abrigou a Antiga Cervejaria Continental de Caxias do Sul, RS.

Os desafios enfrentados durante a pesquisa foram muitos, talvez a dificuldade de acessar o interior da edificação tenha sido a principal, pois o prédio abriga atividade comercial. No entanto, foi possível realizar bons levantamentos com qualidade de informações. Estas, transferidas para os desenhos, mostraram a riqueza das técnicas construtivas tradicionais do início do século XX e dos detalhes arquitetônicos escondidos por trás das ações antrópicas e das pinturas na cor cinza e sem graça. Com o intuito de preservar os valores arquitetônicos, estilísticos e técnico-construtivos do casarão, que fez parte da história de uma das primeiras companhias cervejeiras, a “Bopp, Sassem Ritter e Companhia Limitada”, durante o processo de industrialização da região, foram elaborados a partir dos levantamentos, as fichas de diagnóstico, a fim de exemplificar e mapear as manifestações patológicas da edificação, propondo soluções de intervenções apropriadas para cada caso, com base nos fundamentos do restauro e orientadas pelas cartas patrimoniais, Carta de Veneza e Carta de Restauro, além das orientações de órgãos de proteção ao patrimônio.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO HISTÓRICO JOÃO SPADARI ADAMI. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/informationobject/browse?showAdvanced=1&topLod=0>. Acesso em 24 set. 2018.
- BARRETO, Margarita. *Turismo e legado cultural: as possibilidades*. São Paulo: Papirus, 2000.
- BLOCH, March. *A apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRAGA, Márcia. *Conservação e restauro: arquitetura*. Rio de Janeiro: RIO, 2003.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- CARTA DO RESTAURO (1972). Ministério de instituição pública, governo da Itália, circular nº 117 , Rio de Janeiro: Iphan, 2004.
- CARTA VENEZA (1964).In:CURY, Isabelle (org.).Rio de Janeiro: Iphan, 2004.
- CATZ, Postos. Fotografia Rua Os 18 do Forte, 2004/2005. fot., color. 10cm x 15cm.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo, SP, Brasil: Estação Liberdade Ltda., 2006.
- CORREIO RIOGRANDENSE, Garibaldi, RS, 1938 a 1945.
- DIPPAHC. Divisão de proteção ao patrimônio histórico e cultural, Parecer nº 11/2010 do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural. *Apresentação de diretrizes gerais de restauração da edificação da Antiga Cervejaria Continental*, 8 dez.2010.
- GEOCAXIAS. Disponível em: <https://geopublico.caxias.rs.gov.br/geocaxias/>.Acesso em: 25 out. 2018.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização-problemas teóricos de restauro*. Cotia,SP: Ateliê Editorial, 2008.
- IPHAE. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=páginaInicial Ac&Clr=1>. Acesso em: 25 abr. 2019.
- LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1990.
- NASCIMENTO, F. B. (set-dez de 2016). In: *Patrimônio Cultural e Escrita da História: Hipótese do documento na prática do Iphan nos anos 1980. Anais do Museu Paulista*. São Paulo.v.24. n.3., p. 121-147.
- NAOUOMOVA, Natália; LAY, Maria Cristina D. *Tipologia cromática e questões de análise e planejamento da policromia das edificações nas áreas históricas*, Porto Alegre, UFRGS, 2009.
- O MOMENTO. Órgão do P.R. Liberal. Caxias do Sul, RS, 1938 à 1945
- PIERONI, G.; DENIPOTI, C. *Saberes brasileiros: ensaios sobre identidades - séculos XVI a XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda., 2004.
- PONTUAL, Virgínia. *Patrimônio cultural e autenticidade*, Pernambuco,UFPE, 2008.
- POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*, Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- PIONEIRO. Caxias do Sul, RS: RBS Zero Hora, coluna Memória Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/ultimas-noticias/tag/memoria/>. Acesso em: 23 out. 2018.
- RECENA, Fernando Antônio Piazza. *Técnicas aplicáveis a trabalhos de restauração de edificações de interesse histórico e cultural*. Porto Alegre: IPSDP, 2014.
- RIEGL, Alois. *O oculto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. São Paulo: Persepectiva, 2014.
- SANTOS, Raquel. *Arqueologia da arquitectura: conceito e metodologia*.São Paulo: Unicamp, p.1-10, 2013.
- ZILHÃO, Adriano. *Uma proposta multidisciplinar para o entendimento da centralidade urbana como facto social total*.Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. XXV, p. 55-77, 2013.

CASA CAMILO MARCANTÔNIO

Diretrizes para elaboração de projeto de intervenção

Paula Lovatel Soso¹

RESUMO

Este artigo foi elaborado a partir do relatório de monografia apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Conservação Arquitetônica: Diagnóstico e Intervenção pela Universidade de Caxias do Sul. O tema do trabalho é a preservação do patrimônio arquitetônico edificado e o objeto de estudo é a Casa Camilo Marcantônio, localizada no Centro Histórico de Antônio Prado. O objetivo foi produzir um diagnóstico de estado de conservação e definir diretrizes e critérios de intervenção, com vistas à intervenção no patrimônio construído, para esta edificação residencial colonial. Para alcançar este objetivo, foram desenvolvidas pesquisas bibliográfica, de campo e documental. Como resultado, o trabalho apresenta diretrizes para a conservação de materiais e técnicas originais e autênticas, através das intervenções baseadas em critérios técnicos e científicos aplicáveis a especificidade do objeto de estudo escolhido.

Palavras-chave

Patrimônio arquitetônico. Diagnóstico. Conservação. Intervenção. Restauração.

1 INTRODUÇÃO

A preservação de bens culturais, especialmente os arquitetônicos, mesmo que tombados, apresenta-se como um grave problema teórico e prático. Abandono, deterioração, descaracterização são resultantes da falta de recursos, falta de conhecimento e reconhecimento, além das especulações imobiliárias. Em Antônio Prado, a maioria dos imóveis tombados se encontra em bom estado de conservação. Contudo, a incompatibilidade de usos e a substituição desorientada de materiais e sistemas construtivos originais põem em risco de descaracterização o patrimônio edificado. O objeto de estudo escolhido a este trabalho é a Casa Camilo Marcantônio.

Figura 1 – Casa Camilo Marcantônio



Fonte: Acervo da autora (dez, 2018)

Figura 2 – Casa Camilo Marcantônio, década de 1910



Fonte: Projeto Memória, 2002, n.p.

81

Figura 3 – Casa Camilo Marcantônio, 1940



Fonte: Projeto Memória, 2002, n.p.

¹ Arquiteta e urbanista. Especialista em Conservação Arquitetônica: diagnóstico e intervenção pela Universidade de Caxias do Sul, RS.

Localizada em Antônio Prado, trata-se de uma das 48 edificações tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que compõe o Conjunto Arquitetônico de Antônio Prado. A cidade possui o maior acervo de casas urbanas representativas da imigração italiana, construídas entre 1890 e 1941. São casas vernaculares, com características ecléticas, executadas principalmente em madeira.

Trata-se de uma edificação de madeira e alvenaria, de uso misto (residencial, comercial e institucional), localizada na esquina formada pela Rua Francisco Marcantônio e Avenida Valdomiro Bocchese, na lateral leste da Praça Garibaldi.

A problemática da conservação do conjunto tombado de Antônio Prado é anterior ao tombamento. Quando os estudos iniciaram, na década de 80, do século XX, muitos proprietários de casas de madeira as demoliram para evitar que fossem tombadas.

Após o tombamento definitivo em dezembro de 1989 e trabalhos de educação patrimonial, parte desta resistência inicial se desfez. Uma parcela da população, com o passar dos anos, passou a se orgulhar de sua cultura, dos costumes e das tradições, que constituem seu patrimônio imaterial, como também do seu conjunto arquitetônico. Porém, pouco se tem pesquisado e atuado na intenção da manutenção dos originais autênticos, especialmente em madeira, de forma criteriosa e científica.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é produzir diagnóstico de estado de conservação, para propor diretrizes com vistas à intervenção no patrimônio construído no contexto da industrialização na Serra gaúcha, tendo como objeto de estudo escolhido a Casa Camilo Marcantônio.

As especificidades da preservação da arquitetura em madeira são inúmeras e pouco documentadas. O desafio deste trabalho foi elaborar diretrizes de intervenção para um bem imóvel tombado em nível federal, ou seja, considerado de relevância/importância nacional para a memória coletiva.

Figura 4 – Localização: Casa Camilo Marcantônio



— Lote Casa Marcantônio, Camilo
— Praça Garibaldi

Fonte: Google Earth (dez/2018), interferência da autora na base

2 HISTÓRICO E ANÁLISE EVOLUTIVA

A edificação escolhida para o estudo foi construída entre 1900 e 1905 e pertence ao Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Cidade de Antônio Prado-RS, registrada em 1989 no Livro Tombo Arqueológico, Etnológico e Paisagístico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Conforme Posenato, as edificações de Antônio Prado, representam:

[...] um período importante no contexto do acervo arquitetônico brasileiro, pelas características plásticas (formas e texturas) e técnicas (sistemas construtivos e estruturais, uso dos materiais) que a particularizam como expressão arquitetônica. (1989, p. 567)

A edificação recebeu este nome em virtude de seu primeiro proprietário, Camilo Marcantônio. Camilo era imigrante italiano e é considerado “um dos desbravadores e fundadores de Antônio Prado” (ROVEDA, 2005), pois foi contratado pelo governo do estado para abrir a primeira estrada que daria acesso à sede da nova colônia, além de demarcar os lotes. Desde sua construção, a edificação apresentou uso misto, residência e casa comercial.

A casa pertenceu à família Marcantônio por três gerações. Atualmente, possui três proprietários e está sendo usada como restaurante, residência, Ponto de Cultura e Escritório Técnico do Iphan, e, ainda, uma parte está desocupada.

A edificação sofreu diversas modificações até seu tombamento definitivo. Conforme Roveda (2005), as reformas aconteceram em virtude da melhoria do padrão econômico da família. No início, por exemplo, as janelas não possuíam vidros, eram na verdade grandes tâmpos de madeira. Em uma intervenção entre 1973 e 1975 foram instaladas esquadrias com venezianas.

O sótão foi utilizado por mais de 50 anos como “granaro”, que é uma espécie de depósito de grãos e outros materiais. Inicialmente, a casa era coberta por scandole, um tipo de telha feita de madeira; em 1922 foram substituídas por telhas metálicas onduladas.

Outra grande mudança ocorreu em virtude da alteração de níveis da Praça Garibaldi e Rua da Paz (atualmente avenida Valdomiro Bocchese). Até a década de 60, as portas eram niveladas pela Praça Garibaldi, quando a praça foi remodelada e rebaixada até o nível da atual avenida. Com esta modificação, as portas laterais (atual Rua Francisco Marcantônio) foram alongadas até o nível da rua e construídas escadas internas.

Figura 5 – Casa Camilo Marcantônio - 1915-1920



Fonte: Projeto Memória, 2002, n.p.

Figura 6 – Casa Camilo Marcantônio - fundos, década de 1960



Fonte: Projeto Memória, 2002, n.p.

É possível identificar que, inicialmente, a edificação era um volume único e com a cozinha separada (Figura 2). Depois, na década 40, ela ganhou dois anexos baixos, que provavelmente também serviam como cozinhas, originários da venda de parte da casa.

A partir deste estudo, é possível afirmar que apenas o corpo principal em madeira e base de pedra são originais, assim, considerados com maior relevância histórica.

3 ANÁLISE TIPOLOGICA

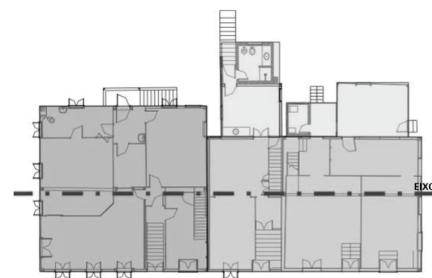
A edificação se localiza em um terreno de esquina, sem afastamento frontal em ambas as testadas e com leve aclive no sentido norte-sul.

A Casa Camilo Marcantônio se configura numa composição aditiva, definida por dois volumes principais e seus anexos. A marcação de base, corpo e coroamento é bem definida, principalmente devido ao material diferenciado empregado em cada uma das partes: o porão de pedras e alvenaria, o corpo em madeira e a grande cobertura em telhas metálicas. Na fachada norte (Figura 3), existe um equilíbrio compositivo e uma intenção de simetria por um eixo. Na fachada oeste, não há simetria, mas o ritmo das esquadrias está mantido (Figura 5).

4 ANÁLISE CONSTRUTIVA

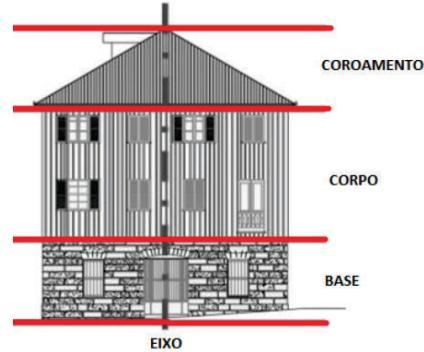
As fundações da edificação em estudo são de pedra basalto irregular. Sobre as fundações, são apoiadas toras de madeira, que funcionam como um baldrame. A edificação possui a base de pedra e alvenaria de tijolos maciços e o corpo de madeira originalmente. O porão da esquina é feito de pedra de basalto regular e aparente. O porão do centro de alvenaria de tijolos maciços já possui reboco nas paredes, e o porão próximo à divisa sul possui paredes e pilar com pedras do tipo basalto irregular e paredes de alvenaria de tijolos maciços aparentes. As paredes dos anexos aos fundos são de alvenaria de tijolos rebocados.

Figura 7 – Planta baixa - adição de partes



Fonte: Arquivo Iphan, interferência da autora na base

Figura 8 – Fachada norte



Fonte: Arquivo Iphan, interferência da autora na base

Figura 9 – Fachada oeste



Fonte: Arquivo Iphan, interferência da autora na base.

O corpo da edificação, ou seja, o primeiro e o segundo pavimentos têm paredes externas de madeira, simples e duplas, estruturadas por uma trama horizontal e vertical de barrotes de madeira. As tábuas são dispostas verticalmente, sendo que as originais possuem o comprimento equivalente a dois pavimentos, e as intervenções apresentam, na maioria das vezes, emendas. Os arremates são feitos externamente, através de mata-juntas, nas partes originais e encaixe macho-fêmea, em algumas paredes substituídas.

As paredes internas também são simples ou duplas, com mata-juntas ou com encaixes macho-fêmea e são fixadas diretamente sobre o piso. Não há o registro de alterações das paredes internas ao longo do tempo, tanto no que se refere ao posicionamento, como ao fechamento e abertura de vãos.

As estruturas dos entrepisos são de madeira, apoiadas sobre barrotes no sentido transversal, que descarregam suas forças nas paredes de pedra ou em viga madre longitudinal. O piso é feito de tábuas de madeira do tipo macho-fêmea e também de tábuas simplesmente encostadas. Nos anexos de alvenaria, o entrepiso está executado em concreto armado, sendo a laje revestida por piso cerâmico.

O telhado do volume principal é de três águas. Os volumes em anexo têm uma água apenas. A empêna lateral é de madeira e possui duas aberturas. As estruturas da cobertura são de madeira, do tipo tesoura; possuem peças robustas, cuja trama obedece a um desenho que não impede a utilização do sótão. As tesouras descarregam em barrotes de madeiras que funcionam como vigas e que, por sua vez, descarregam nos pilares. Inicialmente, as telhas eram de scandalole, sendo posteriormente substituídas por telhas de aço galvanizado. Os beirais são retos, em madeira. Segue abaixo ilustração dos principais elementos construtivos explicados através do corte transversal esquemático (Figura 5).

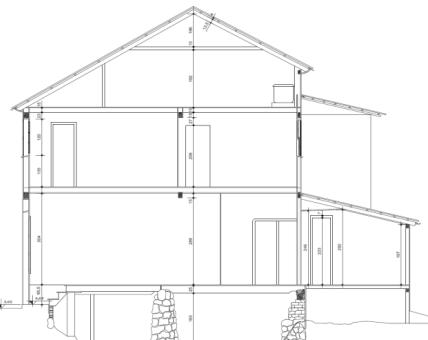
5 MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS

5.1 Fundações

As fundações estão em local sem grandes variações térmicas e umidade constante, desta forma os danos, ressaltando-se apenas a presença pontual de pátina biológica (figura 6).

Recomenda-se medições no imóvel tombado, com o objetivo de mensurar as movimentações causadas pelo impacto mecânico do peso no solo e, consequentemente na estrutura.

Figura 10 – Corte esquemático



Fonte: Arquivo Iphan, interferência da autora na base.

Figura 11 – Fundações: Casa Camilo Marcantônio



Fonte: Acervo da autora (2018)

5.2 Argamassas de revestimentos

As paredes rebocadas que compõem a base da edificação e os anexos, apresentam fissuras, perda da camada pictórica, perda de material, presença de eflorescências salinas, umidade ascendente e sujidades (Figura 7).

A presença de fissuras nas alvenarias rebocadas com argamassa de cimento deve-se a problemas de impacto mecânico em uma parte e, em outra, pela variação térmica combinada com a umidade ascendente e descendente, que favorece a reação química da água no processo de solubilização de sais, como carbonatos, nitratos e sulfatos, utilizados na argamassa de cimento utilizada no assentamento dos tijolos. A esta ocorrência dá-se o nome de eflorescência salina. Nos locais onde a eflorescência salina é mais concentrada, observa-se a perda de material deste fenômeno.

5.3 Madeiras: estruturas, paredes, forros e assoalhos

A utilização da madeira, nos diferentes elementos construtivos da Casa Marcantônio, torna este o principal material encontrado na edificação e, consequentemente, o que apresenta o maior número de manifestações patológicas.

O intemperismo, neste caso, a ação do sol (raios ultravioletas) e das chuvas causam uma série de manifestações patológicas: empenamentos nas madeiras, trincas e descascamentos nos revestimentos (camadas pictóricas); e acinzentamento associado a fungos.

Quanto aos agentes biológicos atuantes, observamos fungos que emboloram, mancham e apodrecem as madeiras com a presença de umidade. E também insetos como brocas e cupins que se alimentam das madeiras secas (Figura 8).

A localização da edificação, a orientação solar, a altura do prédio, o tipo de camada pictórica (tinta à base de óleo) e os detalhes construtivos da fachada (como beirais pequenos) são alguns dos fatores que contribuem para a aceleração do intemperismo sobre as madeiras.

Ao observarmos as fachadas do prédio como um todo, podemos concluir que as fissuras, os fendilhamentos, os abaulamentos, a perda de material, concentram-se, principalmente, nas áreas onde a umidade é mais constante.

Figura 12 – Anexos em alvenaria: Casa Camilo Marcantônio



Fonte: Acervo da autora (2018).

Figura 13 – Assoalhos: Casa Camilo Marcantônio



Fonte: Acervo da autora (2018).

Os fechamentos externos em madeira apresentam manifestações patológicas ocasionadas por agentes biológicos, como, fungos, especialmente xilófagos, principalmente na fachada sul, causando podridões; insetos, como os térmitas de madeira seca; além de formigas, bactérias e roedores ocasionais (Figura 9).

Identificam-se manifestações patológicas de origem mecânica, como deformações e rupturas, além de manifestações patológicas de ordem física, como umidade concentrada. Estes problemas são recorrentes nos revestimentos de madeira do primeiro e segundo pavimentos, além do sótão e na estrutura da cobertura (Figura 10).

Em função dos detalhes construtivos, existem locais onde a permanência da água é favorecida, como, sob as vergas, logo abaixo das mata-juntas e presilha externa de venezianas.

A ausência de pingadeiras, perda de partes dos dutos de escoamento de águas, e de inclinação adequada de alguns elementos arquitetônicos, presentes nas fachadas, permite que a água percorra na face das paredes. Nestes locais, em função da técnica construtiva, as madeiras apresentam maior disposição para o aparecimento de fendilhamentos, ressecamento com retração das fibras. Como estas áreas ficam protegidas de uma insolação direta, as águas que ali chegam levam mais tempo para evaporar tornando a região permanentemente úmida, favorecendo a biodeterioração.

Parte da edificação (primeiro e segundo pavimentos na esquina) está fechada, sem uso, desta forma, mantém a umidade interna elevada, causando patologias sobre as paredes internas e criando ambiente propício à atuação de térmitas, fator preponderante na biodegradação dos elementos em madeira.

5.4 Telhas

As telhas apresentam oxidação pontual, algumas deformações mecânicas causadas pela incidência de ventos e alguns desnívelamentos, especialmente nos anexos da edificação, possibilitando a ação da umidade descendente (Figura 11).

Figura 14 – Fachada Sul



Fonte: Acervo da autora (2018).

Figura 15 – Assolho: de madeira segundo pavimento



Fonte: Acervo da autora (2018).

87

Figura 16 – Entelhamento



Fonte: Acervo da autora (2018).

5.5 Calhas e tubos de queda

As calhas de modo geral estão subdimensionadas e com pontos de oxidação. Além disso, apresentam desnívelamento acentuado, especialmente nos anexos aos fundos e na fachada oeste.

Os tubos de queda estão posicionados equivocadamente na fachada posterior e, na fachada oeste, alguns condutores estão rompidos, concentrando a umidade nos fechamentos em madeira.

5.6 Esquadrias

Assim como os fechamentos externos em madeira, as portas e janelas apresentam manifestações patológicas ocasionadas por agentes biológicos, como, fungos, especialmente xilófagos principalmente na fachada sul, causando podridões; insetos, como os térmitas de madeira seca (Figura 12), além de formigas, bactérias e roedores ocasionais.

Identificam-se manifestações patológicas de origem mecânica como deformações e rupturas, além de manifestações patológicas de ordem física, como umidade concentrada, especialmente nas soleiras da fachada sul (Figura 13).

6 DIRETRIZES PARA INTERVENÇÃO

Com base na análise evolutiva, tipológica e construtiva, juntamente com o diagnóstico do estado de conservação, constatou-se que os principais causadores de manifestações patológicas na edificação tombada, denominada Casa Camilo Marcantônio, são os agentes intrínsecos à madeira, elemento componente predominante na edificação, além dos agentes extrínsecos relacionados às características da edificação.

Os fatores citados acima, somados à passagem do tempo, o intemperismo e as ações (ou ausência delas) antrópicas resultaram no estado de conservação atual do objeto deste estudo.

A partir do exposto, demonstramos através da planta baixa, os locais que deverão ser mantidos e restaurados, respeitando os originais autênticos e aplicando os tratamentos terapêuticos adequados e também os anexos que poderão ser removidos.

Figura 17 – Esquadrias: fachada oeste



Fonte: Acervo da autora (2018)

Figura 18 – Esquadria: fachada sul



Fonte: Acervo da autora (2018)

Figura 19 – Planta baixa intervenções



Fonte: Levantamento do Iphan, interferência da autora na base (abr/2019)

Após realização de toda está análise, considerou-se que os anexos localizados na fachada leste não são originais, tampouco “dialogam” esteticamente com o restante da edificação e ainda são responsáveis por manifestações patológicas existentes nos originais autênticos. Portanto, consideramos a fachada leste o local ideal para futuras intervenções, sempre respeitando os conceitos modernos dos restauros e as diretrizes internacionais.

Quanto aos tratamentos, entende-se que estas soluções vão desde a aplicação de produto para eliminar uma infestação até intervenções mais profundas, que removem partes degradadas e substituem com um novo material. Qualquer intervenção deve atender às recomendações do ICOMOS (1999).

6.1 Tratamentos

Para a eliminação dos agentes bióticos, normalmente é utilizada a aplicação de produtos biocidas. Porém, nas edificações de madeira existe a dificuldade de encontrar uma solução definitiva para eliminar uma infestação. Pelo grande volume de madeira, os agentes bióticos podem migrar para outras peças que não foram tratadas. Outro aspecto é a dificuldade de acesso a determinados locais da edificação, para realizar a manutenção e aplicar tratamento. A forma de tratamento também deve ser adequada às dimensões da peça, para que o produto possa atingir toda a madeira, penetrando com a profundidade necessária. É importante, no tratamento, escolher um produto que também ofereça ação residual na madeira, para, desta forma, estar tratando de forma preventiva a ação de novos insetos. A eliminação da infestação dos fungos deverá ser feita através do controle da fonte de umidade e produtos fungicidas.

Conforme Driemeyer (2009), o controle para evitar a infestação de insetos de ciclo larval é feito com aplicação de soluções preservantes na madeira, antes de sua utilização. A presença de pequenos orifícios mostra que a peça já foi atacada e o inseto não está mais na madeira; mesmo assim, é recomendada uma ação preventiva de aplicação de inseticida.

Figura 20 – Mapeamento de patologias: fachada sul



Fonte: levantamento do Iphan, interferência da autora

Figura 21 – Prospecção madeiras: fachada sul



Fonte: Acervo da autora (2018)

Nas madeiras atacadas por cupins de madeira seca, Driemeyer (2009) recomenda o tratamento ou a remoção da parte infestada, para eliminar uma fonte contínua de novas infestações de cupins. O tratamento pode ser feito com produtos cupinicidas, aplicados diretamente sobre a madeira infestada, já que a colônia fica restrita à peça atacada. A madeira que substituirá a peça removida deverá ser tratada antes de sua utilização, a fim de evitar a ocorrência de novos ataques.

Para o tratamento das manifestações patológicas relacionadas aos agentes abióticos, recomenda-se a proteção superficial, que atue como um “escudo físico”, necessitando de manutenção e repinturas regulares para desempenhar sua função adequadamente. A tinta aplicada externamente está permanentemente sujeita à degradação pela ação do intemperismo.

Nos locais onde é identificada a necessidade de remoção, recomenda-se remover a tinta até a camada saudável seguinte, usando-se os meios mais suaves possíveis (raspagens e uso de lixa) e, em seguida, proceder com a repintura. Desta forma, a nova tinta adquire boa aderência, desde que a camada anterior esteja uniforme e fortemente aderida à madeira, e que a superfície esteja adequadamente preparada para receber a nova pintura, isenta de pó, material desagregado e enfraquecido pela lixa. Nas superfícies externas que apresentam fissuração profunda generalizada, ou possuem bolhas ou descamações extensas, de forma que esteja visível a madeira nua, normalmente Look e Weeks (1982) recomendam a remoção total da tinta antiga antes da repintura.

Para a escolha das tintas para repinturas o IPT (1986) recomenda o uso de produtos/princípios ativos ambientalmente legais e compatíveis com as tintas anteriormente utilizadas.

Figura 22 – Mapeamento de patologias: corte AA



Fonte: levantamento do Iphan, interferência da autora

Figura 23 – Prospecção maderias: barrotes porão



Fonte: Acervo da autora (2018).

A manutenção da pintura pode ser feita com ações regulares de limpeza das sujidades (poeira, fuligem, poluição atmosférica, teias de aranha, entre outros), que tendem a aderir às superfícies pintadas.

7 CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

Após a realização das intervenções necessárias, a garantia do estado com conservação de excelência da Casa Camilo Marcantônio, recomenda-se a conservação preventiva.

A conservação tem o significado de preservar, tanto no sentido de manter em boas condições para o uso como no sentido de manter no tempo, evitando o aparecimento de problemas e garantindo a manutenção de seus valores históricos e estéticos (IPHAN/PROGRAMA MONUMENTA, 2008).

A conservação preventiva, conhecida também como conservação passiva ou indireta, não possui uma definição universalmente aceita. Para Driemeyer (2009), conservação preventiva pode ser entendida como um conjunto de ações de intervenções indiretas, visando ao retardamento da degradação e impedindo desgastes pela criação de condições ideais para a conservação dos bens culturais, de forma que estas medidas sejam compatíveis com a utilização social.

Inicialmente, a conservação preventiva foi adotada como uma metodologia para museus; atualmente é amplamente discutida na preservação do patrimônio arquitetônico. A conservação preventiva como medida de preservação deve ser realizada, segundo Alarcão (2007), através de um estudo minucioso e científico dos materiais constituintes dos edifícios, das suas técnicas construtivas, dos agentes causadores e dos mecanismos de sua deterioração, buscando evitar, controlar ou reduzir esses processos.

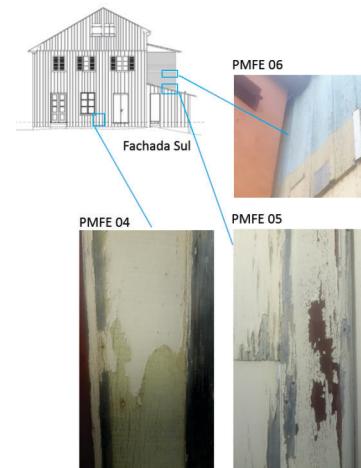
Os objetivos da conservação preventiva são a diminuição ou eliminação das causas da deterioração e na descoberta precoce das ameaças, evitando que edifícios venham a sofrer intervenções curativas. Antes de ser um problema técnico-científico, a preservação dos bens valorados é uma questão de mentalidade:

Figura 24 – Investigação pictória: Fachada Oeste



Fonte: levantamento do Iphan, interferência da autora

Figura 25 – Investigação pictória: Fachada Oeste



Fonte: levantamento do Iphan, interferência da autora

A conservação preventiva exige consenso de muitos saberes altamente especializados e diversificados, e uma coordenação eficaz. Não sendo obrigado a dominar todos esses saberes, o especialista em conservação preventiva é obrigado a ter competências para utilizá-los e para dialogar com os diferentes atores de cada área específica. (ALARÇÃO, 2007, p.11)

As vantagens da conservação preventiva são significativas, porém apresentam resultados a longo prazo. Quanto à questão científica, a autenticidade de um objeto é inversamente proporcional ao número de intervenções sofridas. O que resulta, no aspecto econômico, afirmar que as inspeções e a manutenção utilizam menos recursos que as intervenções de recuperação e restauração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diretrizes para conservação e intervenção da Casa Camilo Marcantônio foram desenvolvidas a partir dos preceitos contemporâneos do restauro, que indicam que não existem fórmulas prontas, apenas critérios de intervenção aceitos internacionalmente, critérios estes científicos e que servem para nortear a tomada de decisões, em projetos de restauração e refuncionalização, devendo, contudo, respeitar as especificidades do valorado.

92

Num primeiro momento, os estudos das características do entorno e do bem propriamente dito, através das análises: históricas, evolutiva, tipológica e construtiva, foi muito importante para compreender o objeto no todo e nas partes. No mesmo sentido, foi importante o levantamento de dados, entre eles o levantamento cadastral e sua conferência. Entendido o objeto, foi fundamental o estudo dos mecanismos de degradação atuantes, abordados a partir de procedimentos teóricos e científicos.

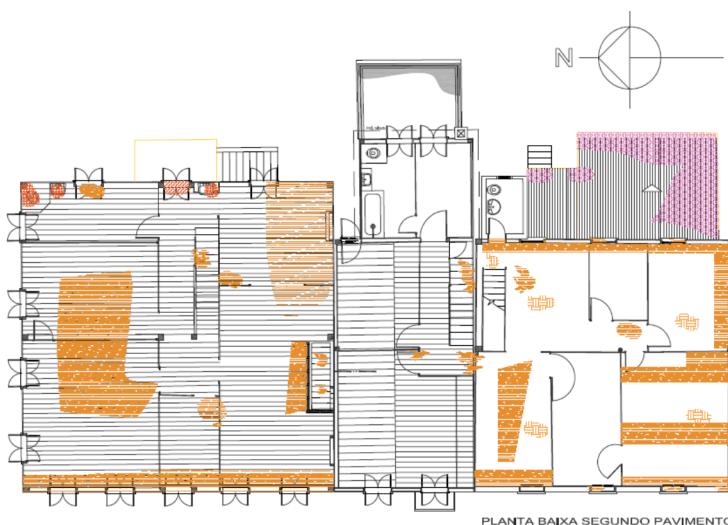
No final, espera-se que o trabalho tenha atendido aos objetivos propostos inicialmente, os de criar diretrizes para conservação e intervenção, indicando o grau de originalidade, fundamentando futuros projetos de restauração para a Casa Camilo Marcantônio.

Para uma próxima etapa do projeto, além das valiosas contribuições dos avaliadores, acredita-se ser necessário elaborar fichas de diagnóstico complementares e evoluir quanto às indicações terapêuticas necessárias a algumas manifestações patológicas encontradas. Além disso, tratando-se da especificidade da preservação e conservação da arquitetura em madeira, seria muito interessante a elaboração de planos de conservação aplicáveis a curto, médio e longo prazos.

O desafio deste trabalho foi elaborar diretrizes de intervenção para um bem imóvel tombado, em nível federal, ou seja, considerado de relevância/importância nacional para a memória coletiva.

Espera-se que as discussões promovidas conduzam ao entendimento da importância da preservação do patrimônio edificado, especialmente dos materiais e das técnicas originais e autênticos, através das intervenções baseadas em critérios técnicos e científicos aplicáveis às especificidades de cada objeto.

Figura 26 – Mapeamento de patologias: planta baixa 2º pavimento



Fonte: levantamento do Iphan, interferência da autora

REFERÊNCIAS

ALARÇAO, Catarina. Prevenir para preservar o patrimônio museológico. *Revista do Museu Municipal de Faro*. 2007. Disponível em: <http://mnmachadodecastro.imcip.pt/Data/Documents/Prevenir%20para%20preservar%20o%20patrimonio%20museol%C3%B3gico.pdf>. Acessado em: 13 mar. 2019.

DRIEMEYER, Rute Ângela. *Manual de conservação – edificações históricas de madeira*. 2009. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

ICOMOS (INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES. Princípios para a preservação das estruturas históricas em madeira. 12º Assembleia Geral no México, outubro de 1999. Disponível em <http://www.quintacidade.com/wp-content/uploads/2008/03/principios-para-a-preservacao-das-estruturas-historicas-em-madeira.pdf>. Acessado em: 13 mar. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS. *Manual de preservação da Madeira*. São Paulo: Editora IPT, 1986. Vol I e II.

IPHAN. Programa Monumenta. *Manual de Conservação Preventiva para Edificações*. Disponível em http://www.monumenta.gov.br/upload/Manual%20de%20conservação preventiva_1168623133.pdf. Acessado em: 13 mar. 2019.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Arquivo Escritório Técnico de Antônio Prado/RS.

LOOK, David W; WEEKS, Kay D. *Problemas das pinturas sobre madeiras históricas exteriores*. Disponível em: <http://www.quintacidade.com/wp-content/uploads/2008/04/problemas-das-pinturas-sobre-madeiras-históricas-exteriores.pdf>. Acessado em: 13 mar. 2019.

POSENATO, Júlio (org). *Antônio Prado: cidade histórica*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST Edições, 1983.

ROVEDA, Fernando. *Memória & Identidade: Antônio Prado, Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Caxias do Sul, 2005.

CENTRO CULTURAL DE ANDRÉ DA ROCHA, RS

Diretrizes para a conservação do patrimônio construído

Tanéia Roncato¹

RESUMO

Este artigo apresenta resultado de estudos de conservação do prédio do Centro Cultural, patrimônio cultural da cidade de André da Rocha - RS. Foram elaborados estudos históricos, tipológicos, evolutivos e construtivos que serviram de base para a produção de diagnóstico do estado de conservação do bem propondo diretrizes com vistas à intervenção no patrimônio construído em madeira, na Serra gaúcha e a manutenção desses originais.

Palavras-chave

Arquitetura. Patrimônio. Conservação. Restauro em Madeira. Centro Cultural de André da Rocha - RS.

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo é uma edificação predominantemente de madeira de uso institucional, que abriga hoje o Museu Municipal a Biblioteca Genny D'Ávila Reis e a Casa do Artesão. Está localizada na Praça Tiago Coccolini, centro de André da Rocha e é um exemplar de casa urbana construída nos mesmos moldes das casas amplamente utilizadas, no período da colonização.

O objetivo deste artigo é descrever o estado de conservação de um patrimônio original e autêntico, apontando diretrizes para o projeto de intervenção e propõendo diretrizes com vistas à intervenção no patrimônio construído em madeira, na Serra gaúcha.

Deve ser salientada a importância da compreensão do processo construtivo utilizado, na medida em que permitirá uma análise mais clara de todas as condicionantes, ampliando as formulações teóricas a respeito dos métodos para a elaboração de diretrizes em imóveis de madeira: o uso do material, as diferentes formas de preservação, bem como as práticas de restauração empreendidas, para que as intervenções sejam tecnicamente perceptíveis e reversíveis.

Figura 1 - Centro urbano de André da Rocha



Fonte: Google Maps.

Figura 2 - Fachada noroeste



Fonte: Acervo do autor (2018).

Figura 3 - 1955 início da obra de ampliação da Igreja



Fonte: JACQUES; VOLPATO 19988. (p. 72)

95

¹ Arquiteta e Urbanista formada na Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Conservação Arquitetônica: diagnóstico e intervenção pela Universidade de Caxias do Sul, RS.

2 A ARQUITETURA EM MADEIRA

A conservação do patrimônio construído é uma questão que vem ocupando espaço cada vez maior nos debates, já que o número de bens protegidos está aumentando significativamente e, ao contrário do que acontecia antes, o interesse pela preservação está se voltando para um conjunto muito mais extenso de obras e áreas envoltórias que, com o tempo, adquiriram significação cultural. (KHUL, 2008)

No início da colonização italiana, cerca de 85% das casas e a quase totalidade das edificações complementares foram feitas em madeira. (REITZ e KLEIN, 1988) Esta primeira arquitetura se caracterizava pelo emprego generoso do trabalho humano livre, pela diversidade de soluções, por uma linguagem arquitetônica própria e usos dos materiais do entorno.

Segundo Posenato (1989 p.23), três fatores fundamentam essa arquitetura: materiais disponíveis no próprio local; herança cultural (habilidade trazida da Itália), ideologia ao trabalho, o fascínio à posse da terra. A forma característica da arquitetura em madeira da montanha alpina italiana não foi transplantada para o nosso meio. Na verdade, os imigrantes utilizaram a madeira para com ela recriar a forma da arquitetura em alvenaria própria da colina italiana.

A madeira é um material fora do tempo, difícil de entender e de usar. Resolver o problema da durabilidade da madeira é o grande desafio e conhecer como esta degrada, e quanto para isso contam os insetos (que comem a parte externa da madeira), quanto contam os fungos, o que significa a umidade ou água em todas as suas formas: líquida, gasosa, sólida umidade de condensação, etc. O conhecimento do material nunca é completamente medido, já que se trata de um material orgânico e por sua intrínseca natureza tende a retornar para o meio.

Para Laner (2011), o convite é olhar para as soluções do passado como possibilidade para o novo construído. A história nos apresenta margens de ensino edificatório e capacidade de entender a manufatura de acordo com o conceito da época na qual a obra foi executada, mesmo que com interpretações contemporâneas.

Deve-se compreender como funcionam as estruturas e a consistência da matéria, sem que se perca a inteligência construtiva. Os pedaços da madeira são substituíveis e se propõem a uma desarticulação e rearticulação, nos ensinando assim humildade e perseverança; de uma parte a alma, de outra a materialidade do corpo.

Figura 4 -Eixo principal de ligação da cidade
- localização do edifício do Centro Cultural

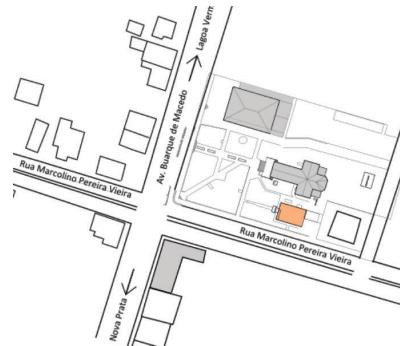


Figura 5 - Entorno da Praça Pe. Tiago Coccoolini



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 6 - Detalhe de subtração - fachada frontal



Fonte: Acervo da autora (2018).

3 ESTUDO DE CASO

O centro urbano de André da Rocha, RS, é marcado pela intersecção dos eixos principais de ligação da cidade, é passagem obrigatória de ligação intermunicipal e tem, como ponto de destaque, a praça Padre Tiago Coccolini.

É a área verde mais importante do ponto de vista histórico, pois está vinculada às origens da cidade e participa do cotidiano da população, já que se encontram ali também a Igreja Matriz e o Salão Paroquial.

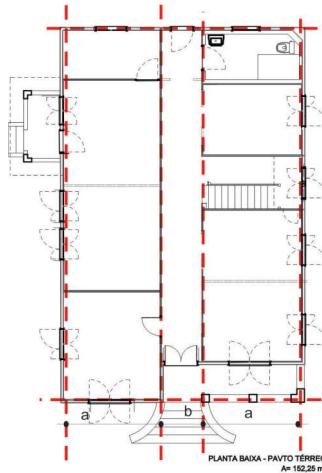
O edifício foi construído em 1953, com a finalidade de servir como Casa Paroquial, quando a Capela de São Sebastião passou a ser Paróquia.

Ao longo de seus 66 anos, o prédio passou por algumas adaptações e descaracterizações, para desempenhar diversas funções, desde a original, que era a de abrigo aos padres da Ordem dos Servos de Maria, existindo concomitantemente como casa de estudantes, agência dos Correios e consultório dentário. Constituída por dois pavimentos, a edificação possui área construída total de 279,67m². Olevantamento cadastral só foi iniciado em novembro de 2017 e compreende as atividades de leitura e conhecimento da forma da edificação e do terreno, obtidos por meio de vistorias e levantamentos, representados gráfica e fotograficamente.

3.1 Análise tipológica

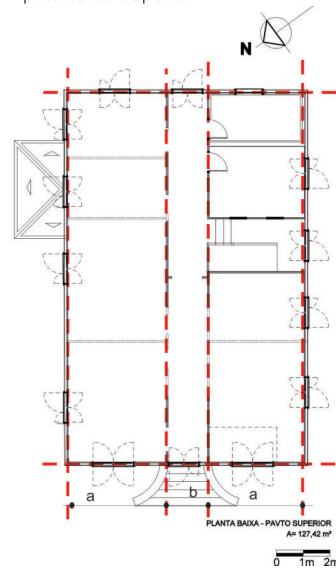
Compositivamente, o prédio apresenta um corpo prismático, compacto, em madeira. A marcação de base, o corpo e coroamento estão definidos, principalmente devido ao material diferenciado empregado em cada uma das partes: a base, com gateiras, é em alvenaria, o corpo em madeira com cobertura de quatro águas em telhas de barro com beirais em madeira. Os acessos, tanto o principal quanto o lateral, são marcados por adições ou subtrações, empregando alvenaria em tijolos. O piso alargado na parte inferior da escada de acesso ao prédio e o patamar visível convidam à subida e permitem o movimento vertical entre o nível do espaço externo e o edifício. Com a composição de planta

Figura 7 - Simetria: planta baixa pavimento térreo



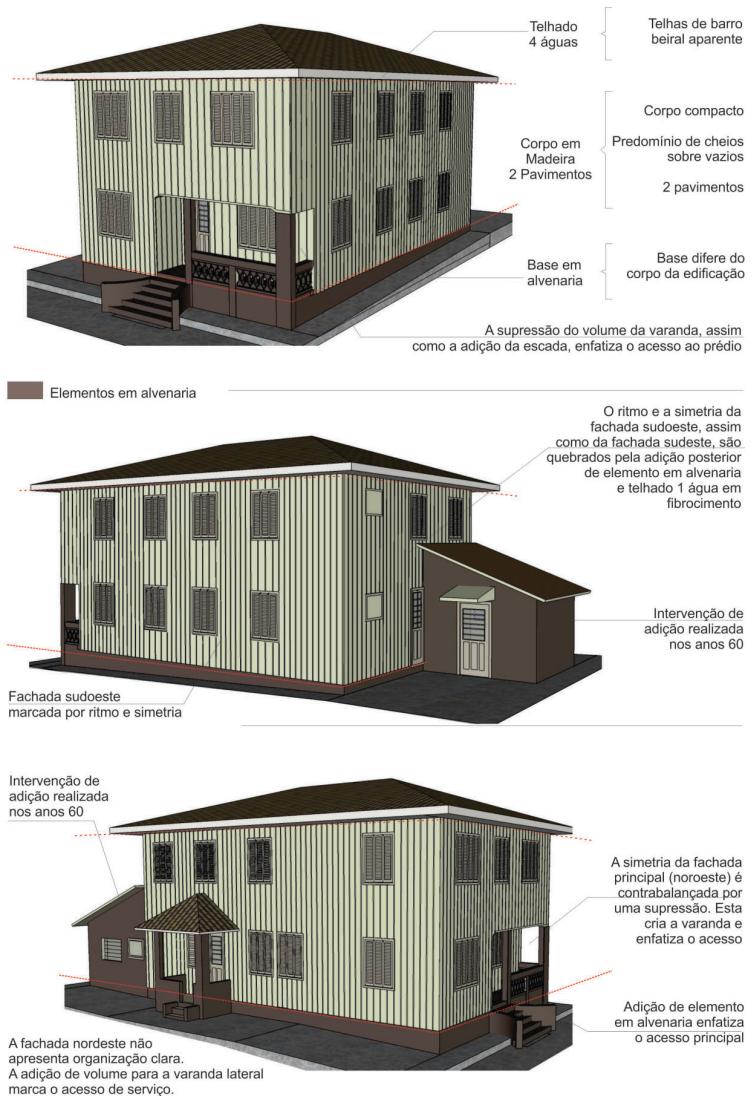
Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 8 - Simetria: planta baixa pavimento superior



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 9 - Análise formal - fachada



tripartida, possui um eixo de simetria no sentido longitudinal, marcado pelo corredor de acesso principal e interior do prédio.

3.2 Estrutura de madeira

Segundo Laner(2019), do ponto de vista histórico da conservação do patrimônio, o conhecimento voltado para o passado é indispensável. Devemos conhecer a técnica, as tecnologias e as normas com as quais o objeto foi construído e respeitar a manufatura, sua concepção, encontrando dessa forma os meios para a sua recuperação.

Piso e teto - No piso do pavimento térreo, o barroteamento de madeira faz toda a transferência dos esforços para a base e para os pilares em alvenaria. O piso superior é responsável pelo contraventamento dos elementos estruturais verticais, possibilitando o apoio do assoalho do pavimento na face superior, e, na face inferior, o forro do piso é abaixo.

Cobertura - A solução de coberturas apresentada é a inclinada, com telhado em quatro águas e inclinação de 60% e telhas francesas, é constituída por uma estrutura principal, da qual fazem parte as tesouras, terças, os caibros e as ripas.

Paredes - O corpo da edificação tem paredes duplas de madeira, estruturadas por uma trama horizontal e vertical de barrotes. As tábuas externas estão dispostas verticalmente, em um comprimento correspondente à altura total da edificação e a arremates feitos através

Figura 10 - Estrutura em madeira - corte

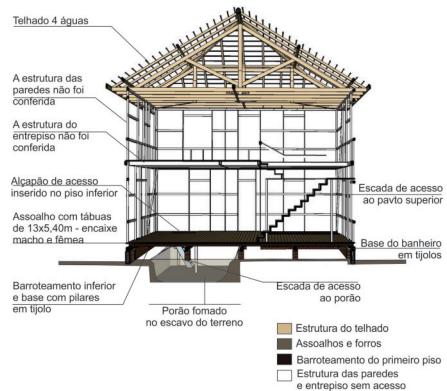
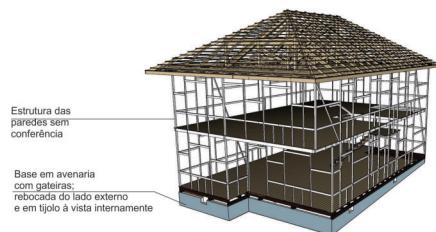
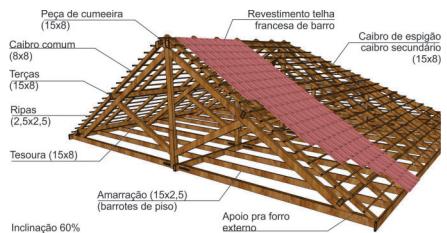


Figura 11 - Estrutura em madeira - perspectiva



99

Figura 12 - Estrutura do telhado



Fonte: Elaboração da Autora.

de mata-juntas. As paredes internas, fixadas diretamente sobre o piso, são simples, com madeiras de encaixe do tipo macho-fêmea.

4 DIAGNÓSTICO

A preexistência é o que nos condiciona. A fase de diagnóstico ou investigação do existente, através de exames laboratoriais e extração de corpos de prova, é fundamental para o resultado e o desempenho do restauro, já que permite identificar e retratar as características construtivas existentes do ponto de vista de conservação ou degradação, resistências dos materiais e sua potencial vida útil, podendo ampliar as formulações teóricas a respeito dos métodos de elaboração de diretrizes, para a intervenção e manutenção dos originais autênticos em madeira, recorrentes na região, além das especificidades da preservação desse material.

4.1 Manifestações patológicas

Mapeamento de danos

O levantamento das manifestações patológicas do prédio do Centro Cultural foi realizado no mês de março de 2019, com ilustração dos danos observados em desenhos técnicos (plantas, fachadas e cortes).

Avaliação do estado de conservação do volume principal

100

Podemos tratar o Prédio do Centro Cultural em duas partes distintas: o volume principal e o anexo. Levando em conta que o anexo é uma construção posterior, todo executado em alvenaria de tijolos e telhas metálicas, representa um elemento totalmente desconectado em termos de tipologia, forma e função; além da junção direta de materiais distintos, este não reflete ganhos no conjunto como um todo. Dessa forma, o anexo não será analisado.

Barroteamento do 1º piso: sistema de linhas de apoio e barrotes em madeira, apoiados sobre alvenarias em tijolos do porão. Observa-se a existência de pequenos furos com uma serragem clara no seu exterior, porém não é visível a perda de dimensão das peças. Recomenda-se um trabalho de limpeza das peças, com posterior imunização.

Pisos: com exceção do piso dos banheiros e das varandas, os ambientes possuem assoalho de madeira aparente, que na sua grande parte, possui boas condições de conservação. Observam-se marcações nos locais onde houve a retirada de paredes para alteração de leiaute e alguns pontos de ataque de insetos. Observa-se ainda manchas de degradação em locais próximos às janelas mais

Figura 13 - Planta de pisos - pavimento térreo / mapeamento de danos

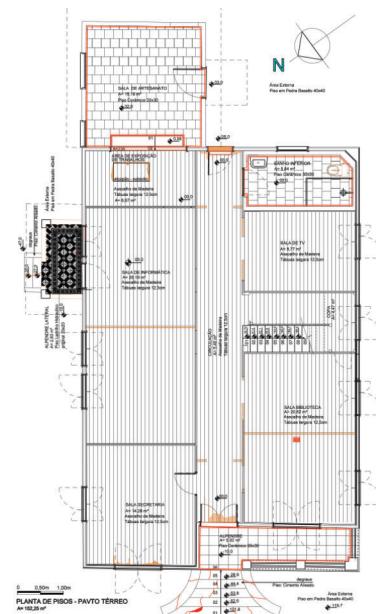
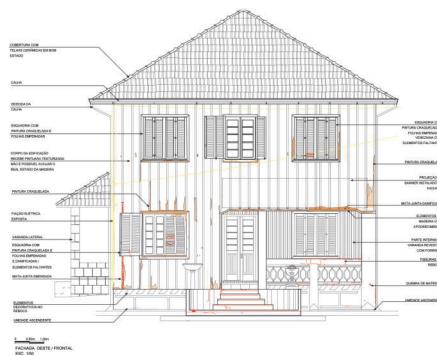


Figura 14 - fachada noroeste - frontal / mapeamento de danos



Fonte: Elaboração da autora.

Figura 15 - Corte AA'- mapeamento de danos

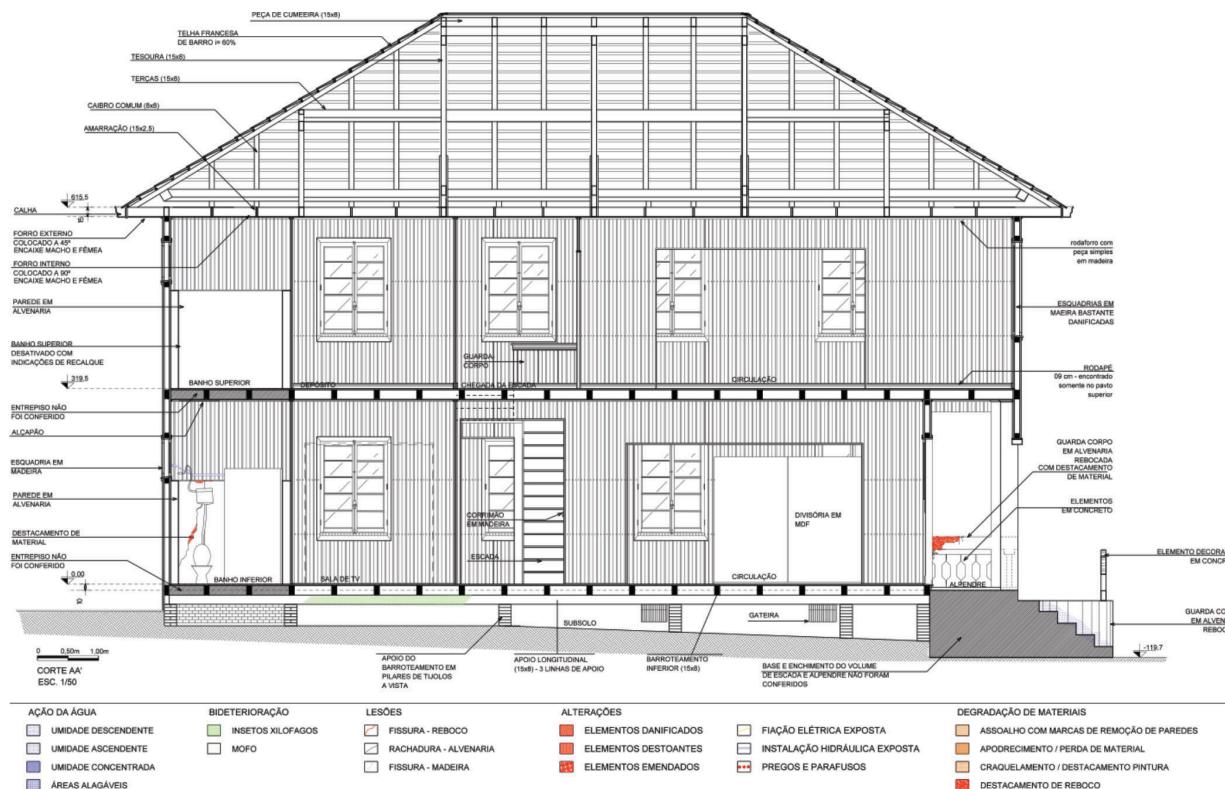


Figura 15- Corte AA'- mapeamento de danos

Fonte: Elaborado pela autora.

Fonte: Elaborado pela autora.

danificadas, além da peça de soleira da porta dos fundos totalmente deteriorada pelo atrito e pela umidade ascendente.

Forros: os forros, do tipo macho-fêmea encontram-se, na sua maior parte, bem conservados. Pequenos pontos de deterioração são visíveis no pavimento superior pela ação de umidade oriunda da entrada de águas de chuva, através de deficiências na cobertura.

Fechamentos: as divisórias internas em forrinho simples apresentam um bom estado de conservação. Externamente, o corpo do prédio recebeu uma pintura texturizada que dificulta a avaliação do estado geral do material. Nas paredes sul e leste, observam-se degradações originárias da umidade ascendente, o que fez com que instalassem um rodapé em pedra para evitar o contato com a água. Em alguns pontos, percebemos a existência de orifícios ocasionados por abelhas. Na fachada oeste, os maiores danos se devem à incidência do sol e das chuvas.

Esquadrias: externamente, as esquadrias possuem muitos pontos com quebra e deterioração de material. Folhas em madeira empenadas pela ação das intempéries e do sol, principalmente na fachada frontal da edificação.

Nos espaços internos, o aspecto geral de pintura e das superfícies em madeira é satisfatório, porém o estado geral das aberturas é precário. As ferragens são muitas vezes compostas por peças de modelo e tamanho diferenciado em uma mesma esquadria.

Cobertura: as peças estruturais em madeira da cobertura encontram-se em perfeito estado de conservação, assim como as

Figura 16 - Esquadria com pontos de deterioração
- fachada frontal/noroeste



Figura 17 - Fachada sudoeste - orifícios
ocasionados por insetos, umidade ascendente e
emenda da madeira alteração lay-out

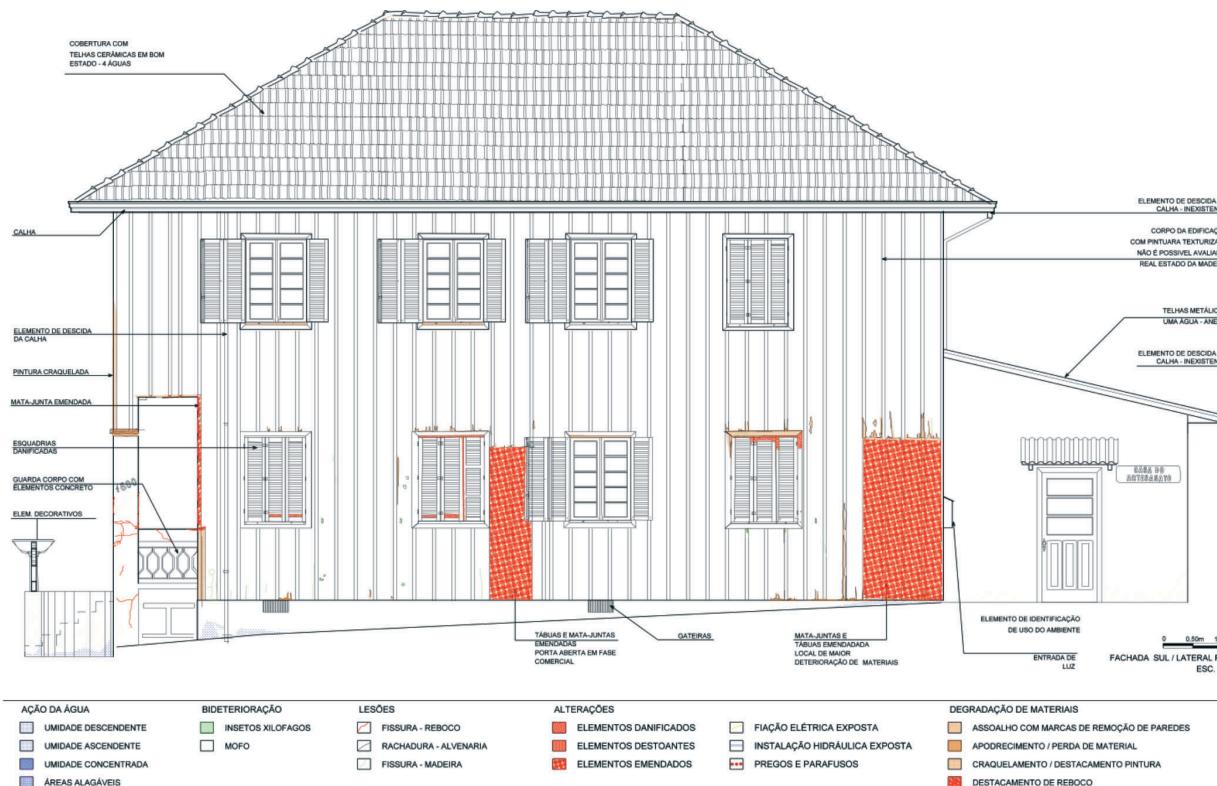


Figura 18 - Pavimento superior - forro, piso e
divisórias em amadeira - marcas de madeira -
alteração de leiaut



Fonte: Acervo do autor (2018).

Figura 19 - Fachada sudoeste - lateral rua / mapeamento de danos



telhas cerâmicas, que não apresentam mais pontos de entrada de águas da chuva.

5 DIRETRIZES PARA INTERVENÇÃO

Como primeira diretriz, sugere-se a supressão do anexo em alvenaria, já que se configura como um elemento desconectado do conjunto. No volume principal, que deve ser totalmente conservado, devemos levar em consideração o material: madeira.

O estado e as características de conservação emecânicas são elementos fundamentais para decidir qual ação de reabilitação deve ser tomada. É necessário intervir e projetar, sendo que para isso deve-se compreender como funcionam as estruturas e a consistência da matéria. Chegamos a uma compreensão aprofundada da obra e do ambiente construído, através da disponibilização do acervo documental, de textos, dados históricos, fotografias e plantas arquitetônicas, que, além de tudo, contribuem para os estudos que enfocam a identidade e a legibilidade do patrimônio cultural.

O projeto de restauro e consolidação das estruturas de madeira, geralmente, depende mais da concepção estrutural do objeto de estudo que do estado de degradação propriamente dito; os pedaços de madeira são substituíveis. Para isso é importante dar-se conta dos diversos modos de dar segurança e durabilidade a uma estrutura e tirar partido dos muitos métodos e das concessões que podemos fazer, através do uso de materiais modernos. (LANER, 2011)

104

Como proposta temos a substituição da parte comprometida da madeira, já que temos todos os documentos e sabemos como a estrutura é feita. Dessa forma, o processo se converte em economia: não é necessário que o monumento seja desfeito para que se coloque dentro dele outro material, implicando custos para o monumento e para toda a comunidade.

Deve-se registrar – e disponibilizar para consulta pública – os critérios que subsidiaram as decisões tomadas, deixando claro se foram levados em conta fatores como a porcentagem de peças danificadas em cada caso, e os custos dos diferentes procedimentos passíveis de serem utilizados.

Restaurar não mais é voltar ao estado primitivo da obra, nem a um estágio anterior qualquer, mas respeitar plenamente qualquer obra reconhecida, seu transcurso ao longo do tempo, independentemente da maior ou menor apreciação pelo seu valor “artístico”.

Segundo Kühl (2005), o respeito pelas obras é requisito essencial quando se trata de monumentos históricos, e sua preservação está baseada, hoje, em razões culturais, científicas e éticas. A restauração não representa uma dissociação desses bens com a realidade, já que estes são instrumentos da memória coletiva e portadores de conhecimento em vários campos do saber. Desempenham um papel simbólico, memorial e formal. Preservar monumentos históricos significa assegurar a identidade e a diversidade das cidades em meio as constantes transformações, que decorrem no tempo.

Figura 20 - Instalações elétricas e hidráulicas deficitárias



Figura 21 - Fachada sudoeste - instalação do 'rodapé' em basalto



Figura 22 - Madeiramento telhado em perfeitas condições



Fonte: Acervo da autora (2018).

REFERÊNCIAS

DINTORNI, Mincio. *Intervista all'architetto Franco Laner*:1 post (11min 10s). Postado em: 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OCG7VKKK3io>. Acesso em: 16 mar. 2019.

JACQUES, Isabel J.D.; VOLPATO, Sirlei Ana M.. *André da Rocha: de Pouso de Tropeiros a Município*. 1. ed. Caxias do Sul: Educhs, 1998. v. 01. 241p.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos*. R. CPC, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 16-40, nov. 2005/abr. 2006.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008

LANER, Franco; *Il restauro delle strutture di legno* - Palermo: Grafill 2011 – (Manual, 103)

POSENATO, Julio (org.). *Antônio Prado: cidade histórica*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

REITZ, Raulino; KLEIN, Roberto M.; REIS, Ademir. *Projeto madeira do Rio Grande do Sul*. Governo do Rio Grande do Sul, RS, 1988.

